



MINUTA CIDADE

ESCRITORES FALAM
SOBRE CIDADES
AMERICANAS

MINHA CIDADE

ESCRITORES FALAM SOBRE CIDADES AMERICANAS

CONTEÚDO

INTRODUÇÃO <i>por</i> Claire Messud	2
A POESIA DAS PONTES <i>por</i> David Bottoms	7
A VELHA BALTIMORE <i>por</i> Jonathan Yardley	13
FANTASMAS <i>por</i> Carlo Rotella	19
CHICAGO ÁGUA-MARINHA <i>por</i> Stuart Dybek	25
HOUSTON: CIDADE EXPERIMENTAL <i>por</i> Fritz Lanham	31
TERRA DOS SONHOS <i>por</i> Jonathan Kellerman	37
SONAMBULISMO EM MEMPHIS <i>por</i> Steve Stern	45
MIAMI, EM CASA FINALMENTE <i>por</i> Edna Buchanan	51
ENXERGANDO NOVA ORLEANS <i>por</i> Richard Ford and Kristina Ford	59
FILHO DO BROOKLYN <i>por</i> Pete Hamill	65
A CAPITAL DO ESCRITOR <i>por</i> Thomas Mallon	73

INTRODUÇÃO

Mais de três quartos dos americanos vivem nas cidades. Em nossa era globalizada, é tentador imaginar que as experiências urbanas têm uma qualidade uniforme; arranha-céus, metrô e lojas de departamentos; uma densidade de tijolos e humanidade; um senso de urgência e luta. Os ensaios desta coleção tornam claro o quão errado essa suposição seria: desde a terra dos sonhos de Los Angeles de Jonathan Kellerman até o despertar vibrante de Miami de Edna Buchanan; desde as moradias do meio do século do adorado Brooklyn de Pete Hamill até os viadutos assombrados do bairro de Pilsen de Stuart Dybek em Chicago; da beleza natural e da diversidade humana da Seattle de Charles Johnson até os mitos passados e presentes da Nova Orleans de Richard Ford, essas reminiscências e reflexões apresentam para nós a riqueza e a estranheza de qualquer vida urbana individual, o modo como a nossa imaginação e identidade e as histórias literárias estão entrelaçadas nas ruas e nos prédios, em seus cheiros e sons.

Nós criamos as nossas cidades em nossas mentes, algumas vezes antes mesmo de vê-las, algumas vezes após termos perdido a esperança em relação a elas, dos trechos e das histórias que juntamos, dos escritores que lemos. Desse modo, David Bottoms cresceu em uma pequena cidade do Sul, dando vida à sua Atlanta cosmopolita da sua imaginação; e Steve Stern redescobriu sua Memphis nativa através das fábulas como as de Bashevis Singer dos seus imigrantes judeus. A Boston de Carlo Rotella é assombrada pelos seus fantasmas, que surgem em seus passeios noturnos: as garças e os coiotes; mas também pelos seus cidadãos falecidos, cujos nomes adornam parques e casas de barcos, lembranças de seus feitos e façanhas. A Baltimore de Jonathan Yardley é uma conversa literária entre o passado e o presente, de Edgar Allan Poe a Anne Tyler.

por Claire Messud



Claire Messud é autora de três romances e um livro de contos. Seu romance mais recente, *The Emperor's Children*, foi um dos 10 melhores livros de 2006 segundo o *New York Times*. Duas vezes finalista do prêmio PEN/Faulkner, ela recebeu bolsas de estudo da Fundação Guggenheim, do Instituto Radcliffe e do Centro de Humanidades de Harvard. Ela vive em Cambridge, Massachusetts, com sua família.



Atlanta



Baltimore

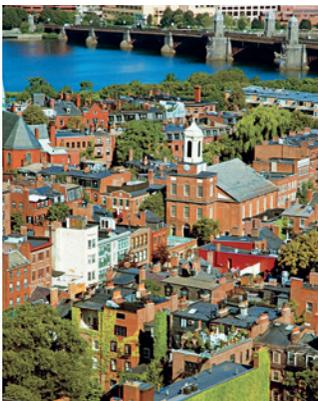
Para qualquer um de nós, uma determinada cidade somente existe em relação a nós mesmos. Precisamente porque ela está repleta de tantas vidas, ela não tem vida objetivamente verdadeira ou independente. Você não poderia dizer que a Nova York de Donald Trump é mais ou menos real do que aquela de um vendedor de rua originário de Karachi. Dessa forma, o nosso imaginário individual é a nossa única rota para o coração da cidade. Qualquer reivindicação geral será desmentida por uma experiência em particular. Qualquer coisa que você pensar que sabe pode ser refutada — o que não a transforma, no entanto, em uma inverdade. Isso, é claro, é o que torna os ambientes urbanos tão libertadores; não somente cada um de nós os cria para nós mesmos, mas neles nós também podemos nos recriar — um tema que recorre em muitos dos ensaios coletados aqui.

Pertencer a uma cidade é, portanto, uma questão de escolha. Ao contrário das cidades menores, onde a falta de raízes e de afeição afasta as pessoas (Lorrie Moore disse, de brincadeira, da sua cidade natal de Madison, Wisconsin: “Algumas pessoas acharam que eu era crítica. Se você escreve com o olhar de alguém de fora, tudo bem. Mas depois que faz isso, você tem que se mudar (...) Esse foi um erro que eu cometi. Eu não saí da cidade.” [entrevista no *The Observer*, 11 de abril de 2010]), as cidades podem acomodar a falta de compromisso tão facilmente como os convertidos zelosos, os adotados e os nativos, os intensamente incorporados e as moscas

varejeiras também. Mas por sua própria natureza, uma cidade é uma amante ideal; ela dá sem exigência e dá mais quanto mais você pedir a ela.

Devido a toda essa fluidez, entretanto, cada cidade tem seu caráter individual, suas especificidades, sua atmosfera. O cheiro do ar, a largura das ruas, o som do tráfego, a história; as pedras, as conversas ouvidas por acaso — uma cidade é feita dessas coisas concretas que não podem ser imaginadas. Misteriosamente, cada um de nós encontrará a cidade da sua história pessoal, mesmo que demore (como ocorreu com Edna Buchanan para encontrar Miami) ou mesmo se retornarmos a um lugar de onde achávamos que tivéssemos fugido (como Steve Stern fez em Memphis).

Eu, por exemplo, agora vivo em Cambridge, Massachusetts, e digo, de modo geral, que vivo em Boston. Por diversos anos, após retornar aos Estados Unidos do exterior, eu vivi em Washington, D.C. Durante aquele período — de 1995 a 2003 — eu tive uma relação desconfortável com aquela cidade, como se fosse um exílio. Eu não pertencia àquele lugar nem queria pertencer. Durante todos os anos que morei lá (por conta do trabalho do meu marido, não do meu), eu olhava ao redor e imaginava que todas as outras pessoas pertenciam àquele lugar, seja porque eles estavam envolvidos com a política, sejam porque eles eram sulistas ou porque estavam confortáveis em pertencer a um estado de não pertencimento; jornalistas ou diplomatas enviados para



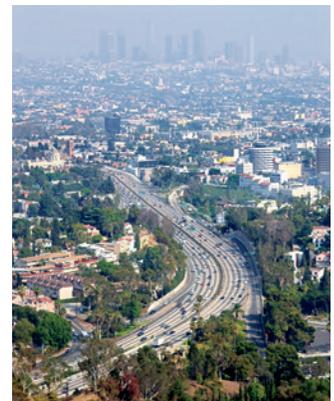
Boston



Chicago



Houston



Los Angeles

a cidade por um período de tempo fixo com uma relação cordialmente distante com o lugar que tal situação implica.

Eu vivi aqueles anos inicialmente apaixonada por Nova York, minha paixão não correspondida e inatingível (onde eu nunca morei, embora tenha escrito um romance ambientado lá como um modo de consumir a minha paixão), precipitando-me para ficar com amigos em todas as oportunidades e me candidatando para empregos que eu nunca aceitaria. Tendo finalmente desistido de Nova York, eu passei o restante do meu tempo em Washington tentando fugir. Primeiro, por minha insistência, nós moramos em uma colônia para artistas na França; então passamos três meses em Paris. Eu aceitei uma cadeira para lecionar no Tennessee por um semestre, então arrastei meu marido para o Oeste de Massachusetts por um período de dois anos, ainda sem me livrar dos meus laços com Washington, D.C. alugando o nosso amado pequeno apartamento em Adams Morgan, atrás do infame Hilton onde eu nadava alegremente na piscina seis meses por ano. (“Amado” porque embora eu oficialmente não gostasse de viver em Washington, nós tínhamos construído, ao longo do tempo, uma vida que eu amava.) Depois de Massachusetts, um semestre em Ohio; e o retorno a Washington somente para vender tudo, nadar pela última vez e rumar para o norte, no início de um setembro abafado em nosso caminhão de mudanças carregado.

Se Washington foi aquele relacionamento agitado dos meus 30 anos, Boston provou-se ser o casamento estável dos meus 40. Eu havia frequentado um internato lá, há muitos anos, então a minha vida agora tem a lógica dos conhecidos periféricos: eu me encontro com meus colegas de classe que não via há muito tempo no cabeleireiro ou

no playground, e fico contente que eles ainda estão vivos e cuidando da vida. Mais uma vez, foi o trabalho do meu marido que determinou o local onde moraríamos, mas eu não me aborreço mais com isso: gosto da minha liberdade de ir e vir, de flertar com outras cidades e imaginar as nossas vidas, mas sempre consciente de que somos fundamentalmente satisfeitos, que a cidade, embora talvez não seja excitante, é complexa, bonita e interessante, abençoada com excelente arte e música estupenda, com ilhas secretas, com um rio reluzente, suas praias próximas e montanhas e um número desproporcional de pessoas fascinantes, muitas delas jovens por conta das diversas universidades. É uma cidade cujo passado é mais ilustre do que o seu presente e há um alívio, uma aceitação disso. Ela se parece com Amsterdã nesse aspecto.

De muitas formas não pertenço à cidade — não sou da área; não me envolvo particularmente com as tradições da cidade ou com sua gente; permaneço, como diria, profissionalmente não associada à cidade — mas me mantenho na superfície dessa adorável cidade como um barqueiro em uma lagoa. Fico maravilhada com o apego sincero dos meus filhos a este lugar, o único que eles realmente conhecem. Adoro o fato de eles poderem ter esse sentimento de pertencimento que eu nunca experimentei nem jamais experimentarei; estou grata a Boston por isso.

A pergunta permanece, se a ordem das minhas cidades tivesse sido invertida, se eu tivesse experimentado Boston, quanto tinha trinta anos, com a relutância inquieta e tivesse adotado Washington como a cidade da minha família, se não como a do meu coração, o quanto as próprias cidades teriam determinado a minha experiência e quanto eu teria feito isso por conta própria? Certamente



Memphis



Miami



Nova Orleans



Nova York

a Washington da minha memória é moldada pela minha alma naquele momento, por seus ganhos e perdas e desejos e por todas as demais coisas. Mas também é verdade que a flora e a fauna eram estranhas para mim (as folhas grandes e cerosas da magnólia agigantando-se na frente dos apartamentos; os contornos pantanosos cobertos de vegetação do Parque Rock Creek; as baratas deslizando em hordas no verão ao longo da Rua 19 à noite, enquanto os ratos dançavam sobre suas patas traseiras no pedaço de gramado do nosso bloco de apartamentos) e o clima (as chuvas torrenciais; o calor da Birmânia) e os movimentos sonolentos dos habitantes da cidade, a agitação sem parar dos táxis mal conservados oscilando, com suas suspensões macias, ao longo das ruas largas e vazias, as janelas semifechadas dos prédios brancos monumentais do centro da cidade — tudo isso era estranho para mim e exacerbou meu estranhamento.

Uma cidade são seus mitos, mas também suas plantas e animais e tijolos. Em Boston eu redescobri os guaxinins e gambás da minha infância do Canadá, até mesmo as estações das árvores de bordo, desde os brotos até a preparação para a agitação do outono, soando familiar em cada aspecto. Há os ângulos da luz do sol — uma luz de inverno fria, clara, quase sem sombras; uma luz da manhã verde-azulada de verão, uma neblina como o amor — que ecoa na minha memória, e me traz uma satisfação simples. Há os fantasmas da cidade aos quais Carlo Rotella se refere em seu ensaio, mas para mim também há o próprio fantasma da minha adolescência, em roupas de brechó baratas, cabelos cortados de modo desigual, vagando pelas praças públicas e pela Rua Newburry em um bando de meninas tomando café e fumando cigarros de cravo na Praça Harvard, brincando

de crescer, experimentando sua primeira liberdade. Ela não me incomoda muito, esse fantasma, mas me garante que aquele lugar é real.

Marcel Proust, em seu romance *Em Busca do Tempo Perdido*, escreveu que o cenário dos seus passeios na infância “ficou para sempre em minha mente como os contornos do lugar no campo onde eu gostaria de viver. Não importa se aquela fé que cria tenha se acabado em mim ou se a realidade toma forma apenas na memória, as flores que eu vi hoje, pela primeira vez, não me parecem flores reais.” Para qualquer lugar, mas em particular para qualquer cidade sobreviver, você precisa ter fé nela, em sua realidade e importância. Não é suficiente ser um turista, ávido por admirar as suas praças e seus becos. Você precisa assegurar a ela seus mitos ou pelo menos os seus. Quantas oportunidades neste país estão disponíveis para nós, ter fé nos diferentes ritmos e construções, nas diversas e abundantes realidades e em seus sonhos de conquistas que se estendem de Seattle a Houston, de Boston a Los Angeles. Os ensaios neste livro atestam essa diversidade, para a vida concreta e imaginária que fervilham e abundam em cada esquina e em cada mente criativa e brilhante.



Seattle



Washington, DC



A POESIA DAS PONTES

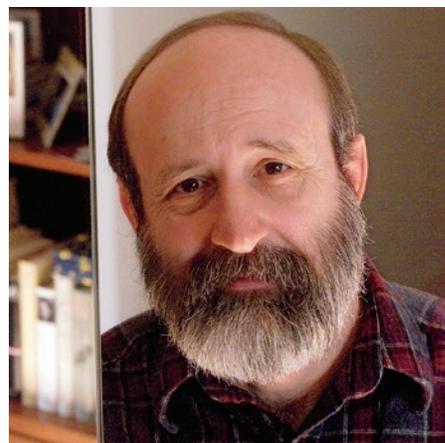
Robert Penn Warren, nascido e criado em Guthrie, Kentucky, uma vez foi questionado se ele se considerava um escritor sulista. A resposta dele foi: “O que mais eu poderia ser?” Mas o que ele quis dizer é que o local de nascimento e a sua criação tinham moldado seu caráter de um modo distinto e irreversível. Sua interação com o mundo foi influenciada pela história e pelo código social da sua região. Isso não quer dizer que ele sempre teve orgulho daquela história ou que sempre concordou com aquele código, somente que ele não pode viver independente dele.

O Sul foi amaldiçoado por um grande número de equívocos feitos por pessoas de outras partes do mundo e todos os escritores nascidos abaixo da linha Mason-Dixon precisam, um dia, chegar a um acordo sobre o mito e a realidade do “Sul”. Isso envolve enfrentar algumas verdades perturbadoras referentes à intolerância, à violência e à exploração racial. Ainda é bom lembrar que esses defeitos humanos não são exclusivos da nossa região. A crença popular é de que o Sul possui pecados terríveis em seu passado e em seu presente, mas que também tem muitas virtudes distintas. Isso certamente é verdade, mas pode ser dito sobre qualquer parte do mundo. O que distingue o Sul dos Estados Unidos é o fato de ter perdido uma guerra que foi lutada em grande parte por imoralidades intratáveis. Isso significa para mim, um ponto especialmente irrefutável com relação ao trabalho dos seus escritores. O Sul é uma região ferida e um coração ferido sempre busca transcendência. Quando a ferida é cultural, a resposta pessoal tende a encontrar consolo através da religião ou da arte. Nesse sentido amplo, o Sul pós-guerra civil tornou-se uma terra de pregadores e poetas.

Qualquer escritor que fizer palestras públicas será inevitavelmente questionado sobre como se tornou escritor ou escritora. E a qualquer escritor do Sul será um dia perguntado como crescer lá influenciou seu trabalho. Eu tenho ponderado essas questões porque elas sempre foram um mistério para mim. Eu cresci nos anos 1950, nas encostas das montanhas da Geórgia e nada na minha família ou comunidade jamais sugeriu que eu rabiscaria uma palavra em uma página.

Eu não venho de uma família de leitores. Nem uma vez na minha infância eu vi meus pais pegarem um livro com o intuito de se entreter. Eles não eram pessoas que apreciavam a leitura. Eram filhos da Grande Depressão e trabalharam duro a vida toda para sobreviver. A televisão era a única diversão que eles tinham. A maioria dos livros na minha casa pertencia a mim e quase todos eram livros escolares. Minha avó Ashe tinha 10 romances empilhados em uma pequena estante em sua sala de estar — dois deles eram *E o Vento Levou* de Margaret Mitchell, um de capa dura (encadernado) e um de capa mole (brochura).

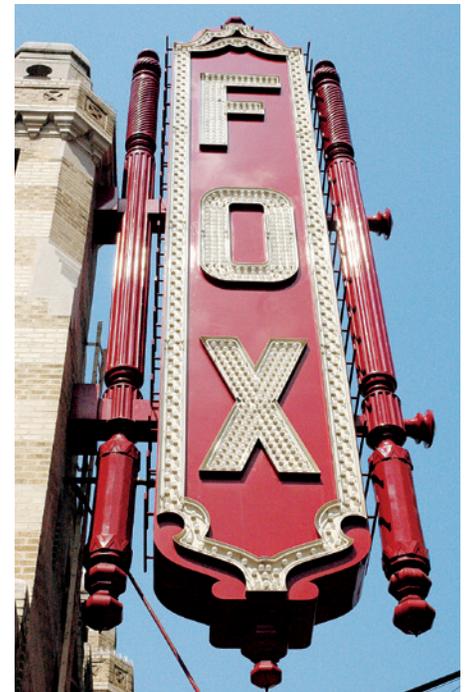
por David Bottoms



David Bottoms publicou sete livros de poesia; dois romances e um livro de ensaios/entrevistas. Seus muitos prêmios incluem o Prêmio Walt Whitman da Academia Americana de Poetas e um Prêmio de Literatura da Academia Americana de Letras e Artes. Ele detém a Amos Distinguished Chair em Língua Inglesa na Universidade do Estado da Geórgia e é Poeta Laureado da Geórgia.



O domo da Geórgia. Página oposta: arranha-céus de Atlanta vistos de trás da ponta da Rua 17



Estranhamente eu cresci adorando ler. Isso foi principalmente em virtude do incentivo da minha mãe e a uma pequena livraria que pertencia ao meu professor da segunda série. Quando garoto, eu passava a maior parte do tempo praticando esportes — no meu caso, beisebol. Praticar esportes era o que se esperava de um garoto em uma cidade pequena como Canton, enquanto livros, música séria, arte e quase tudo relacionado à cultura eram profundamente suspeitos. Se não fossem refreadas, eram ambições que poderiam, eventualmente, causar problemas com as doutrinas do cristianismo fundamentalista.

Nós vivíamos no Cinturão Bíblico e, algumas vezes, era como se vivêssemos diretamente na parte mais radical do cinturão. Uma ironia aqui é o fato de que as minhas memórias mais antigas referentes à linguagem poética remetem à metade dos anos 1950 e aos fundamentos da Primeira Igreja Batista de Canton. Eu ainda me lembro das fileiras de pequenas cadeiras com encosto redondo voltadas para o quadro negro onde as crianças do Departamento Primário da escola dominical se encontravam como um grupo para cantar. Naquela sala eu encontrei a beleza, a louvação e a angústia dos Salmos.

Mesmo naquela época, como um garoto de sete ou oito anos, eu senti algo naquele inglês antigo e exótico evocando o outro mundo, o sagrado. Estou falando, é claro, sobre a tradução de King James. Que poeta poderia argumentar com esse lamento torturante do Salmo 102: “Os meus dias são como a sombra que declina, e eu, como a erva, me vou secando.” Ou igualmente a beleza e a mensagem infinitamente mais esperançosa do Salmo 23: “O Senhor é meu pastor e nada me faltará.” Em verdes pastagens me faz repousar; para fontes tranquilas me conduz.”

Outra fonte de poesia que me tomou de assalto em termos de idioma e imaginação foram os hinos que cantávamos na igreja. “Rock of Ages, cleft for me, let me hide myself in Thee”, ou um dos meus favoritos: “Shall we



Canto superior esquerdo: o dia amanhece na cidade de Atlanta. Superior: a marquise do antigo Teatro Fox de Atlanta. Acima: estreia do E o Vento Levou no Grande Teatro de Loew na Rua Peachtree em 1939



gather at the river, where bright angel feet have trod?” Minha avó Bottoms costumava cantar as músicas gospel antigas, uma atrás da outra, quase constantemente enquanto fazia seus afazeres domésticos — “I’m gonna lay down my burdens, down by the riverside” e “Some glad morning when this life is o’er, I’ll fly away.” Há uma reflexão. Esses salmos e canções — expressões de esperança para a maioria das pequenas cidades do Sul — foram as minhas primeiras experiências com o idioma como arte. Havia também muitos encontros com os significados figurativos do idioma, com o idioma buscando a transcendência. De muitas formas, era um tipo de introdução que eu somente poderia ter tido em uma cidade pequena como Canton.

Atlanta, que fica a cerca de 80 quilômetros no sul da Geórgia, era um lugar totalmente diferente. Era um lugar de cultura. Tinha museus, bibliotecas, faculdades, galerias de arte, uma sinfônica. A sede do governo ficava lá e sob o seu domo dourado os legisladores faziam as leis que regiam o estado. Mas, acima de tudo isso, Atlanta tinha uma história, uma história que tinha evoluído para se transformar em um verdadeiro mito.

Durante a minha infância, o primeiro evento histórico que realmente me impressionou foi a Guerra Civil Americana. Na escola primária, os cadernos dos meus colegas de classe tinham as capas cobertas com rabiscos da bandeira dos Confederados e, em casa, a minha avó me contava histórias sobre as mulheres que ela havia conhecido na infância que realmente testemunharam as tropas de Sherman ateando fogo em tudo em seu caminho até a Geórgia. A minha experiência estava longe de ser exclusiva, e meus amigos e eu compartilhávamos uma certa identidade comum em relação a tudo isso, sem saber muito sobre as causas reais e a execução daquela guerra. As coisas simplesmente eram do jeito que eram e nós nos descobrimos, inexplicavelmente, parte de uma cultura onde os negros viviam e trabalhavam de um lado de um abismo profundo e os brancos, do outro. Tudo isso tinha a ver com a história, e a nossa principal conexão com aquela história foi a cidade

À esquerda: o Teatro Fox, que foi originalmente construído nos anos 1920, como sede do Yaarab Shriners de Atlanta, mistura arquitetura islâmica e egípcia. Acima: crianças brincam na fonte do Parque Olímpico Centenário de Atlanta, construído para os Jogos Olímpicos de 1996



O Capitólio do estado da Geórgia, concluído em 1889, é um marco da história da arquitetura americana do século 19



de Atlanta, um lugar misterioso que poucos de nós tínhamos visitado.

Minha primeira memória daquela cidade foi uma visita ao Teatro Fox. Eu tinha 12 anos quando o melhor amigo da minha mãe nos levou a uma matinê do filme *E o Vento Levou*. O Fox era, sem dúvida, o prédio mais exótico que eu já tinha visto. Construído nos anos 1920 onde ficava a sede do Yaarab Shriners de Atlanta, era uma mistura de arquitetura islâmica e egípcia que o tornava uma presença estranha na Rua Peachtree.

O filme que eu assisti naquele domingo era estranho de um modo completamente diferente. E *E o Vento Levou*, é claro, popularizou o mito da “Causa Perdida” e dos Confederados que lutaram para preservar os valores do Sul antigo. Eu me deixei envolver por ele, assim como fez a maioria dos meus amigos, ou grande parte deles, embora tivéssemos uma sensação desconfortável de que alguma coisa estava errada com aquele filme, assim como se alguma coisa estivesse errada com a sociedade na qual vivíamos. Pelo menos um grupo de sulistas, aquele pessoal do outro lado do abismo, enxergava a história de uma perspectiva totalmente diferente e eles tinham descoberto uma força poderosa se elevando daquele púlpito em Atlanta, uma voz que estava começando a erguer uma ponte cultural. Aquele púlpito pertencia à Igreja Batista Ebenézer na Avenida Auburn, e a voz pertencia a Martin Luther King Jr.

Curiosamente, as minhas próprias experiências e poesia começaram quando eu tomei conhecimento, pela primeira vez, do Movimento dos Direitos Civis. Parte disso, é claro, é apenas coincidência. Eu era adolescente e começava a entender o mundo à minha volta e a sentir a necessidade de expressar meus sentimentos no papel. Mas como me lembro, um número muito grande dessas minhas primeiras tentativas com poesia tratava de injustiça social, questões raciais e outras coisas.

Minha geração é a última a viver em um Sul segregado e, nas ruas de Canton nos anos 1950 e no início dos anos 1960 eu raramente via uma pessoa



Superior: a Igreja Batista Ebenézer original em Atlanta é onde Martin Luther King Jr. e seu pai eram pastores. Acima: visitantes do Local Histórico Nacional Martin Luther King Jr. passam pela Avenida Auburn durante o feriado nacional que comemora o nascimento do líder dos direitos civis, em 20 de janeiro

negra. Na verdade, ninguém que eu conhecia falava muito sobre racismo. O que eu aprendi do Movimento como adolescente veio, em sua maioria, dos fragmentos das notícias da TV.

Alguns poucos nomes se tornaram familiares — Martin Luther King Jr., Joseph Lowery, Andrew Young — mas o conhecimento que eu fui capaz de reunir sobre a luta dos afro-americanos não era profundo. Esses fragmentos, entretanto, serviram não somente para reforçar as dúvidas que eu tinha sobre o status quo no Sul, como também criaram a empatia que me levou a procurar livros como *Blues para o Senhor Charlie* de James Baldwin e *O Homem Invisível* de Ralph Ellison.

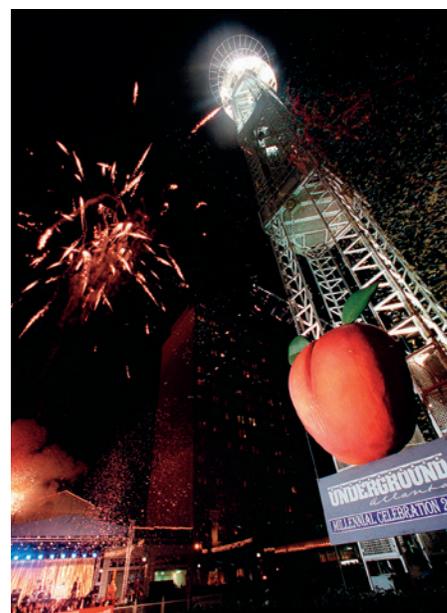
Para a maioria dos adolescentes a luta pelos direitos civis era alguma coisa que acontecia em Atlanta e em outras cidades grandes. As pessoas que eu conhecia não tinham ideia do que estava acontecendo nas igrejas dos negros locais ou na Escola Ralph Bunche e elas ficaram chocadas quando a comunidade de afro-americanos tentou destruir o Teatro Canton. Havia alguma violência — um carro foi virado na rua — e a ameaça de muito mais, mas ninguém ficou seriamente ferido. Essa foi a minha experiência pessoal com a luta pelos direitos civis. Atlanta foi a minha conexão, a minha ponte com uma consciência maior da comunidade humana e do papel cada vez maior que eu teria que desempenhar nela.

E por falar em pontes. Minha esposa e eu recentemente vimos uma notícia na televisão sobre um garoto perguntando ao presidente Obama por que tantas pessoas o odeiam. O presidente abraçou o garoto e disse a ele que isso era apenas política e que as pessoas não o odiavam. Esse foi um momento cristizador, um lembrete doloroso de que algumas pessoas ainda são muito atrasadas, mas também um lembrete de esperança de que pontes resistentes foram construídas. O presidente Obama não foi eleito unicamente pelos afro-americanos, mas por todos os americanos.

Há alguns anos, um jovem escritor me perguntou por que eu não havia escrito mais sobre racismo. Eu cocei a cabeça e disse que todos os meus poemas são sobre racismo, de algum modo, todos os poemas são sobre a humanidade. Basicamente, a mensagem que eu absorvi da poesia é esta: há somente uma única vida — uma única vida com infinitas variações. Todos compartilhamos essa vida — nascemos, aspiramos, lutamos, procuramos por um sentido, morremos. A poesia é a arte da metáfora, que é a arte de fazer conexões, a arte de descobrir pontes. A grande mensagem da poesia é a mensagem da semelhança, da nossa humanidade fundamental, o significado de ser uma criatura humana em nosso momento particular.



Uma jovem copia o epitáfio da cripta de Martin Luther King Jr. e da esposa dele, Coretta Scott King



À medida que os fogos de artifício explodem ao fundo, um pêsego gigante desce até o pé de uma torre, sinalizando o começo do ano novo na famosa área *underground* de Atlanta

BALTIMORE



A VELHA BALTIMORE

Baltimore, uma das cidades mais antigas dos Estados Unidos e a maior cidade do estado de Maryland, tem uma história literária bastante peculiar. Muitos escritores viveram ali ao longo dos anos, alguns deles muito importantes, e muita atividade literária ainda acontece lá. Mas você pode contar os “escritores de Baltimore” reais — aqueles cujo assunto principal é a cidade e a sua gente — nos dedos das mãos. Ao contrário de Chicago e de Los Angeles, que inspiraram inúmeros escritores e criaram suas próprias tradições literárias distintas, a velha Baltimore é algo como uma criança bastarda em termos de literatura.

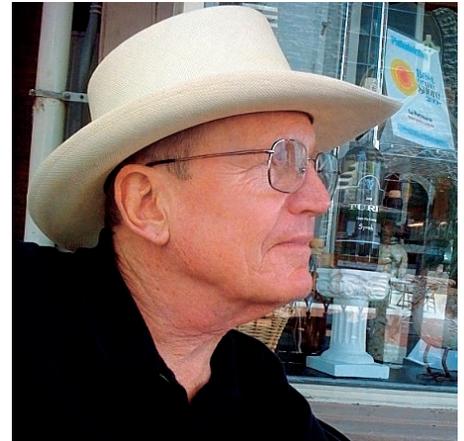
Baltimore, uma das cidades mais antigas dos Estados Unidos e a maior cidade do estado de Maryland, tem uma história literária bastante peculiar. Muitos escritores viveram ali ao longo dos anos, alguns deles muito importantes, e muita atividade literária ainda acontece lá. Mas você pode contar os “escritores de Baltimore” reais — aqueles cujo assunto principal é a cidade e a sua gente — nos dedos das mãos. Ao contrário de Chicago e de Los Angeles, que inspiraram inúmeros escritores e criaram suas próprias tradições literárias distintas, a velha Baltimore é algo como uma criança bastarda em termos de literatura.

Em muitos aspectos Baltimore é uma grande cidade pequena. Seus bairros tendem a ser insulares, cada um com suas características e tradições distintas e, embora sua importância como porto e centro industrial tenha diminuído significativamente, a cidade ainda é essencialmente uma cidade operária. Por gerações ela nutriu um complexo de inferioridade com relação às cidades maiores ao norte e ao sul — Nova York, Filadélfia e Washington — o que provavelmente ajuda a explicar a sua suspeita em relação aos de fora e a relutância em acolher os recém-chegados. Eu vivi ali durante os anos 1980 e os anos 1990 e era muito agradável, mas eu poderia ter ficado outros dois ou três séculos e, provavelmente, ainda não seria considerado um verdadeiro cidadão de Baltimore.

Embora todos esses aspectos do caráter de Baltimore possam ser encontrados no trabalho de quatro “escritores de Baltimore” verdadeiros — H.L. Mencken, Russell Baker, Anne Tyler e Laura Lippman — e eu os discutirei aqui. Primeiro, então deveríamos dar uma rápida olhada na literatura presente e passada de Baltimore.

Sua história literária começou em setembro de 1814, quando um jovem de Maryland chamado Francis Scott Key, em pé no convés de um barco a vela, presenciou o bombardeio inglês do Forte McHenry, na entrada do porto. Ele ficou tão comovido em ver a bandeira americana de pé durante toda a batalha que escreveu um poema, que ele chamou de “A Defesa do Forte McHenry”, e que foi publicado em um jornal de Baltimore logo depois da batalha. Ele o

por Jonathan Yardley



Jonathan Yardley nasceu em 1939 em Pittsburgh. Ele se formou em 1961 na Universidade da Carolina do Norte, onde foi editor do jornal dos estudantes. Em 1968-69, Yardley foi colega de jornalismo de Nieman na Universidade de Harvard. Ele se juntou ao Washington Star como editor de livros em 1978, até o jornal encerrar suas atividades em 1981, quando se tornou crítico literário do Washington Post. Em 1981 recebeu o Prêmio Pulitzer por sua Crítica Distinta.



Essa pintura descreve Francis Scott Key que escreveu “The Star Spangled Banner” após ver a bandeira americana tremulando no porto de Baltimore durante a Guerra de 1812. Página oposta: O venerável u.S.S. Constellation no porto de Baltimore em 2004

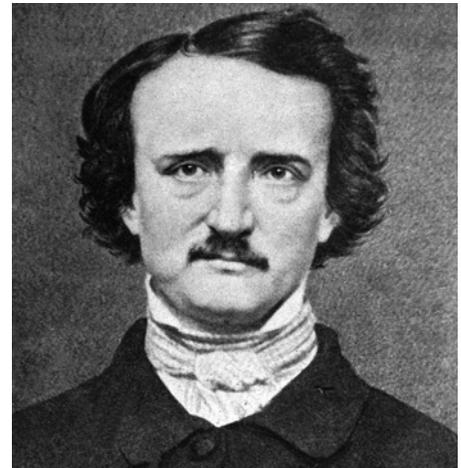
transformou em uma letra de música chamada “Ao Anacreonte no Céu”, em tradução livre (“*To Anacreon in Heaven*”), que muitos americanos consideram impossível de cantar, mas que foi um Hino Nacional por quase um século e é universalmente conhecida como “A Bandeira Estrelada”.

Quase duas décadas após Key ter escrito seu poema, o primeiro escritor verdadeiramente famoso chegou a Baltimore. Edgar Allan Poe viveu em Baltimore por três anos a partir de 1832 e escreveu poemas e contos enquanto morou lá. Mas em Baltimore, como em qualquer outro lugar em que morou, ele era pobre e embriagado. Ele é mais comemorado em Baltimore não por ter vivido lá, mas por ter morrido lá, em 1849, durante uma parada na cidade quando viajava de Richmond a Filadélfia. Foi enterrado próximo ao centro da cidade e a sua lápide continua a atrair turistas. Todos os anos em seu aniversário de morte um “*Poe Toaster*”, admirador noturno misterioso deixa rosas vermelhas e uma garrafa de conhaque em seu túmulo. A identidade dessa pessoa é segredo e o ritual agora é uma das mais queridas tradições de Baltimore.

Houve pouco interesse literário em Baltimore durante o restante do século 19, mas durante o século 20, quatro escritores importantes — James M. Cain, Dashiell Hammett, F. Scott Fitzgerald e John Dos Passos — passaram períodos significativos de suas vidas lá. Cain trabalhou para o *Baltimore Sun* no início dos anos 1920 e tornou-se amigo de Mencken, que então editava a revista nacional mais importante, a *The American Mercury*. Mencken encorajou as ambições literárias de Cain, o que, na época em que se mudou para a Califórnia nos anos 1930, resultou em trabalhos pioneiros de ficção de detetive do gênero “*hard-boiled*” (conhecido como “duro”), entre eles “*O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes*” e “*Dupla Indenização*”.

Um escritor ainda mais importante do gênero *hard-boiled*, Dashiell Hammett, chegou com a sua família em Baltimore por volta de 1900 aos seis anos de idade. Ele deixou a escola aos 14 anos e passou por uma sucessão de empregos, o mais importante como detetive de Pinkerton. Saiu de Baltimore quando ainda era jovem e a cidade não figura diretamente em seus romances famosos — “O Falcão Maltês” e “O Homem Magro” — mas a sua experiência em Pinkerton foi a base do seu trabalho para esses e muitos outros livros e contos.

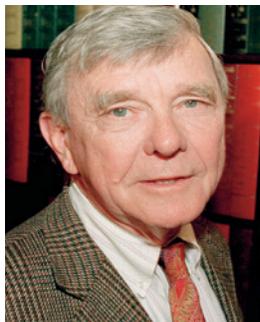
F. Scott Fitzgerald veio para Baltimore em 1932 porque a sua esposa, Zelda, estava fazendo um tratamento psiquiátrico em uma clínica de lá e ele permaneceu por quase cinco anos. Ele disse que amava a cidade e escreveu partes do “Suave É a Noite” lá, mas o seu mergulho no alcoolismo estava a caminho e seus anos em Baltimore não foram produtivos. Quanto a John Dos



Superior: Uma foto sem data de Edgar Allan Poe. Acima: Desde 1949, um visitante misterioso deixa rosas e conhaque no túmulo de Poe todos os anos para comemorar o aniversário de nascimento do escritor em 19 de janeiro



H.L. Mencken



Russell Baker



James M. Cain



Dashiell Hammett



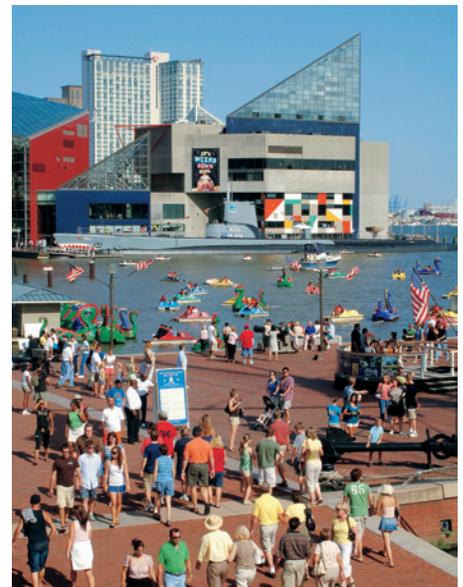
F. Scott Fitzgerald



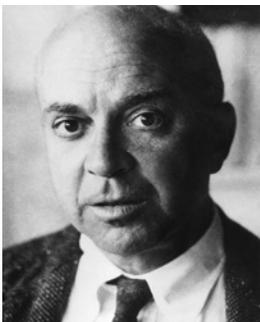
Passos, o melhor do seu trabalho — a famosa trilogia, “U.S.A.” — já tinha sido escrita bem antes quando ele chegou em Baltimore em 1952. Ele viveu lá até o final da vida, duas décadas depois, mas não escreveu nada de importante e parecia estar feliz com a sua vida doméstica tranquila.

Um dos seus vizinhos, conforme indica o site útil, porém inacabado, do Projeto de Herança Literária de Baltimore, foi Ogden Nash, o maior de todos os escritores americanos de *light verses* (isto é, poesia escrita de um modo direto, quase coloquial). Ele se mudou para a cidade em 1934 após ter se casado com uma moça de Baltimore e fez da cidade a sua casa até a sua morte em 1971. Ele era feliz lá e apoiava entusiasticamente os seus times de futebol e beisebol profissional, mas a cidade quase não exerceu nenhuma influência em seus versos, embora a frase (“Candy is dandy,/ But liquor is quicker – Doces são excelentes, mas a bebida é mais rápida”) demonstre que sim.

Hoje a atividade literária em Baltimore se concentra ao redor de programas literários na Universidade Johns Hopkins e Faculdade Goucher. Poucos escritores publicados lecionaram nesses programas e muito poucos dos seus estudantes seguiram carreiras literárias, mas a própria Baltimore quase nada tem a ver com eles além de ser um lugar para os professores e estudantes morarem. Os programas literários das faculdades e universidades agora são um fato central da vida literária americana e nem sempre são bem vistos, uma vez que eles encorajam a promessa falsa de que qualquer pessoa pode ser um



Superior: Vista do arranha-céu e da parte interna do porto de Baltimore. Acima: Desde os anos 80 quando o porto interno de Baltimore foi revitalizado, ele tem sido a principal atração turística da cidade e um das jóias da coroa da cidade



John Dos Passos



Laura Lippman

escritor e eles tendem a produzir ficção em linha de montagem, nos quais um escritor soa muito parecido com o outro.

Uma presença diária nas vidas dos escritores da cidade é o *Baltimore Sun*, que nas primeiras décadas do século 20 era um dos melhores e mais influentes jornais dos Estados Unidos. Entre 1910 e 1995 havia dois jornais *Sun*, um matutino e um vespertino e através das suas salas de notícias desfilaram alguns dos melhores jornalistas americanos, dentre eles os mais famosos e os mais respeitados até hoje, Henry Louis Mencken e Russell Baker.

Ninguém contribuiu mais com a elevada reputação nacional então desfrutada pelo *The Sun* do que Mencken. Após o seu aprendizado em alguns jornais menores de Baltimore, Mencken chegou ao *The Sun* em 1906 e permaneceu ligado ao jornal até a sua morte em 1956. Ele foi repórter, editor e executivo da empresa, mas principalmente foi colunista e crítico e, nas duas funções ele teve influência na vida cultural americana que dificilmente pode ser exagerada. A sua prosa era poderosa, original, inventiva e inimitável (embora muitos tenham tentado) e suas opiniões eram ardentes. As suas colunas para o *The Sun* se transformaram em ensaios para o *The American Mercury* que, por sua vez, foram reunidos em diversos livros.

Baltimore era incalculavelmente importante para Mencken. Sua juventude é assunto dos seus três livros de memórias clássicas (*“Happy Days”*, *“Newspaper Days”* e *“Heathen Days”* – ou “Dias Felizes”, “Dias dos Jornais” e “Dias Pagãos”, em tradução livre – todos ainda sendo impressos) e, embora nos anos 1920 ele tenha sido o jornalista, crítico e ensaísta mais importante do país, resistiu à tentação de se mudar para Nova York. Com exceção de seu breve casamento nos anos 1930 (que terminou com a morte prematura de sua esposa) ele viveu na casa onde havia nascido e seu bairro na Rua Hollins era o centro de seu mundo. Embora a sua vida pessoal tenha sido provinciana, ele foi o crítico literário mais influente do seu tempo e fez mais do que qualquer outro americano para retirar o país do atraso do puritanismo cultural e levá-lo à idade moderna.

Mencken ainda era uma presença viva no *The Sun* quando Russell Baker chegou lá em 1947, recém-saído da faculdade, embora não haja razão para acreditar que os dois tenham se conhecido. Mencken era famoso em todo o mundo e Baker era apenas um repórter policial. Ele permaneceu no *The Sun* por muitos anos, vindo a conhecer bem a cidade e refinando o seu talento de escritor lá, que embora totalmente diferente de Mencken, era comparavelmente superior. Foi quando se mudou para o *New York Times* nos anos 1950 que ele realmente se encontrou, primeiro como repórter e então como autor de uma coluna imensamente popular, o “Observador”, que tinha como foco a vida diária e não os grandes eventos e era escrito em um estilo comedido e irônico.

Uma alegação de Baker de ser o verdadeiro escritor de Baltimore reside em suas duas memórias, *“Growing Up”* e *“The Good Times”* (“Crescendo” e “Os Bons Tempos”, em tradução livre). A primeira é a história da sua infância em Baltimore e a segunda refere-se principalmente ao seu aprendizado no *The Sun*. *Growing Up* é amplamente considerada uma obra de arte das memórias americanas, enquanto *The Good Times* relembra a vida no jornal agora para



Vista aérea do centro da cidade de Baltimore. Acima: Fells Point, uma comunidade da zona portuária histórica de Baltimore

sempre perdida e uma Baltimore descuidada, difícil de encontrar hoje nas torres de escritórios altas e modernas.

Ainda outro escritor de Baltimore que surgiu para o mundo através do *The Sun* foi Laura Lippman. Filha de um proeminente editorialista e colunista do *The Sun*, ela trabalhou no *The Sun* durante os anos 1990, cobrindo uma variedade de assuntos e desenvolvendo uma familiaridade especial com o mundo criminal da cidade, um mundo conhecido internacionalmente através das séries de televisão, *Homicídio* e *A Escuta*. No final dos anos 1990, ela começou a escrever romances sobre uma detetive particular que se tornou repórter de jornal chamada Tess Monaghan. Os dois primeiros romances, *Baltimore Blues* e *Charm City* (*Blues de Baltimore* e *Cidade com Charme*, em tradução livre) foram publicados originalmente como livros de bolso em 1997.

Desde então, Laura Lippman já publicou mais outros 15 livros, ambos com os mistérios de Tess Monaghan e o que ela chama de romances “independentes”. Esse é um ritmo excelente de produção e o que é ainda mais admirável é o alto nível de qualidade que ela tem mantido. Ela ainda se autointitula “romancista de crimes”, mas ela é muito mais do que isso. Ela cria personagens com grande talento, traz Baltimore à vida como personagem em si e por si, escreve excepcionalmente bem e se preocupa com temas sérios. Ela ainda tem muitos anos à frente e todos os seus admiradores têm muito pelo que esperar.

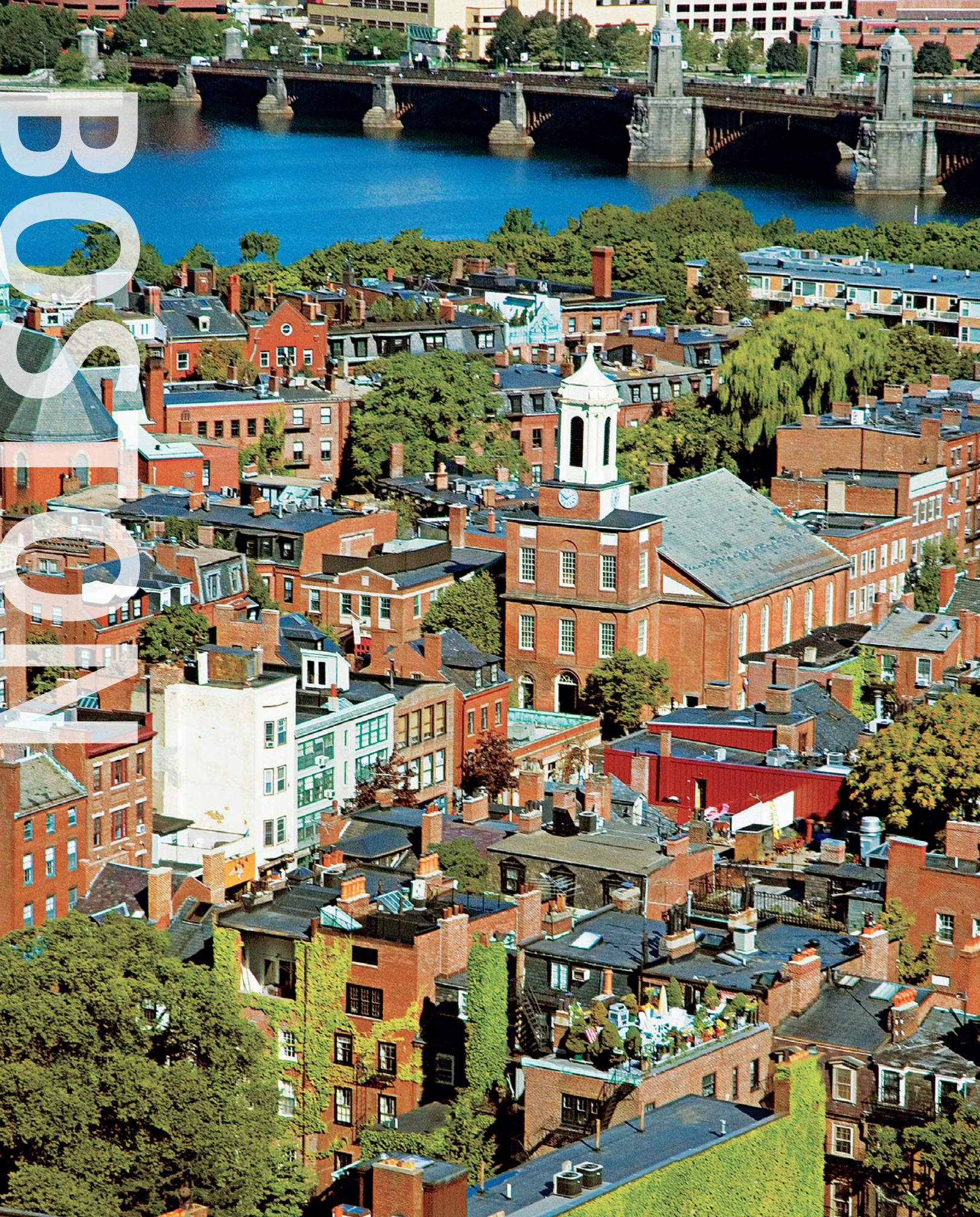
Finalmente, há Anne Tyler. Ela é uma exceção à regra de que Baltimore não aceita gente de fora. Ela chegou à cidade no início dos anos 60, com 20 e poucos anos, casada e mãe de suas duas filhas e autora de seu primeiro romance, muito bem aceito, *If Morning Ever Comes* (*Se o Amanhã Chegar*, em tradução livre). Foi somente em 1974, com o seu quarto romance, *The Clock Winder* (*Aquele que Dá Corda no Relógio*, em tradução livre), que Baltimore emergiu como cenário para sua ficção. E permaneceu assim desde então. Desde o início ela revelou uma profunda simpatia pelas agradáveis excentricidades e esquisitices da cidade, e desde o início seus concidadãos de Baltimore acolheram ela e a visão que tinha da cidade deles, e a aceitaram como um deles.

Nos anos 80, Anne Tyler tornou-se uma romancista líder de vendas em todo o país com seus dois (e melhores) livros, “Jantar no Restaurante da Saudade” e “O Turista Acidental”. Agora chegando aos 70 anos, continua a escrever constantemente e a lançar um novo romance aproximadamente a cada três anos, invariavelmente para os elogios da crítica e sucesso popular. A sua reputação no início da carreira era de escritora literária e tem mantido padrões literários altos enquanto assume o seu lugar entre os mais populares e amados escritores americanos do seu tempo. Ela se recusa a dar entrevistas e outras formas de publicidade, uma política notável e admirável em uma época de incessante autopromoção.

Anne Tyler (para o seu romance “Lições de Vida”) e Russell Baker (para “*Growing Up*” – “*Crescendo*”, em tradução livre) são os únicos dois escritores brilhantes de Baltimore que ganharam o Prêmio Pulitzer de literatura. Suas posições no firmamento da literatura americana são tão seguras como as de Mencken, e Laura Lippman está bem encaminhada para se juntar a eles.



Superior: Camden Yards é o lar da equipe de beisebol, o Baltimore Orioles. Centro: Mount Vernon é outro local histórico e pitoresco nos arredores de Baltimore. Acima: O mercado Lexington no centro de Baltimore é o mercado com maior longevidade do mundo. Ele foi fundado por volta de 1782



BOS

FANTASMAS

Minha filha, Ling-li, que tem 8 anos de idade, tem sido ultimamente ameaçada por fantasmas. Eles começaram a se reunir na hora de ela ir dormir, preparando-se para invadir seus sonhos. Tarde da noite, despertada por um pesadelo especialmente vívido, após uma série de pesadelos menos intensos, ela caminha pelo corredor até o meu quarto e contorna a minha cama. “Estou tendo pensamentos ruins”, diz no escuro, em voz baixa. “Traga tudo.” Sou a especialista da casa em pesadelos, tendo sofrido com eles a minha vida toda: animais babando, semiocultos, surgindo através das portas que não fecham e de janelas pequenas demais para a esquadria; uma longa caminhada descendo pelos corredores do inferno com um taco de beisebol no ombro; o mesmo filme indescritivelmente horrível em cada canal e a TV não desliga e então, de algum modo estou dentro do filme. A técnica é um antídoto para o medo, eu aprendi, então ensinei Ling-li, quando ela era muito pequena, que um aliado pode entrar nos seus sonhos para trazer para você equipamentos especializados que você pode usar para repelir os diversos ataques e que, eventualmente, à medida que os seus poderes como sonhador aumentam, você pode dispensar toda a intervenção dos aliados e treinar a sua mente adormecida a produzir o equipamento que você precisa.

Ao longo dos anos ela e eu montamos um arsenal para ela que inclui uma rede para apanhar monstros; um extintor de incêndio, acrescentado durante seu período de medo do fogo; um castelo voador e um cavalo alado para chegar lá; e uma roupa escorregadia para despistar os caras maus que eternamente tentam agarrá-la e levá-la para suas tocas extremamente infelizes. Recentemente acrescentamos uma pedra pequena e lisa que ela guarda no bolso. Quando os fantasmas aparecem, você a pega na mão, o que faz com que um vento forte sopra enviando esses desgraçados infames para longe, urrando de frustração. Mas eu criei esse cenário me baseando um pouco demais na minha própria experiência; em vez de treinar a própria sonolenta a carregar esses itens, ela ainda prefere me acordar e me instruir a levá-los para ela, como se eu fosse um portador de armas ectoplásmicas ou seu advogado.

Os medos de Ling-li dos fantasmas datam de uma recente ida da família à Ilha Georges, no porto de Boston. Passamos algumas horas lá explorando o Fort Warren, onde os prisioneiros Confederados foram mantidos durante a Guerra Civil. Não há dúvida de que alguns morreram ali. Nas galerias sem luz nas profundezas do forte, nós nos demos as mãos e nos arrastamos cegamente, procurando com os pés pelas irregularidades no chão de pedras nuas, nos esforçando para distinguir nem que fosse uma sombra desbotada

por Carlo Rotella



Carlo Rotella é o autor de *Cut Time*, *Good With Their Hands* e *October Cities*. Ele contribui regularmente para a revista *New York Times Magazine*, a revista *The Washington Post Magazine*, *The Boston Globe*, *Slate*, e *WGBH*; seu trabalho também apareceu no *New Yorker*, no *American Scholar*, e no *The Best American Essays*. Ele é diretor de Estudos Americanos na Faculdade de Boston.



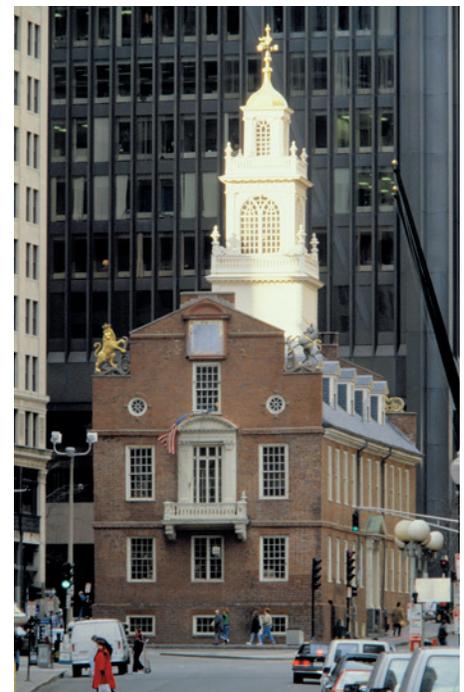
O mais antigo agente comissionado na marina americana, o U.S.S. Constitution, dá sua volta anual no Porto de Boston. Página oposta: Vista aérea do Rio Charles captura uma variedade de estilos arquitetônicos de Boston



na escuridão, completamente aliviados quando à frente, o celular de outro visitante lançou um leve brilho esverdeado. Na viagem de volta na balsa, Ling-li e sua irmã mais nova, Yuan (que não tem medo de fantasmas), se juntaram às outras crianças penduradas no parapeito na proa sob a luz do sol de setembro refletindo na água, gritando felizes ao vento, à medida que o barco balançava com a agitação de outra embarcação. De volta à terra firme, passamos a pé pelos escritórios de uma empresa que faz passeios pelas casas mal-assombradas de Boston. Ling-li se aproximou de um rapaz com uma cartola que estava promovendo o negócio em um peitoril na frente do prédio. Forçando um sotaque arcaico e um modo covarde, ele primeiro se recusou a confirmar ou a negar que os fantasmas eram reais, mas ao final das contas, após mais interrogatório, disse a ela que ele próprio era um fantasma. Ela absorveu essas notícias sem comentários e seguimos o nosso caminho. O encontro com o agente do passeio vitoriano simulado e a atmosfera mal-assombrada do forte, reagindo juntos, iniciaram o ciclo de fantasmas atual em seus sonhos diários.

Quando as pessoas me perguntam o que me agrada em Boston, costumo dizer que é uma cidade antiga (para uma cidade do Novo Mundo) e que você pode ir a quase qualquer lugar a pé. Nenhuma das duas qualidades é típica da vida nas cidades americanas. Eu cresci em Chicago, uma cidade que agora me transmite a sensação de um experimento, um modelo de trem ciclópico que ainda outro dia estava esparramado pela pradaria. Todas as pirâmides e catedrais da minha infância surgiram e desapareceram dentro da minha memória viva — os projetos de prédios altos desfilando ao longo da via expressa, as ruínas monumentais das fábricas e siderúrgicas tombando em câmera lenta na grama alta das pradarias que acabam retomando um terreno deserto em Chicago. E Chicago se estende ao longo da paisagem plana do Meio-Oeste em uma escala tão desumana que em um mês de fevereiro ventoso é como se um destino a oito blocos de distância ficasse além da curva da Terra.

Para uma sensibilidade treinada em Chicago, Boston parece entulhada,



Superior: Barcos à vela cruzam o porto de Boston tendo ao fundo os arranha-céus da cidade. Acima: A antiga sede do governo, construída em 1713, é um dos mais antigos prédios públicos de Boston

como se alguém, há muito tempo tivesse reunido uma grande quantidade de material urbano — andares triplos, pátios de faculdades, pontes de pedra e aço, o domo dourado da sede do governo, cadeiras no gramado e latas de lixo colocadas nas vagas de estacionamento para reservá-las para quem retirou a neve delas — e tudo isso embrulhado em um lugar com formato estranho na beira do oceano. Eu vivo em Brookline, uma cidade separada, encravada em uma depressão côncava nas fronteiras da própria Boston; meu bairro, o local escolhido como lar é uma coleção de rugas familiares em um tecido amassado da cidade. A rua onde eu moro, uma fila dupla de sobrados quase grudados uns nos outros, se estende entre a parte mais alta de um lado e os trilhos da ferrovia do outro. À noite da minha janela eu posso ver os trens da Green Line, iluminados como barcos de excursão, passando por trás das casas do outro lado da rua. Nas noites de inverno, quando acendo a lareira, o som se aproximando e se afastando dos trens desce pela chaminé. Delimitados pelos dois ramais de propagação da rede de trens da Green Line, os contornos sinuosos do Aspinwall Hill e do Fisher Hill, e pelas vias principais da Rua Beacon e da Rua Boylston, estamos presos aqui como ratos em um ninho em uma velha parede de pedras.

Mas aconchego requer seu próprio antídoto: eu gosto de correr à noite, após as meninas terem ido dormir com as histórias e os ursos de pelúcia e as luzes noturnas. Começando no quarteirão de baixo, eu deixo a casa atrás de mim com a luz da varanda acesa e outra luz acesa na janela do escritório onde a minha esposa tem sua mesa. Eu cruzo a Rua Beacon e entro em Brighton, bairro na parte antiga de Boston, passando pelas casas e depois por prédios de apartamentos com as janelas iluminadas pelo cintilar azul dos aparelhos de TV. Aquecido e a passos largos eu cruzo a Rua Washington na diagonal em frente à delegacia, cuja presença não elimina completamente a famosa incompetência da cidade e nem impede que motoristas nervosos atravessem no sinal vermelho na frente dela. Eu sigo a ladeira suave da Rua Market em



Faneuil Hall no centro de Boston é um dos muitos lugares históricos da cidade na Freedom Trail de Boston. Acima: em Boston novos prédios se erguem próximos a alguns dos prédios mais antigos dos Estados Unidos. Abaixo: A silhueta de um corredor solitário em um dia de inverno contra os arranha-céus do centro de Boston





direção ao rio. As calçadas estão quase vazias e o trânsito está livre.

O rio, com vias pavimentadas ao longo de ambas as margens, é uma das rugas mais longas e profundas de Boston — um beco íntimo natural, parcialmente oculto por árvores e arbustos, que o transporta semissecretamente pela cidade, cruzando com ruas somente onde há uma ponte. Eu adquiro velocidade no caminho à beira do rio, caindo para um ritmo de longa distância, tomado por um sentimento crescente de insubstancialidade à medida que passo por um trecho de escuridão cruzando uma área iluminada e de volta à escuridão novamente. De vez em quando vejo ratos cruzando o caminho em disparada quase sob os meus pés. Os patos e os gansos que fazem sentinela vigiando da beira de embarcações semelhantes adormecidas, se põem em alarme à minha aproximação e então silenciam quando descobrem que sou eu. Uma garça pálida se levanta de súbito do raso e, com algumas batidas de asa soturnas, se afasta deslizando sobre a água. Uma vez ao passar por uma moita de juncos que sempre se agitam sussurrando na minha passagem, um coite surge à minha frente sob uma faixa de luar, olhando para trás sobre seu ombro arqueado enquanto cruza a rua vazia e me acompanha por um tempo antes de desaparecer em uma área escura de terreno pantanoso do outro lado.

Eu passo pelo companheiro de corrida ocasional ou pelos caminhantes vespertinos com seus cães. Quando o tempo está bom, casais de namorados se sentam em bancos voltados para a água. Mas os vivos são em número menor ao longo do rio comparado com as relíquias dos mortos: Richie Forte, morto no Vietnã, cujo nome foi dado a um parque na região de Nonantum de Newton; David Berray, que morreu no World Trade Center em 11 de setembro de 2001 e é lembrado em uma placa próxima a um playground em Cambridge; Longfellow e Eliot e Weeks e Weld e todos os outros antigos veteranos que deram seus nomes a pontes e garagens náuticas; as legiões de autores mortos há muito tempo cujos livros se empoeiram empilhados nas bibliotecas das universidades localizadas de frente para a água, como a Universidade de Harvard, o Instituto



Superior: Pessoas andando passam pelos trens de metrô conhecidos como “The T.” Aberto em 1897, é o mais antigo metrô dos Estados Unidos Acima: O histórico Faneuil Hall foi revitalizado como uma peça central das lojas do mercado e da praça de alimentação

de Tecnologia de Massachusetts e a Universidade de Boston. Não muito longe do memorial a Davi Berray há um bloco de granito onde se encontra esculpida uma inscrição tão desejosa que chega a ser qualificada como mentira: “Neste local, no ano 1000, Leif Erikson construiu sua casa em Vineland.” Ebenezer Norton Horsford, empresário de fermento em pó do século 19, com uma paixão pela arqueologia amadora do gênero mais poético, é o autor dessa frase. Ele também tinha uma torre viking caprichada erguida bem na parte oeste do rio e liderou o esforço para encomendar a estátua de Leif Erikson que espreita no tráfego da rampa, com a mão protegendo os olhos da luz, do canteiro central gramado da Avenida Commonwealth na beira da Baía de Back. Talvez os trabalhos de Horsford finalmente acalmaram os fantasmas vikings inquietos que se reuniam ao lado de sua cama, embora nunca saberemos, porque Horsford morreu há muito tempo, é claro.

Algumas vezes tentei explicar a Ling-li a minha urgência em sair à noite, livre, andando rapidamente, encaixando-me nas costuras da paisagem e no ciclo dos seus ritmos. Ela simplesmente acha temerário escolher estar tão exposto e sozinho no escuro, mas eu tento fazê-la ver que correr à noite é uma técnica de pertencimento, de se integrar a um lugar e deixar que o lugar se integre a você. Repetindo e variando os seus itinerários, você se mistura à textura do lugar onde mora de modo que não pode ser retirado tão facilmente dele — não pelos seus inimigos e nem mesmo por aqueles que amam você. É verdade que quando você corre à noite, sente o frio da escassez do mundo, a fraqueza tênue da sua conexão com qualquer coisa ou qualquer um — especialmente no frio e na chuva e, mais especialmente, no domingo à noite no auge do inverno — mas ela ainda não entende como você golpeia essa solidão precisamente indo procurar por ela. À medida que os fantasmas da cidade se tornam mais familiares para você, gradualmente você se junta aos seus companheiros. Para cada figura semioculta em uma janela do segundo andar ou em um carro passando, para cada silhueta de fantasma que pisca em sua visão periférica quando você passa pelas árvores ou por um cemitério na parte elevada da margem do rio, há muitos mais que você não vê, muitos mais que, em vez disso, você só vê o vulto: uma sombra estranhamente familiar contra a escuridão maior.

Quando eu volto para casa, eu me alongo e tomo banho, me visto, então caminho pela casa em silêncio, desligando as luzes, verificando o fogão e as travas das portas, assegurando-me de que tudo está em ordem. Minha esposa já foi se deitar. Antes de me deitar também, eu paro no quarto das meninas para dar um beijo de boa noite enquanto elas dormem. Eu frequentemente me sento no quarto delas por um instante, ouvindo-as respirar, a casa em total silêncio, o estrondo e o apito silenciados de um trem atrasado. Eu sou a única faísca de vida consciente da casa, passando silencioso e invisível por aqueles que dormem profundamente. Yuan uma vez me disse: “você é como um garoto malvado que gosta de mim e me protege dos outros garotos malvados.” Algumas vezes, eu me estendo um pouco mais no quarto das meninas, esperando retornar completamente para o meu corpo de modo que eu possa me deitar ao lado da minha mulher e dormir.



Transeuntes passando através do porão de entrada até o campus principal da Universidade de Harvard em Cambridge, Massachusetts, subúrbio de Boston. Acima: Um cenário frequente de inverno na vizinhança de Beacon Hill em Boston sendo cavado depois de uma nevasca

PHOTOGRAPHY



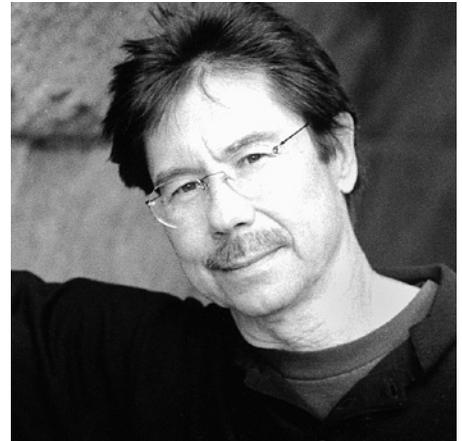
CHICAGO ÁGUA-MARINHA

Chicago, cidade onde o rio flui em sentido contrário, abraça um paradoxo. A geografia assegura que isso ocorra. A capital não declarada do coração do país, é uma cidade do interior reconhecida por seus arranha-céus que se erguem da planície de uma pradaria vasta e fértil conhecida como Meio-Oeste americano. O cheiro de sal do oceano está a 1.100 quilômetros de distância, e mesmo assim Chicago é uma cidade com água. Seu horizonte é verde azulado. A costa da cidade está de frente para o maior mar de água doce do planeta, um que contém 20% da água doce do mundo. Mais do que pradarias, campos ou parques, é a sua água que serve como um contraponto da natureza às vigas e ao concreto da arquitetura de Chicago e ao asfalto das suas ruas. A preservação pública da beira do lago foi o tema central do Plano Burnham de 1909, responsável pela contínua preservação daquela beleza única de Chicago. O lago espelha o reflexo expandido da cidade e o devolve, transformado. A água é o mito da cidade. Qualquer criança que tenha crescido em uma cidade do interior e feito uma viagem para a praia em pleno verão escaldante, ou melhor ainda, aberto ilegalmente uma bomba de combate a incêndio e a deixou jorrando pela rua enquanto a vizinhança dançava com o jorro de água pode dizer o que é isso.

A origem de Chicago está intimamente ligada à água. Em 1674, Louis Joliet e Père Marquette, missionário jesuíta que falava diversos idiomas ameríndios, remaram rio acima pelo Rio Illinois em canoas feitas de cascas de vidoieiro e se tornaram os primeiros europeus a acampar próximos do local que se tornaria uma metrópole. Os exploradores me fascinaram desde criança. À noite, minha cama se transformava em uma canoa que eu remava através da região selvagem, imaginando a surpresa de dois franceses ao verem aquilo pela primeira vez. A vida noturna da cidade eu podia ouvir da janela, especialmente os trens que nunca param, passando sobre os viadutos. A nossa vizinhança era entrelaçada pelos trilhos dos trens e pelo chamado Canal Sanitário — a cor marrom de um esgoto aberto — correndo embaixo das pontes da ferrovia a apenas alguns quarteirões. Mas eu estava no rio que fluía pela floresta; ao longo de suas margens, búfalos, veados, ursos e raposas chegavam para beber água. Meu pai, um imigrante polonês, lembrou ter visto uma placa que marcava o local onde Marquette havia acampado no inverno ao longo do rio na altura da Rua 27 e da Avenida Damen, não longe de onde nós vivíamos e, um dia, meu amigo Eddie Boy e eu fizemos um passeio de bicicleta tentando encontrá-la, mas se havia uma placa, ela se foi. O recolhimento de sucata era comum em nossa vizinhança onde as calotas de uma pessoa podiam se tornar a sucata de outra e imaginamos alguém roubando a placa para extrair o bronze.

Nós vivíamos em Pilsen, um local no sudoeste, o bairro porta de entrada que recebeu seu nome da cidade tcheca de Plzen, que também tem seu nome

por Stuart Dybek



Stuart Dybek é autor de três livros de ficção e dois livros de poesia. Seu trabalho é frequentemente ambientado na vizinhança de Pilsen, onde foi criado no lado sul de Chicago. Sua ficção e sua poesia são frequentemente antologias e ganham diversos prêmios, incluindo o Prêmio MacArthur em 2008. Dybek é um escritor ilustre residente na Universidade Northwestern.



O centro de Chicago é o lar de um dos 10 principais centros financeiros globais do mundo. Página oposta: Os arranha-céus de Chicago, a terceira cidade mais populosa dos Estados Unidos

em homenagem a uma cerveja leve, dourada. Chicago é uma cidade dividida entre o lado norte, mais residencial e o lado sul, industrial, operário. É a cidade dos bairros porque é uma cidade de imigrantes. A história das imigrações pode ser lida no modo como seus bairros são divididos ao longo das linhas raciais ou étnicas — Bronzeville, Chinatown, Greektown, Andersonville, Little Italy, o Barrio.

As cidades, se tiverem sorte, produzem escritores que as definem bem — tente imaginar Londres sem seu Dickens. Chicago é aquela rara cidade americana com uma tradição literária semelhante aos escritores de Londres ou de Moscou e, adequadamente, os escritores de Chicago — a maioria moradores do lado sul — são escritores de bairro: Saul Bellow pertence ao Hyde Park, Nelson Algren ao Triângulo Polonês juntamente com Milwaukee e Division, Gwendolyn Brooks ao Bronzeville, James Farrell ao que uma vez foi o lado sul irlandês.

Cada bairro tem sua própria rua principal e a Rua 18 é a de Pilsen. Desça pela 18 sentindo o cheiro de fumaça das *taquerias* tocando música *ranchera* bem alto, passando por letreiros das lojas em espanhol e murais vibrantes que lembram Diego Rivera, e você se perguntará por que esse lugar recebeu seu nome em homenagem a Plzen em vez de Guadalajara.

Desde os anos 60, o bairro de Pilsen tem sido a porta principal de entrada para a imigração latina que cruzou não o oceano, mas um rio para chegar aos EUA. Antes disso, era um enclave eslavo. Os imigrantes tchecos se estabeleceram ali na metade do século 19 e o bairro foi um dos poucos na



o Rio Chicago passando pelo prédio mais alto da cidade, a Torre da Sears. Parte inferior: o Plano Burnham de 1909 é responsável pela preservação pública contínua da beira do lago ao longo do Lago Michigan



cidade a sobreviver ao Incêndio de Chicago de 1877. O mesmo período foi marcado por explosões de conflitos trabalhistas e mudanças sociais e Pilsen, cidade operária desde a sua concepção, figurou de modo proeminente nas ondas das greves, dos protestos e das retaliações brutais. Foi um período no qual um bairro de “mistura racial”, obscuro, poderia servir como caldeirão para eventos nacionais de proporções históricas, uma era que viu a Revolta de Haymarket, experimentos sociais como Hull House de Jane Adams, a Pedagogia Libertária de John Dewey, e a literatura de protesto como a exposição de Upton Sinclair da indústria de embalagem de carne de Chicago, “A Selva”. Essa marca de Chicago – o liberalismo americano crescente – mais tarde se estenderia ao trabalho e às teorias do organizador comunitário, Saul Alinsky, cujos ideais, por sua vez, engajaram um jovem advogado chamado Barack Obama.

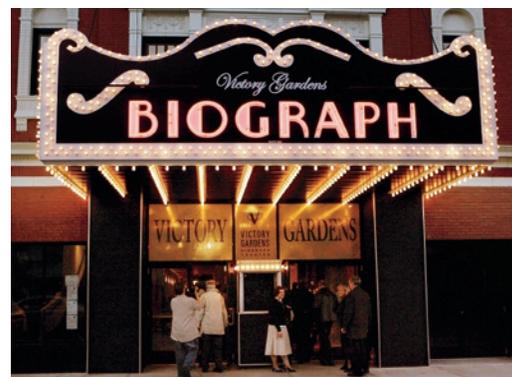
Apesar dos eventos históricos que ocorreram dentro das 3,5 milhas quadradas de Pilsen, meus amigos e eu, após várias gerações, crescemos lá e éramos muito ignorantes de seu passado. Não se pode contar que Chicago, que Nelson Algren famosamente apelidou de “a cidade em construção”, arrume tempo para a história. A preservação exige cuidado e dinheiro e, para um local em construção, parece mais lucrativo derrubar, reconstruir e deixar o passado e as suas lições inconvenientes — embora não necessariamente seus rancores — no entulho deixado para trás. A história do conflito de classes e os conflitos trabalhistas raramente é ensinada nas escolas. Ainda, eu me pergunto se, ao crescer, nós não tínhamos senso do passado em algum nível subliminar.

O filósofo Jacques Derrida cunhou o termo “assombrologia” (tradução livre de “hauntology”), que definiu como o “estado paradoxal do espectador que não é nem ser nem não ser”. Ele está falando metaforicamente sobre como as forças econômicas do passado, embora esquecidas, talvez continuem a assombrar o presente. Há um viaduto da estrada de ferro em Pilsen que costumava ser considerado como assombrado. Os viadutos são túneis assustadores de qualquer modo, mas dizia-se que aquele na Rua 16 era assombrado por fantasmas. Era um local de rito de iniciação local correr por ele à noite. Nós imaginávamos que tivesse havido um assassinato a tiros ou um estupro ou que um dos mendigos que andavam pelos trilhos tivesse sido encontrado enforcado ali.

Somente quando adulto, enquanto pesquisava a história do meu bairro, eu aprendi que em 1887 aquele viaduto tinha sido palco da Batalha do Viaduto. A greve dos ferroviários de 1887 produziu conflitos trabalhistas gerais. Quando uma multidão de manifestantes desarmados, incluindo mulheres e crianças, se reuniram no viaduto, a polícia e as tropas federais experientes pela luta contra os índios Sioux que haviam derrotado Custer dispararam contra a multidão, matando 30 e ferindo pelo menos cem. É possível comprar os “tijolos de recordação”, supostamente das paredes crivadas de balas do Dia do Massacre de São Valentim, e a fachada do Teatro Biograph onde John Dillinger foi baleado foi cuidadosamente preservada e permanece uma atração turística. Chicago é, afinal de contas, conhecida pelo seu romance adolescente e seus gângsteres. Mas se você visitar o viaduto nas Ruas 16 e Halsted, além dos fantasmas, encontrará o memorial da Batalha do Viaduto.



“O El” ou Trem Elevado é o sistema de transporte rápido que atende a cidade de Chicago e alguns de seus subúrbios ao redor. Acima: a Prefeitura de Chicago que possui um jardim no telhado



uma réplica da marquise do Teatro Biograph é iluminada para o cinema que ficou famosa graças ao assaltante de banco na era da Depressão, John Dillinger



Mesmo assim, como o livro “As Aventuras de Augie March” de Saul Bellow, posso declarar que sou “um americano, nascido em Chicago — Chicago, essa cidade sombria”, há momentos em que quando, retornando dos meus passeios pelo antigo Lado Sul, eu me sinto um turista do meu próprio passado. Meu meio de transporte favorito é descer remando no meu caiaque pela margem sul do rio Chicago — o rio cujo fluxo natural em direção ao lago foi, no interesse do saneamento, invertido em 1900. A margem sul forma uma forquilha no Canal Sanitário e de Navegação, que escapa através do lado sudeste. Nós o chamamos de Canal Insalubre. A lenda diz que se uma gota tóxica dele tocar a sua pele nua, você será infectado com uma doença transmissível — pólio, TB, sífilis — ou infectado com vermes que prosperam nas vísceras descartadas dos currais. O canal era conhecido antes como Bubbly Creek quando Chicago, para mencionar Carl Sandburg, era “o Açougueiro de Porco para o Mundo”, e os gases das carcaças em decomposição despejadas no rio borbulhavam na superfície. Embora recursos consideráveis tenham sido investidos para melhorar a qualidade da água, eu tomo cuidado para minimizar o contato com ela quando coloco o barco na água na Avenida Ashland.

A margem norte do rio flui pelo canal de aço e vidro de arquitetura de nível mundial do centro da cidade. É um passeio que vale a pena. Não há perspectiva melhor para ver a cidade se elevar — seja Paris, Praga ou Chicago — do que do seu rio. O rio parece mais limpo na margem norte. As equipes de remo passam remando, as pessoas ao longo da margem estão realmente pescando peixe não comestível e houve um boato de que o prefeito Richard J. Daley considerou fornecer uma frota de gôndolas para transportar passageiros ao redor do centro da cidade.

O Canal Sanitário não está pronto para as gôndolas. O cheiro é o mesmo de quando eu era criança: de óleo, creosoto e pombos sob as pontes da estrada de ferro. Seus bancos enferrujados cobertos de lixo e detritos. O Lago Michigan reflete a face da Costa Dourada que a cidade quer que o mundo veja. Mas a área industrial do rio, como a margem sul, revela o lado de trás onde as janelas das fábricas estão quebradas e chamuscadas de preto. No ensino secundário, eu vinha à noite contemplar as faíscas do acetileno e o clarão das



Canto superior esquerdo: dançarinas se apresentam na parada anual do Dia de São Patrício em Chicago. Superior: uma vez lar dos imigrantes do Leste Europeu, o bairro de Pilsen de Chicago agora é local de uma procissão que celebra o Dia de Los Muertos, Dia de Finados. Acima: no lado sul de Chicago, pratos são preparados no restaurante Hyde Park



Corrida através do Grant Park no centro da cidade durante a Maratona Anual de Chicago



chamas azuis das fundições noturnas iluminando a água escura. No verão eu explorava os terrenos atrás das fábricas falidas que haviam se convertido novamente em pradarias e pântanos, onde a vida selvagem — coelhos, raposas, faisões, garças, sapos, cobras — sobreviviam à vista do nebuloso conjunto de torres do centro da cidade. Assim como os trilhos da estrada de ferro, os rios são rotas de migração e além das gaivotas sempre presentes há os patos selvagens, patos selvagens do hemisfério norte, os de olhos dourados, gansos que salpicam água, gansos do Canadá, cisnes migratórios, garças, martins-pescadores, andorinhas, falcões e falcões-peregrinos, o pássaro oficial da cidade, que está lá para caçar os pombos.

Sob a liderança de Daley, Chicago se tornou proeminente no movimento de cidade verde. Então, em um evento literário para os estudantes da área central da cidade, eu descrevi ao prefeito as minhas caminhadas ao longo do rio e o encantamento de ver uma fêmea de castor com suas crias, uma indicação clara da melhoria na qualidade da água.

“Isso não é nada”, disse o prefeito para mim em seu sotaque do lado sul característico. “Esse rio está ficando tão limpo que os predadores estão voltando. Uma marta apareceu na margem sul à noite, passou pela estação Cermak, entrou sorrateiramente em Chinatown e matou metade dos patos. Eu recebi um telefonema do Departamento de Polícia dizendo que os donos do restaurante chinês estavam em polvorosa querendo saber o que íamos fazer a respeito disso. O que eles queriam que eu fizesse, prendesse uma marta?”

Mais tarde, eu falei com um especialista local em vida selvagem e ele me disse que como eu suspeitava, a história era improvável dado que as martas estão extintas em Illinois desde 1859. “Mas”, acrescentou, considerando, “pode ter sido uma pele de marta”.



Canto superior esquerdo: em um playground no lado sul de Chicago, um menino está em pé em frente a um mural colorido descrevendo os trabalhadores imigrantes. Canto superior direito: o Museu Americano-Chinês no bairro Chinatown de Chicago introduz os visitantes à história do povo que se estabeleceu ali. Centro: o distrito de Pullman em Chicago permanece incrivelmente inalterado desde os anos de 1880 quando George M. Pullman construiu moradias para os trabalhadores da sua fábrica de vagões para as ferrovias. Acima: “Cloud Gate” apelidado de “The Bean”, uma escultura de aço inoxidável de 110 toneladas criada por Anish Kapoor, adorna o Parque do Milênio em Chicago

F
O
S
O
N



HOUSTON: CIDADE EXPERIMENTAL

Dentre as grandes cidades americanas, Houston é a que melhor escapa às definições fáceis. Fale seu nome e o que vem à mente: um centro da cidade com torres de vidro? Rios de concreto sinuosos cortando a paisagem urbana? Isso é tudo verdade, mas essas coisas não distinguem Houston de outras cidades do Cinturão do Sol. Elas não capturam a alma de Houston.

Todos de certa idade já ouviram falar do Astrodome, considerado a “Oitava Maravilha do Mundo” quando ele foi erguido nas pradarias quentes no início dos anos 1960. Quando criança, me lembro de me arrumar para ir assistir a jogos lá. Os homens usavam casacos e gravatas, as mulheres usavam chapéus. Você não estava lá apenas para o time local perder mais uma partida; você estava lá para comemorar a chegada de Houston à categoria de uma das grandes metrópoles.

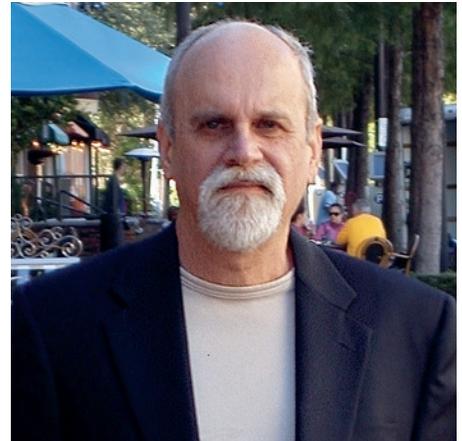
Mas esses dias se foram. Hoje o Domo está vazio e quase esquecido, um monumento a uma decisão errada na arquitetura dos esportes, seu status como ícone de Houston acabou. Ninguém sabe o que fazer com ele e, algum dia em breve, eu espero, ele será silenciosamente demolido.

E há a reputação de Houston como cidade de petróleo e gás, um lugar de rapazes rudes briguentos e barões do petróleo beberrões. Tudo acerca da história de Houston nos conta da festa de inauguração regada a bebida de Glenn McCarthy, o *wildcatter* (aquele que procura por petróleo em áreas não conhecidas como campos petrolíferos) na inauguração, em 1949, do luxuoso Hotel Shamrock, ao final da qual as socialites ricas do Texas e as estrelas de Hollywood mergulhavam bêbadas na piscina, uma erupção agitada de autocelebração cívica que o ouro negro tornou possível.

Mas os magnatas do petróleo, que se consideravam maiores do que a própria vida, como McCarthy, há muito já se foram, assim como o Hotel Shamrock. E, embora a indústria da energia permaneça o motor mais poderoso da economia local, seus funcionários se escondem nas torres de escritórios e tendem a ser tão alegres quanto contabilistas. As próprias refinarias — vastos emaranhados de tubulações de metal, tubos e tanques — estão confinadas na metade leste operária do condado, fora da cidade. A maioria dos moradores de Houston lembra das refinarias somente quando sente o cheiro que emitem, e os prósperos cidadãos de Houston raramente sofrem com aquela indignidade. Não, a indústria do petróleo e do gás não define a natureza distinta da cidade.

Quando eu considero a identidade de Houston, eu me volto sempre para sua atitude em relação ao novo, em relação às mudanças e ao passado. Termos como Cidade Experimental, Cidade da Improvisação, Cidade Acidental vêm à mente. Houston é um lugar para construir e demolir, sonhar e descartar. É

por Fritz Lanham



Fritz Lanham cresceu em um subúrbio de Houston e por 16 anos trabalhou como editor de livros para o Houston Chronicle. Ele atualmente é diretor de programas da organização Asia Society Texas Center. Formado pela Universidade do Texas e pela Universidade de Indiana, é membro do Instituto de Letras do Texas. Ele e a esposa, Kellye Sanford moram na área de Spring Branch em Houston.



Um linha de trem metropolitano rápido passa pelo centro de Houston. Página oposta: no distrito cultural de Houston, o Wortham Center se destaca

um lugar para refazer o espaço físico e social — erguendo um novo edifício, lançando um novo negócio, inaugurando uma nova galeria de arte ou uma companhia de dança.

Quase metade dessas coisas falha em seus propósitos, é descartada e esquecida. Mas Houston é uma cidade onde as pessoas tentam as coisas porque não há ninguém para impedi-las. E isso algumas vezes pode ser bom, algumas vezes pode ser ruim.

Minha esposa e eu estamos prestes a fazer uma renovação completa da nossa casa comum, estilo fazenda dos anos 1960, e com isso, a obra da casa tem sido uma das nossas preocupações. E uma obra residencial é um bom modo de ilustrar a inclinação de Houston para uma reconstrução que nunca termina.

Hoje Houston está experimentando um período de rápida “ocupação”, para usar uma palavra da moda. As pessoas, muitas delas, estão cansadas de viver no isolamento dos subúrbios. Elas querem morar mais perto do trabalho, mais perto dos bons restaurantes da cidade e dos locais de entretenimento. Para onde você se volta, os empreendedores estão construindo novos condomínios, casas com quintal, unidades de apartamento, preenchendo os espaços vazios e tornando a cidade mais densa.

Tudo isso é facilitado pela falta de lei de zoneamento de Houston. Duas vezes os eleitores de Houston disseram não à lei de zoneamento, pois consideram isso uma manobra dos comunistas de privar o homem do seu direito de fazer com a sua propriedade o que ele bem quiser.

Na verdade, a maioria dos bairros tem restrições de escritura que limitam o tipo de construção que pode ser feita. Ainda assim, você pode encontrar acolhedores bangalôs dos anos 1920 dividindo um quarteirão com



Um grupo de trabalhadores da construção em um andaime temporário com os arranha-céus de Houston ao fundo. Parte inferior: Uma vista elevada dos arranha-céus de Houston





obras de arte modernistas metálicas, inspiradas em Mies van der Rohe, com seus ângulos agudos e uma funcionalidade fria e supérflua projetadas por um dos arquitetos jovens ambiciosos produzidos pela Universidade Rice ou pela Universidade de Houston. Os puristas lamentam essas incongruências, mas eu gosto delas. Isso significa que shopping centers de rua, oficinas automobilísticas, prédios com apartamentos neogeorgianos de US\$ 850 mil e prédios de escritórios se acotovelam mais de perto e em uma justaposição mais surpreendente do que as cidades “planejadas”. O totem de Houston pode ser o fim da incongruência.

O outro lado escuro dessa abertura para o novo é uma indiferença deplorável para preservar o antigo. Dificilmente se passa um mês sem se ouvir falar sobre um empreendedor condenando alguma peça do passado de Houston. Recentemente uma loja de varejo com construção da mais fina art déco restante na cidade foi demolida para abrir espaço para uma nova livraria da Barnes e Noble. Conforme eu escrevo o destino de outra obra de arte estilo art déco, o velho Cinema Alabama onde, em 1968, eu assisti Dustin Hoffman em “A Primeira Noite de Um Homem” com uma garota que mais tarde partiu meu coração, permanece uma grande dúvida. Seja o que for que o proprietário construa ali, nem metade dele será tão bonito como o anterior.

Há conservacionistas na cidade que lutam contra tais depredações, mas eles são derrotados pelo dinheiro e pela influência dos empreendedores e pela indiferença dos cidadãos. Eu torço por eles, mas não tenho certeza se eles estão ganhando a batalha, pelo menos por enquanto.

Em algumas partes da cidade, a destruição criativa está resultando em coisas boas. Em Midtown, em uma área grande correspondente a 40 quarteirões ligando o centro da cidade e o Centro Médico recém-renovado ao sul, os empreendedores estão testando projetos amigáveis para os pedestres, de altura média que combinam espaço residencial com restaurantes e lojas ao nível da rua e calçadas largas, úteis para jantares ao ar livre estilo Europeu. Houston é uma cidade famosa onde ninguém anda, mas você está vendo mais e mais experimentos destinados a mudar isso.

O centro de Houston devido em grande parte à sua história moderna tem sido uma área que fica vazia às 5 da tarde. Há 20 anos, a cidade e alguns empreendedores privados visionários começaram a tentar alterar isso também, transformando os espaços comerciais em apartamentos tipo loft. Por um tempo isso pareceu funcionar. Novos restaurantes e bares foram abertos,

À esquerda: Um transeunte caminha ao longo de uma trilha em um dia bonito de janeiro próximo ao centro de Houston. Acima: O Ship Channel de Houston passa pelas refinarias e instalações de armazenamento de petróleo e produtos químicos em seu caminho até o golfo do México



O Reliant Stadium de Houston abriga uma multidão para o Super Bowl de 2004. Acima: Um estagiário no Museu de Belas Artes de Houston inspeciona uma obra chamada “New Light” de Thornton Dial

você via pessoas andando pelas ruas à noite. Tínhamos um novo estádio de beisebol muito bom no centro da cidade, o Parque Minute Maid e uma nova arena de basquetebol.

Mas até agora o centro da cidade não atraiu uma massa crítica real de residentes. Você não encontra lavanderias, pequenas mercearias, lojas de ferramentas, por exemplo, a infraestrutura de uma vida urbana civilizada. O resultado para o centro da cidade: prognóstico incerto, mas razões para otimismo.

Tenho me concentrado aqui em tijolos e argamassas em parte porque seja o que for que torna Houston um local estimulante para se viver é decorrente do resultado do trabalho humano e não do ambiente natural. Embora seja muito mais verde e exuberante do que muitas pessoas se dão conta, Houston pode se vangloriar de pouco charme natural. Olhe para o horizonte e não verá picos cobertos de neve à distância como Salt Lake City ou Seattle.

A cidade não se assenta em uma baía natural bonita como a de São Francisco, mas em vez disso está contígua ao lado norte da Baía de Galveston, a 100 quilômetros da costa do Golfo do México. Se não fosse pelo furacão de 1900 que matou 6 mil pessoas em Galveston e pôs fim ao status da cidade de maior porto do Texas, Houston talvez tivesse permanecido como um local literalmente esquecido. Tirando proveito da desgraça de Galveston, os fundadores da cidade de Houston puseram em vigor um plano para dragar o canal através da Baía de Galveston que permitiu que os navios que iam para alto mar rumassem para Houston. Isso deu origem ao Porto de Houston, e o porto, juntamente com a invenção do ar-condicionado, deu origem a Houston como uma grande metrópole.

Especialmente a invenção do ar-condicionado. Houston não é somente plana, mas é também quente, uma banheira de vapor minando as suas forças por pelo menos seis meses do ano. Não se nota o calor porque, como você pode imaginar, toda a cidade é refrigerada artificialmente. Dito isso, o aquecimento global não fará nenhum favor a Houston.

A cidade é dividida por afluentes naturais lamacentos, lentos, alguns aterrados com concreto, outros não, cuja única função é drenar a água da chuva para a Baía de Galveston. Valiosos esforços foram feitos para tornar o Buffalo Bayou, o afluente que corre pelo coração da cidade, em um curso de água mais convidativo. Trilhas de caminhada agora correm ao lado dele em alguns lugares e a qualidade da água está melhor, mas não espero ver ninguém nadando no Buffalo Bayou durante a minha vida.

Todas essas propriedades físicas nada promissoras servem para estimular o espírito de inovação e de experimentação que eu descrevi como característica fundamental da cidade. Construir uma coisa, demolir outra, seja o que for, tentar alguma coisa para tornar o lugar mais atraente e confortável.

Embora Houston fisicamente esteja quase constantemente em um estado de constante mudança, a cidade também está experimentando uma mudança demográfica profunda, a mesma que outras cidades americanas estão experimentando. Mas isso acontece de modo mais enfático aqui.

Houston está se tornando uma cidade marrom, uma cidade predominantemente hispânica. Sessenta e três por cento dos residentes do



Superior: Um novo veículo, especialmente modificado, transporta o ônibus espacial Endeavor enquanto ele deixa o Centro Espacial Johnson de Houston com destino ao Centro Espacial Kennedy na Flórida. Acima: Os irmãos Xydris são exibidos em seu negócio, o Palace Boot Shop, na última loja Old Western no centro de Houston, que fechou as portas em 2005



Classificada como uma das 20 melhores universidades dos EUA, a Rice University começou a funcionar em 1912 e é conhecida pelos seus programas de ciência aplicada



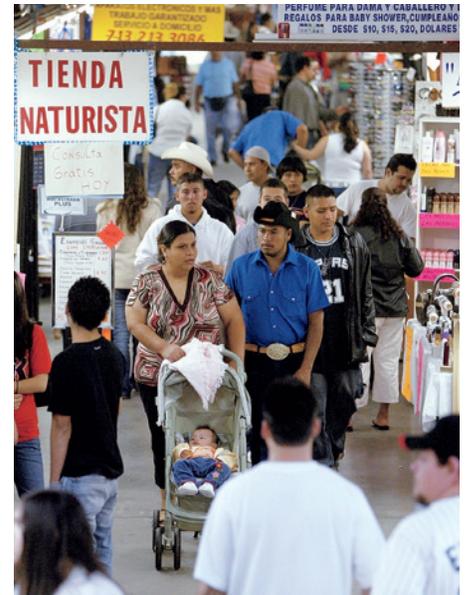
condado são hispânicos. Essa é a terceira maior porcentagem no país para condados com mais de um milhão de habitantes. As implicações completas dessa revolução da população ainda precisam ser definidas.

Todos com olhos em Houston sabem que a população hispânica explodiu. O que parece estar mudando o status socioeconômico daquela população. No passado, os hispânicos eram desproporcionalmente pobres e operários. Os anglo-saxões da classe média os conheciam como trabalhadores da construção, empregados domésticos, cozinheiros, motoristas de caminhão — pessoas fazendo um trabalho útil, mas uma classe à parte.

Mas os cidadãos de Houston de todas as etnias acordarão um dia, em breve, e descobrirão que não somente os pedreiros e os cozinheiros dos restaurantes possuem pele marrom e sobrenomes hispânicos, mas também os médicos e os advogados e os executivos dos bancos e balconistas. Se você duvida disso, sente-se do lado de fora de um prédio de escritórios ou ande por um dos grandes shopping centers e anote a etnia de todos que você vir. Totalmente empírico, eu sei, mas serve para abrir os olhos.

Como a hispanização radical de Houston mudará a cidade? Muito menos do que você possa imaginar. Essa é a minha opinião. Reconhecidamente, muitos cidadãos de Houston não hispânicos experimentam surtos de raiva e ansiedade quando percebem que todos ao redor deles em uma loja ou em um ônibus estão falando um idioma que eles não entendem. Parece de alguma forma não americano. Mas a maioria dos cidadãos de Houston já absorveu em seu DNA cultural, a comida hispânica, a música e, pelo menos, um pouco do idioma. Mais significativo, a maioria dos hispânicos que eu conheço parece abraçar a ideia de uma Cidade Experimental e a agitação física e social que isso representa.

Eu sempre me considerei alguém em busca de um local calmo para se viver, diferente do que buscam os empreendedores excepcionais, sempre dispostos a chegar na frente, e que incorporam o espírito de Houston. Dito isto, de um modo geral, eu me sinto confortável aqui e já se passaram 25 anos. Acho que, assim como muitos americanos, eu subestimei o meu apetite por novidades e os riscos que acompanham o novo.



Canto superior esquerdo: Três jovens bonitas fazendo um intervalo do Balé Folclórico durante a Parada Anual do Orgulho Hispânico de Houston em honra a Cesar Chavez. Superior: Conhecida por seus mercados de pulga, os compradores de Houston caminham pelo Mercado Sabadomingo. Acima: Muitos artistas no Show Agropecuário e Rodeio de Houston. O maior evento do mundo do seu tipo começou em 1932 como um evento filantrópico para angariar fundos para a juventude do Texas

FOR S A N G E R S



TERRA DOS SONHOS

Na manhã de 14 de janeiro de 1959, David e Sylvia Kellerman e seus três filhos desceram as escadas de um avião da TWA e pisaram na pista de decolagem do Aeroporto Internacional de Los Angeles.

O avião tinha levantado voo à meia-noite anterior do Aeroporto de La Guardia no Queens, em Nova York, onde as temperaturas tinham caído muito durante uma terrível tempestade de neve. Os filhos dos Kellerman vestidos com casacos pesados sobre os pijamas e usando chapéus com protetores de orelhas, chamaram a atenção da equipe em terra. A temperatura em Los Angeles era de 26 graus Celsius. O Sol estava brilhando. Tudo estava verde. Sylvia pensou que tivesse pisado no Jardim do Éden e talvez fosse o caso.

Como uma criança mais velha de nove anos, eu entendi que essa viagem mudaria a minha vida e eu apreciei a aventura. Enquanto inalava o coquetel de combustível de avião e o ar estranhamente quente de inverno e boquiaberto com as palmeiras que enfeitavam a pista de pouso, pensei: “Isso é realmente como nos filmes! Isso vai ser muito interessante!”

E foi.

Meus pais escolheram se mudar para Los Angeles sem um plano sério. Acometidos por uma situação financeira sombria que impôs um orçamento semanal de 35 dólares para uma família de cinco pessoas, estávamos nos realocando a quase 3 mil milhas de distância quase como mendigos. A decisão de Dave e Sylvia de deixar para trás familiares e amigos e abandonar a cidade onde os dois haviam nascido era uma mistura de loucura e coragem, resgatados por pouco do desastre eminente pelos braços acolhedores da Nova Fronteira Americana.

Meu pai, herói de combate condecorado da Segunda Guerra que tinha visto ação na Batalha do Bulge e na Praia de Utah, tinha finalmente se qualificado, uma década depois da honrosa dispensa do Exército, para uma hipoteca obtida graças à Lei G.I. para comprar uma pequena casa de tijolos em Bayside, Nova York. Logo depois que nos mudamos, a propriedade foi condenada de modo que uma via expressa pudesse ser construída.

Pioneiro da televisão cuja proeza com eletrônicos havia dado a ele o apelido de “O Mágico” pelo seu oficial comandante, David Kellerman estava cansado de encher os bolsos das corporações com o fruto das suas invenções e decidiu começar o seu próprio negócio. Imprimindo papel de carta, empreendimento que ajudou sua empresa a crescer consideravelmente, ele começou a montar à mão capacitores de precisão no porão do bangalô acanhado que estava prestes a ser demolido.

“Já que somos forçados a nos mudar”, ele informou a minha mãe, “então vamos nos mudar para Los Angeles. É lá que a indústria espacial está

por Jonathan Kellerman



Jonathan Kellerman é autor de 31 romances best-sellers, seis livros de não ficção e inúmeros ensaios e artigos científicos. Treinado como psicólogo clínico, ele é professor de pediatria clínica da Escola de Medicina Keck da Universidade da Califórnia do Sul (USC) e professor adjunto de psicologia da USC.



Com mais de 30 praias ao longo da costa do condado de Los Angeles, um surfista faz sua escolha. Página oposta: Autoestradas que levam ao centro da cidade coberto de fumaça e neblina de Los Angeles



realmente decolando.”

A nossa primeira casa na Cidade dos Anjos foi o Hotel Ranch, hotel de estrada decadente no Bulevar Pico localizado no lado oeste de Los Angeles. Demolido há muito tempo, o estacionamento esburacado do hotel agora é ocupado por portões do imenso Studio Fox. O que eu suponho ser um tipo de metáfora.

Moramos lá por um mês ou mais, dividindo dois quartos, enquanto meus pais andavam a pé tentando encontrar um proprietário que alugasse um imóvel para uma família com três crianças incontroláveis. Sem dúvida, eles estavam deprimidos pela transitoriedade e pela deterioração da nossa situação. Eu estava vibrando: o lugar tinha uma piscina!

O reservatório de mais de 3,5 metros de profundidade não tinha cerca, estava repleto de algas, seu formato lembrava um rim e ocupava a maior parte do espaço interno do hotel. Mesmo assim, aos meus olhos, era como uma lagoa tropical. E a experiência de ter vivido em uma cidade onde os invernos eram congelantes aos poucos se tornava uma memória distante, e dar algumas braçadas em janeiro passou a ser uma realidade eufórica. Eu rapidamente aprendi a nadar sozinho.

Finalmente meus pais conseguiram alugar uma casa (espelunca) estilo anos cinquenta com dois quartos nas proximidades de um bairro de classe operária. Mas a minha casa, longe de casa, era o selim da minha bicicleta.

A maior parte da minha infância em Los Angeles eu passei em duas rodas, cobrindo quilômetros de lugares abertos e ousados que agora chamo de casa, sempre que o tempo permitia — o que ocorria quase todos os domingos. Frequentemente eu pedalava 15 quilômetros a nordeste até o Parque Griffith, uma preciosidade de 10 quilômetros quadrados logo ao norte do arborizado

Os arranha-céus do centro de Los Angeles vistos contra a cadeia de Montanhas San Gabriel com os picos cobertos de neve



Do Observatório Griffith tem-se uma vista sem igual de Los Angeles no topo do Parque Griffith. O Observatório foi reaberto após uma reforma em 2006

bairro Los Feliz cujas mansões tinham abrigado Cecil B. DeMille e muitos de seus atores.

O parque abrigava, e abriga até hoje, um zoológico e um observatório astronômico ambos de nível mundial, mas a maior parte do terreno permanece baldio. Minhas explorações revelaram vales de samambaias e córregos tranquilos onde vairões pulavam e as lagostas espreitavam, vales com inclinações suaves que continham pegadas de coiotes, cervos e leões da montanha, e vistas do topo das montanhas acima das quais falcões de rabo vermelho e falcões-peregrinos circundavam. Isso não havia sido feito pelo homem como ocorreu com o Central Park; esse era um lugar selvagem coexistindo com a argamassa e o concreto. A mesma justaposição resiste ao século 21; por todo o seu tráfego congestionado e o desenvolvimento apinhado, muito de Los Angeles permanece curiosamente intocado, cercado por montanhas nos três lados e abençoado pelo Oceano Pacífico no quarto.

Outro passeio favorito de bicicleta me levou ao sul até o Parque de Exposições, próximo do campus agosto da Universidade da Califórnia do Sul, onde eu passei horas solitárias no Museu de História Natural, olhando boquiaberto as salas cheias de pedras preciosas, exposições prepotentes de colossais citros premiados da Califórnia, espécimes marítimas conservadas flutuando em formaldeído e dioramas de mamíferos enormes, cobertos de pelos desgrenhados, de olhos vidrados. Após uma rápida parada para um sorvete entregue pelo vendedor inevitavelmente estacionado próximo dos jardins de roseiras bem cuidados contornando as áreas do museu, eu pedalei



Acima: Um ciclista pedala na ciclovia próxima ao calçadão na área da Praia de Venice de Los Angeles. Praia de Venice há muito é popular com os turistas por sua atmosfera de carnaval. Abaixo: Crianças brincam na água ao longo do píer em Santa Monica, uma cidade a oeste do condado de Los Angeles e uma obra prima do litoral da Califórnia



até em casa saciado física e emocionalmente.

O clima agradável de Los Angeles e a falta de limites óbvios me ofereceram a liberdade que eu jamais poderia imaginar crescendo na Costa Leste e creio que essa combinação alimentou o meu interesse precoce por psicologia, bem como a minha carreira subsequente para escrever ficção: parece não haver modo melhor de capturar as imagens, os cheiros, sons e as personalidades que vinham até mim como trechos de um filme do que estudar e registrar os inúmeros modos segundo os quais as pessoas funcionavam nesse lugar maravilhoso.

Essa mesma falta de limites para sonhar alimentou as aspirações do meu pai e, dentro de alguns anos, seus dias de trabalho de 15 horas começaram a compensar e estávamos morando em nossa casa própria, uma casa pequena, modesta, estilo inglês no bairro de Pico-Robertson. Dez anos depois de chegar a Los Angeles, papai se transformou em um homem bem-sucedido, com 18 patentes registradas e alcançando proeminência como um contribuinte significativo para a corrida espacial. Ele faleceu há seis anos, mas mamãe com quase 90 anos, ainda vive no mesmo endereço (embora ela tenha reformado a casa nos anos 60 e a casa tenha se transformado em “algo moderno”). E todos os três filhos dos Kellerman continuam a chamar Los Angeles de seu lar.

Minha irmã, meu irmão e eu, assim como muitos outros, adoram o universo alternativo, vasto, inacabado que nos acolheu há 50 anos. Protetores de orelha e tudo mais.

Há uma cena na comédia com Steve Martin, *Os Picaretas*, no qual a atriz Heather Graham, que interpreta a ingênua Daisy, desce de um ônibus na rodoviária Union Station em Los Angeles. Olhar brilhante e prematuramente alegre, ela olha à sua volta e gorjeia algo parecido com “Ok, estou aqui. Agora aonde eu vou para me tornar uma estrela de cinema?”

Aquele nível gigante de ilusão serve ao seu propósito no filme, provocando risos conscientes na plateia. Mas a inocência ridiculamente assertiva de Daisy não sumiu da realidade diária de Los Angeles; esse é o lugar para onde os sonhadores, bem como para aqueles amaldiçoados por pesadelos, vão para se reinventar.

Vá para o Oeste, meu jovem, mas eventualmente você chegará ao oceano e não terá mais para onde ir.

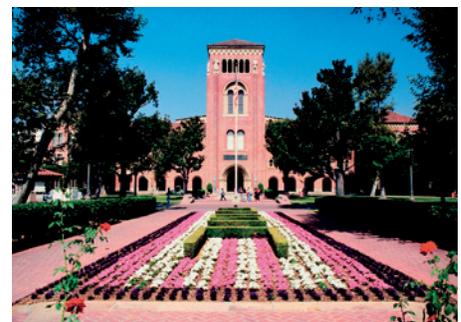
Então monte para você um esquema.

Los Angeles encoraja um fluxo constante de pessoas que perseguem seus sonhos. É uma cidade cuja economia gira em torno de uma só empresa onde o produto principal é a ilusão e quem sabe quando a “Próxima Nova Grande Estrela” vai descer do ônibus?

Os visionários que criaram o conceito de filme como um negócio comercial na virada do século 20 foram atraídos para Los Angeles por quilômetros de terrenos abertos que poderiam imitar qualquer coisa do espírito da época do construa seu próprio negócio e, é claro, à meteorologia benevolente. As raízes plantadas por Sennet, Goldwyn, os Warners e outros cresceram desde então e se fortaleceram. Muitas das empresas aeroespaciais que atraíram meu pai já não existem mais e os fabricantes da cidade se esforçam para competir com regiões com salários menores ao redor do



Escultura cinética é uma peça central no Centro de Ciências de Califórnia, Parque de Exposições, em Los Angeles



O campus da Universidade da Califórnia do Sul, Los Angeles



mundo. Mas o empreendimento que se autodenomina “A Indústria” sem um traço de ironia, e os negócios auxiliares a ela se expandiram — aluguel de fantasias, especialistas em dublês, laboratórios de edição de filmes e de efeitos especiais, agências de talentos — expandiram-se exponencialmente.

Até muito mais longe do que quando eu me mudei para cá há meio século, a indústria do cinema domina o cenário cultural, sociológico e político de Los Angeles. Os designers de moda que se esforçam para chamar a atenção das mulheres da sociedade em Chicago, Dallas e Kansas City fixam seu olhar no tapete vermelho em Los Angeles. Se a sua obra de arte cravejada de lantejoulas, sem costas, deixando os ombros à mostra enfeitar o corpo artificialmente camuflado, bem delineado de uma atriz de primeira grandeza na noite do Oscar, você pode apostar em um pico nas vendas da sua linha em grande parte do mundo da moda. Do mesmo modo, as casas noturnas e restaurantes de Los Angeles são frequentemente classificados menos pela qualidade da sua cozinha e sim pelo número de celebridades que lá frequentam.

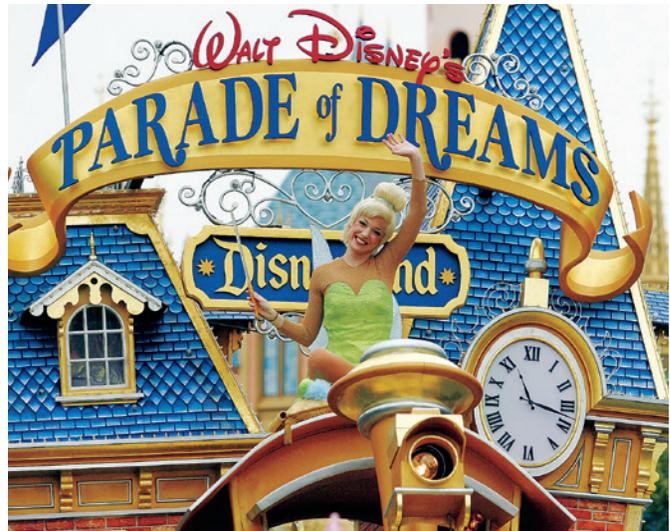
Essa é mais do que uma peculiaridade sociológica; a obsessão com a fama de celuloide alimenta os cofres da cidade ao atrair hordas de centenas de turistas, aventureiros, até mesmo os locais, cujas fantasias giram ao redor de capturar um brilho fugaz de seus ídolos pessoalmente. Los Angeles é a cidade que popularizou o exibicionismo como uma *commodity* e, do ponto de vista comercial, os resultados têm sido espetaculares, servindo para internacionalizar todos os nativos da região, os chamados SoCal (da Califórnia do Sul).

Vá a qualquer lugar do mundo civilizado e todos já ouviram falar de Hollywood. O mesmo vale para Beverly Hills e Malibu.

De modo interessante, os dois últimos afloramentos de luxo são, na verdade, cidades independentes, engolidas pelo corpo geográfico aparentemente sem fim de Los Angeles. E, com exceção de alguns poucos teatros acima da média, Hollywood é, decididamente, um lugar não chamativo, com pouco glamour e taxa alta de ambulantes (imagine aquelas lojinhas de pechinchas da Times Square). Mas o conceito de Hollywood se



Canto superior esquerdo: A estátua do “Oscar” e o tradicional tapete vermelho indicam o caminho até a entrada do Auditório Shrine em Los Angeles onde os Prêmios da Academia são entregues todos os anos. Superior: Prédios enfeitados são muitos na seção de Beverly Hills de Los Angeles. Acima: Rodeo Drive em Beverly Hills atende aos gostos especiais e às compras de artigos de luxo



expande além da mera geografia, mantendo uma conexão firme com a nossa consciência coletiva à medida que continua a atrair e convidar a entrar.

Quando o Sol brilha 300 dias por ano, tudo brilha.

Algumas cidades grandes alcançam seu charme por meio de um planejamento excelente. Paris é exemplar daquela marca de beleza.

A beleza de Los Angeles é um desejo de feliz acaso, o resultado muitas vezes chocante de alpinistas sociais e de novos ricos, alimentando suas ambições não tolhidas pela tradição, lógica ou gosto.

Escolha uma rua aleatoriamente em qualquer bairro de alta classe de Los Angeles e você encontrará mansões neocoloniais exageradas, lado a lado com mansões estilo neoitaliano igualmente exageradas avançando em direção a mansões estilo neotudoriano, extravagantemente construídas metade em madeira, rentes aos contornos de mansões neoultracontemporâneas.

Viaje desde a fronteira oriental de Beverly Hills em Sunset e Doheny até a extremidade norte e você terá cruzado 60 quilômetros ininterruptos de construções milionárias, muitas delas construídas durante a última década.

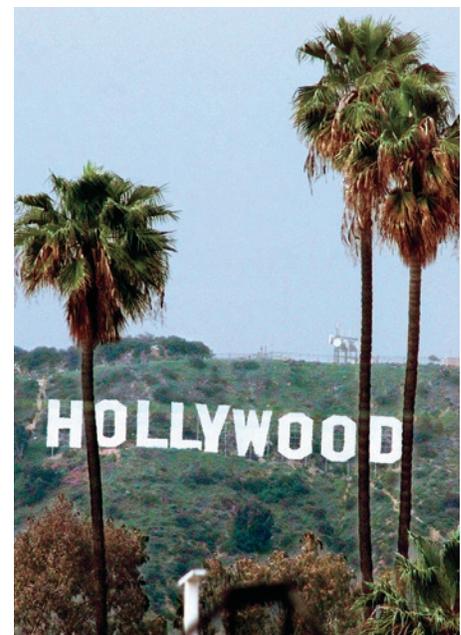
Tudo se resume a ser “Novos” e “Modernos” e “Inovadores” e “Incrivelmente Deslumbrantes” e se isso significar arrasar alguns marcos antigos fedorentos, que assim seja.

São dois lugares de Los Angeles, realmente.

Há Los Angeles, a cidade, gigantesca em seu próprio direito uma vez que ela abrange mais de 1.200 quilômetros quadrados — metade da área de Luxemburgo — e abriga quase 4 milhões de pessoas. Então há a Grande Los Angeles, uma nação virtual em si mesma que compreende todo o condado de Los Angeles e diversos vizinhos imediatos, incluindo Condado de Orange, terra da Disneylândia.

Agora estamos falando de 17 milhões de pessoas em uma região com quase quatro vezes o tamanho de Luxemburgo.

Dada à enormidade do nosso território, somos, e sempre seremos, uma megalópole presa à codependência do automóvel. Los Angeles é o primeiro lugar onde os shoppings centers foram projetados de modo que os motoristas possam estacionar seus veículos e entrar pelos fundos. Discussões sobre



Canto superior esquerdo: O novo Ferris Wheel de Santa Monica movido com energia solar está sobre a área de diversões do Parque Pacific no píer de Santa Monica.
Canto superior direito: O personagem da Disney, Tinkerbell acena durante uma parada na Disneylândia em Anaheim, na Califórnia, que comemorou o 50o aniversário do parque temático da Disney em 2005.
Acima: Empoleirado no alto do Mount Lee, o pico mais alto de Los Angeles, o símbolo de Hollywood, construído em 1923, é uma atração turística e é um símbolo resistente do glamour da indústria do entretenimento de Los Angeles

o trânsito intenso nunca cessam, mas o cavalo cromado de propriedade privada nunca abre mão do seu status de transporte principal de Los Angeles. As nossas dimensões são muito grandes, os nossos horários muito idiossincráticos e, resumindo, gostamos de viajar sozinhos.

Somos uma aproximação estranha de uma cidade, decididamente urbana em seu âmago. Ainda, em muitas partes de Los Angeles, uma viagem de meia hora pode levá-lo da metrópole para o campo. Os nossos céus são mais claros do que nunca e permanecemos um excelente lugar, ampliado para uma cor esmeralda brilhante quando o sol é especialmente gentil. A cadeia de montanhas de Santa Mônica brinca através de Los Angeles, aparecendo acima dos arroyos e vales que a sua erupção criou há milhares de anos. Descubra o seu caminho e o silêncio pode ser encontrado com uma facilidade surpreendente.

Então há a questão do nosso vizinho ocidental fervoroso, “The Big Blue Infinity”: uma faixa de cem milhas do glorioso, imprevisível e erroneamente chamado de Oceano Pacífico.

Pensem em toda a água como uma pia batismal para a religião que é Los Angeles.

Dirija para oeste até Santa Monica — outra cidade adjunta engolida pela Grande Los Angeles. — e pare quando não quiser mais seguir adiante. Encontre algum lugar para estacionar o carro, encontre um local com vista acima do Palisades, logo a oeste da Avenida Ocean. Entre na Roda Gigante girando no alto do certamente brega píer de Santa Monica. Respire o ar rico, salgado, proteja seus olhos com uma mão e olhe para o Sol dourado e para a imensidão azul. Se tiver sorte com um dia especialmente claro, você poderá ter um vislumbre das Ilhas do Canal 120 quilômetros ao norte, materializando-se como miragens transparentes através da brisa marítima.

Fique ali um pouco e imagine seu mundo sem limites.

Alguns anos atrás, eu me sentei em uma praia fora do caminho na parte ocidental de Malibu e assisti a um elefante marinho com mais de 2 mil quilos brincar na maré por um bom tempo antes de se aventurar nas correntes e desaparecer. O maior de todos os pinípedes ocupa uma área fértil 220 quilômetros ao norte de Los Angeles, fora da costa do famoso Castelo de Hearst em São Simeão e eles costumemente procuram por comida a 600 metros abaixo da superfície. A lógica impede as visitas dos elefantes marinhos às areias de Malibu.

Em Los Angeles, todos vêm para se reinventar.

O surfe explica tudo. O esporte originário do Havaí, mas transformado em um fenômeno cultural no sul da Califórnia por meio de um gênio do Condado de Orange chamado Brian Wilson, que na verdade nunca subiu em uma prancha.

“Se todos tivessem um oceano, em todos os EUA (...)”

Eles não têm, então eles vêm para Los Angeles.

E continuam vindo.

Para onde vou para me tornar uma estrela de cinema?

O produto é a ilusão, o combustível, o sonho.

Isso pode permanecer assim para sempre.



Superior: Um gazebo emoldura um pôr-do-sol brilhante no Parque Palisades, Santa Monica, em Los Angeles. Acima: Um conjunto de produtos sazonais à venda no Grande Mercado Central em Los Angeles



O tráfego flui ao longo da autoestrada no sentido sul até o centro da cidade de Los Angeles no começo da noite

MEMPHIS



SONAMBULISMO EM MEMPHIS

Eu tenho esse sonho recorrente de que o bairro que sofreu degradação no centro da cidade ao longo da Rua North Main em minha cidade natal de Memphis foi revitalizado. Há lojas, cafés, cinemas, pessoas vivendo em apartamentos reformados acima dos estabelecimentos comerciais prósperos. Tão vívido é o meu sonho que, em ocasiões cada vez mais raras, quando eu visito a cidade, retorno ao velho bairro, chamado Pinch, para ver se o meu sonho se materializou. Na verdade, há alguns sinais de vida renovada: um bonde operando, um bar de esportes e churrascaria; mas esses são meros gestos em face de uma desolação urbana que está presente.

A cidade de Memphis está localizada em uma famosa falha geológica e o solo periodicamente emite sons como se a terra estivesse tentando vomitar um passado que ele não digeriu completamente. Quando criança, eu não prestava atenção nesses sons. Minha paisagem ideal, alguma coisa como a Paris de D'Artagnan assentada acima da escarpa de Tarzan, tinha pouco a ver com a situação atual de Memphis em seu penhasco coberto de paralelepípedos olhando para o Mississipi. Aquela cidade, de acordo com o espírito dos tempos, já tinha demolido a maioria dos edifícios que não tinha nenhuma relação com a história, então se você olhar para trás não poderá ver além da distância onde você nasceu. Você está preso a um tipo de miopia cronológica. Além disso, um judeu vivendo em uma cidade que se declarou o centro do Cinturão Bíblico (Memphis tem mais igrejas do que postos de gasolina), eu estava sempre ciente da minha condição de forasteiro. Por outro lado, o Templo da Reforma ao qual a minha família pertencia tinha dado um jeito de apagar a maioria dos elementos da tradição em uma tentativa de se tornar virtualmente invisível. O rabino usava trajes eclesiásticos; um coral cantava numa galeria entre os tubos do órgão. Como consequência, quando cresci, deixei a cidade sem mesmo olhar para trás. Sem nenhuma herança sobre a qual falar atrás de mim e um futuro encoberto pela sombra da Bomba, eu levei por algum tempo a vida da minha geração, me medicando contra a claustrofobia do momento. Em algum momento, eu comecei a escrever histórias nas quais tentava mitigar a atmosfera sufocante do final do século vinte com fantasias improváveis. Após uma década ou quase, tendo esgotado as minhas opções, retornei para onde havia começado, com vergonha de ter tão pouco para mostrar pelas minhas andanças.

De volta à cidade que tinha sido tão propícia em desejar que eu estivesse em outro lugar, eu acabei em um emprego no centro de folclore local. Esse não era um assunto apaixonante — eu considerava folclore uma relação pobre com a literatura — mas por pura conveniência. O emprego, que envolvia a transcrição das fitas históricas orais, era um tipo de castigo que foi sob medida para mim, embora depois de algum tempo eu descobrisse para o

por Steve Stern



Steve Stern nasceu em Memphis, no Tennessee, e atualmente divide seu tempo entre o Brooklyn e o norte do estado de Nova York, onde ensina Literatura e Redação Criativa no Skidmore College. Ele é autor de nove livros de ficção, incluindo as coleções de histórias *Lazar Malkin Enters Heaven* (*Lazar Malkin Entra no Paraíso*, em tradução livre) que ganhou o Prêmio Edward Lewis Wallant para a categoria de ficção judaico-americana, e *The Wedding Jester*, que ganhou o Prêmio National Jewish Book. Ele recebeu uma bolsa da Fulbright para lecionar em Israel e a Guggenheim fellowship. Seu livro mais recente é o romance *The Frozen Rabbi* (*O Rabino Congelado*, em tradução livre).



O bairro de Cooper Young Entertainment de Memphis é uma área histórica onde artistas, galerias e restaurantes coexistem. Página oposta: A legendária Beale Street de Memphis, casa de blues e rock and roll



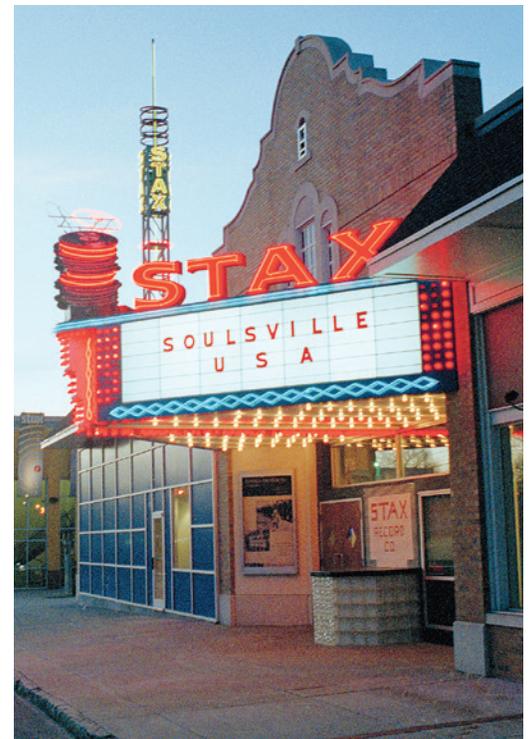
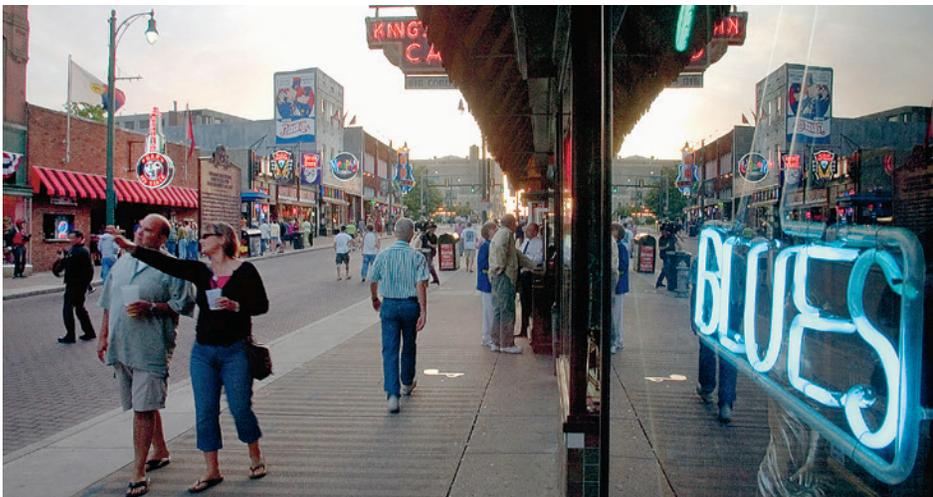
meu desgosto que estava me divertindo. As vozes nas fitas eram aquelas dos moradores antigos relembando o auge da fabulosa Rua Beale, que uma vez foi a rua principal da cultura negra da metade Sul do país. Eles descreveram a vitalidade crua dos clubes de *strip-tease*, os charlatães, marginais que andam com navalhas, apostadores com diamantes nos dentes e biscateiros, as dançarinas de pele cor de cobre bronzeadas do êxtase escuro; eles lembram dos barcos de excursão, dos músicos de blues dos shows medicine itinerantes e do rio antes dos diques da TVA, quando havia inundações todas as primaveras. Então os riachos iriam retroceder e a bacia do Beale se tornaria uma lagoa, ao longo da qual os cidadãos se transportariam em botes de madeira com lanternas penduradas.

Como paisagem, eu tinha que admitir que essa era ideal para um romance e perigosa para a minha escharpa parisiense e, o que era especialmente interessante para mim era que elas também tinham uma essência judia. Dentre as vozes dos negros estavam aquelas dos antigos comerciantes imigrantes e donos de casas de penhores que participavam ativamente da vida da rua. Incapaz de esconder o meu fascínio, eu fui descoberto e o meu chefe, percebendo que era um cidadão local, não quis gastar e sendo também judeu, me deu o título de diretor do Projeto de Herança Étnica, cuja missão contínua era pesquisar as raízes da comunidade do gueto judeu de Pinch.

O que eu descobri após tê-lo encontrado — uma vez que nunca tinha ouvido falar do lugar — era um deserto de uma vizinhança, os únicos vestígios de seu passado judeu sendo um pátio de sucatas que havia sido de propriedade de três gerações consecutivas da família Blockman e uma sinagoga de tijolos em ruínas cuja utilização final havia sido uma discoteca de travestis. Por outro



○ Rio Mississippi e os arranha-céus de Memphis ao anoitecer. Acima: Um cruzeiro em um dos barcos de Memphis é uma atração popular para os turistas



lado, a rua era terra de ninguém de terrenos baldios cheios de mato, prédios abandonados, uma estação de força, uma rampa de ponte. Mas quando eu comecei a rastrear os sobreviventes daquela comunidade desaparecida, todos eles em idade avançada e vivendo em um subúrbio retirado da North Main Street, alguma coisa aconteceu: os ruídos subterrâneos que eu tinha ignorado a minha vida toda aumentaram de volume, culminando em uma erupção, e o Pinch acordou em toda a sua pungente atividade como um continente perdido do passado com a sua população ainda intacta. É por isso que me pareceu, o quão prontamente eu estava para recebê-lo. Encantado pelos testemunhos das testemunhas vivas, fui capaz de fazer o conhecimento dos mortos. Isso incluiu Reb Dubrovner, o abatedor kosher e Avrom Pinsker, o brusco professor de hebraico; o senhor e a senhora Makowsky, os contrabandistas pés de chinelo e seu colega de barba ruiva, Lazar — que representou a si mesmo em seu julgamento, um refém da piedade, amarrado às tiras de couro do seu tefilin. Ali estava Mook Taubenblatt, o cabo eleitoral, o sem pernas Charlie Rosenbloom, o jogador amputado temperamental, e a curvilínea viúva Wolf, que ensinou os novatos como dançar o *black bottom*. Ali estavam os hassídicos da Galícia, em seu *shtibl* em cima de uma loja de ração, que, de acordo com todos os relatos, oravam em pleno ar, e os jovens estudiosos da

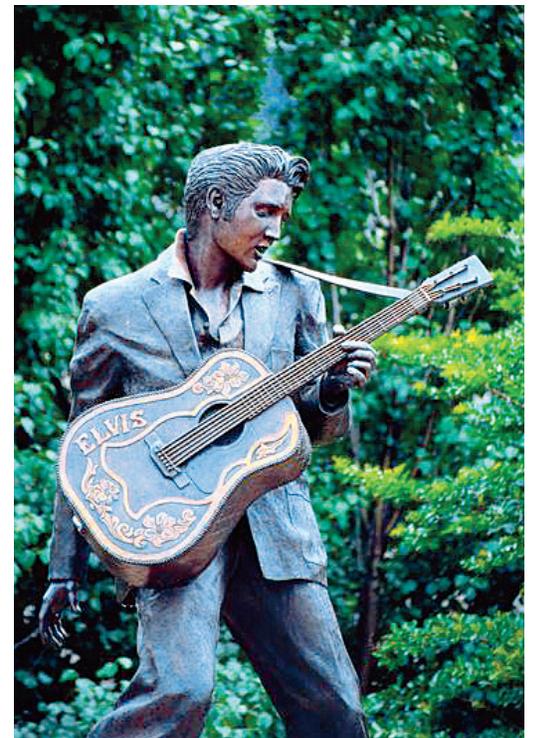
Canto superior esquerdo: Beale Street durante o dia oferece museus e um empório do século 19. Canto superior direito: Peabody Place, no coração do centro de Memphis, é um marco da renascença. À esquerda: Muitos clubes de blues na Beale Street. Acima: O Stax Museum of American Soul Music está localizado no local original da Stax Records, onde músicos de blues legendários gravaram seus discos



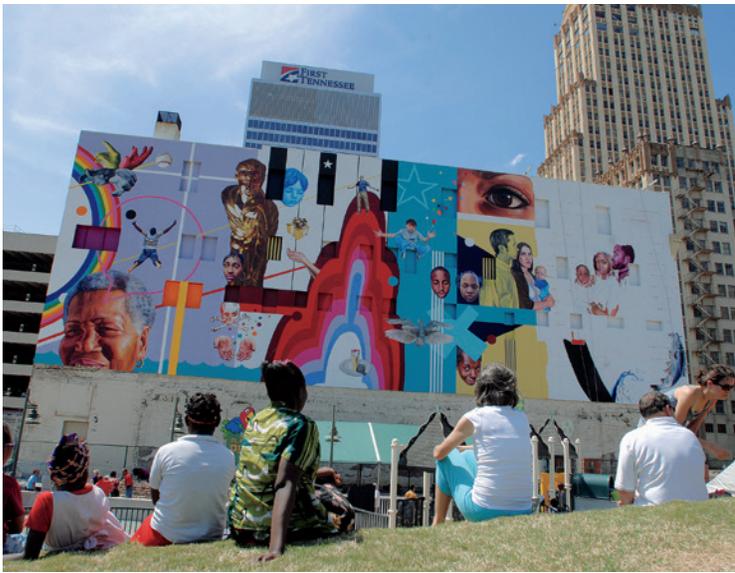
escola rabínica que jogavam bagres no banho ritual, e na Noite Ociosa para Amadores serravam Rosie Delugach ao meio. Havia uma castanheira no Parque Market Square, sob a qual, nas noites de verão fugindo do calor feito forno dos seus cortiços, toda a vizinhança vinha dormir, enquanto as crianças em idade escolar pulavam sobre os galhos acima deles como se pulando de sonho em sonho.

Os próprios sonhos eram povoados com figuras das lendas que os imigrantes tinham trazido com eles da Velha Terra com seus colchões de penas e samovares — os dybbuk, a alma dos mortos que possuíram Minnie Klepfiscz em sua noite de núpcias; o súcubo Lilith, a primeira esposa devassa de Adam que visitou a cama do solteirão Sammy Fuchs; o vovnik aleijado, ou o santo oculto, Fishel Botwinik, um mentecapto que viveu em uma choupana atrás do quintal dos Blockman e por quem Deus deixou de destruir o mundo. Eu ouvi alguém definir a vida como um pequeno clarão no tempo entre duas eternidades, mas para mim o Pinch foi uma estação de eternidade dividida pelo tempo. Você pode entrar nela e reunir histórias como maná, reuni-las talvez para sempre — uma ocupação em êxtase. Mas, como aconteceu, o passado foi um caso de uma noite; o tempo rapidamente começou a cerrar fileiras e o Pinch a ser engolido novamente pela terra ou (na linguagem do encantamento) o dinheiro começou a acabar.

Disposto como eu estava a sobreviver, eu sabia que era melhor. Lembranças muito apropriadas — a fábula de Lazar Malkin, o vendedor cujo Anjo da Morte levou para o paraíso vivo; o velho Jake Alabaster, o funileiro, que seguindo um mapa dado a ele por um rabino místico, se aventurou nas entranhas de Gehenna para recuperar sua esposa falecida Sophie, the Tongue — eu os forcei de volta para o meu próprio momento assim com aquela dimensão atemporal (pense no Mar Vermelho se fechando) foi incluída mais uma vez pela história. Mas então muitos anos se passaram: eu estava na meia idade. Tinha publicado alguns livros repletos de histórias roubadas do Pinch e também, aparentemente, superado a minha miopia; porque, olhando para trás, eu podia ver agora uma distância considerável. Eu podia voltar no tempo e ver



Canto superior esquerdo: Músicos tocam no Centro para o Folclore do Sul cuja missão é “to preservar, defender, proteger e promover a música, a cultura, as artes e os ritmos do Sul.” Canto superior direito: Desde 1890s, o Cinema Orpheum tem sobrevivido a tempos adversos em Memphis. A reconstrução e a reforma bem-sucedidas deram ao prédio nova vida. Acima: Uma estátua da lenda do rock and roll, Elvis Presley



os exploradores espanhóis massacrando os índios na beira do rio durante sua jornada implacável para o oeste em busca de ouro. Eu podia ver os refugiados irlandeses da Grande Fome da Batata dismantelando seus barcos contra os barrancos que eles habitavam ao redor dos bancos da Baía Catfish. Mais tarde, eles trocariam a farda marrom dos Confederados pelas túnicas de linho da Ku Klux Klan que atormentou os escravos recém-liberados ao longo do Smoky Row. Eu podia ver os corpos empilhados esperando pelo enterro no Cemitério Elmwood durante a praga da febre amarela, da qual a cidade, de algum modo, nunca se recuperou; eu podia ver a curta distância o ponto onde os judeus foram assentados e se mudaram, um distrito mais tarde dizimado pela assim chamada renovação urbana que coincidiu com o assassinato de Martin Luther King Jr., que foi, efetivamente, o golpe de misericórdia de uma cidade em declínio. Foi um evento que consolidou a praga que os Chickasaws tinham lançado há muito tempo sobre a cidade que florescia quando foram expulsos para o exílio de suas escarpas nativas.

Mas ainda meus sonhos de desejo persistem e neles as ruas mortas são ressuscitadas em uma vida após a morte agitada, os bairros do centro da cidade devastados agora densos com o tráfego de pedestres em um carnaval mercantil animado. Tão vital é a cena em que eu volto periodicamente para inspecionar o desperdício da North Main, se somente para ver se os sonhos deixaram algum vestígio — talvez uma lasca daquela colisão distante do tempo e eternidade ou uma faísca do pequeno bonde nostálgico que eu posso tentar transformar em chama. Então a chama poderá se transformar em uma conflagração da qual alguém poderá ressurgir como a fênix — o quê? Talvez outra história.



Canto superior esquerdo: Visitantes do Parque AutoZone em Memphis observam o novo mural que está sendo pintado em um prédio próximo. Canto superior direito: O Museu Nacional dos Direitos Cívicos abriga uma estátua de Rosa Parks, viajando na parte da frente de um ônibus. Acima: Uma jovem visitante toca na placa em Memphis que marca o local onde Martin Luther King Jr. foi assassinado em 4 de abril de 1968

MIAMI



MIAMI, EM CASA FINALMENTE

Perdida e fora do lugar, caminhei através das sombras acinzentadas até que o céu azul brilhante de Miami me acordou de sobressalto. Minha vida começou naquele dia.

Não é que eu não sabia o que eu queria. Eu sabia que eu seria escritora, em Paterson, Nova Jersey, onde nasci. Eu não sabia ler, mas a minha mãe lia para mim e eu já era viciada nas histórias. Eu dizia a todo mundo que eu escreveria livros quando crescesse. Ficção era o que eu tinha em mente, mas não era fácil.

Minha mãe logo começou a trabalhar e não tinha mais tempo de ler para mim; então eu procurei em outro lugar. Eu não podia cruzar a rua, então eu circundava o quarteirão. Com um livro debaixo do braço, eu me aproximava de todo mundo que eu encontrava – o carteiro, os vizinhos e pessoas completamente estranhas, implorando para que lessem para mim. Eles estavam todos muito ocupados, então eu aprendi a ler cedo e, rapidamente, fiquei viciada nos jornais que o meu pai comprava para ver os resultados das corridas.

Um jornal é uma mina de ouro para um novo leitor viciado em histórias. Meu pai era um de 10 filhos. Sua mãe nascida na Ucrânia, que quase sempre usava uma *babushka* (lenço na cabeça) e quase nunca usava calçados, tinha ficado viúva jovem em um desastre em uma mina de carvão na Pensilvânia. Deixada grávida com diversos filhos pequenos, ela se casou com o melhor amigo do marido falecido, um enorme e austero trabalhador de fábrica polonês. Em uma foto tirada no país de origem, meu avô, em uniforme militar, está montado em um cavalo. Não está claro para mim exatamente a qual das forças armadas ele serviu, mas ele usava uma espada e tinha uma carranca formidável.

Eles viviam logo descendo a rua. Minha avó não sabia ler em inglês. Mas não havia problema. Agora eu podia e fazia questão de compartilhar as histórias. Ela descalça, ocupada na cozinha enquanto eu, sentada em uma cadeira de madeira à mesa, lia para ela o jornal.

Ocasionalmente ela ria, na maior parte do tempo ficava chocada. Seu mundo acolhedor girara ao redor da sua cozinha quente e aromática, sua horta e jardim de flores exuberantes e sua grande família unida. Ela murmurava chorando em sua língua nativa, convencida de que eu tinha inventado aquelas notícias surpreendentes. Foi a primeira vez, mas não a última, que eu seria acusada de tal coisa.

Eu comecei a escrever o meu primeiro romance com sete anos de idade e preenchi diversos livros de composição em preto e branco, mas minha mãe os jogou fora quando eu não estava em casa. Meu pai nos abandonou naquele

por Edna Buchanan



Em Miami, poucas figuras são regularmente mencionadas pelo primeiro nome dentre as pessoas que elas nunca realmente conheceram. Uma delas é Fidel. A outra é Edna.

– Calvin Trillin, *New Yorker*

Edna Buchanan, jornalista ganhadora do prêmio Pulitzer e autora de mistério premiada escreveu 18 livros, 15 deles romances e dezenas de artigos e contos. Ela vive em Miami, a cidade mais quente do planeta, com seu marido, Michael, dois cachorros e um bando de gatos.



Flamingos se ajeitam em sua nova casa na ilha de Parrot Jungle, uma atração favorita na margem da estrada em Miami. Página oposta: Os arranha-céus de Miami contra o céu azul



mesmo ano e eu nunca mais o vi.

Logo em seguida, eu descobri três livros da família da minha avó materna. Ela era descendente de huguenotes franceses, que chegaram ao Novo Mundo vindos da Holanda e dois anos antes de os índios terem vendido Manhattan. Um ancestral, Samuel Provost, o primeiro bispo Episcopal protestante de Nova York oficializado na cerimônia de posse do presidente George Washington. Outro serviu com o general Washington durante o longo e terrível inverno no Vale Forge.

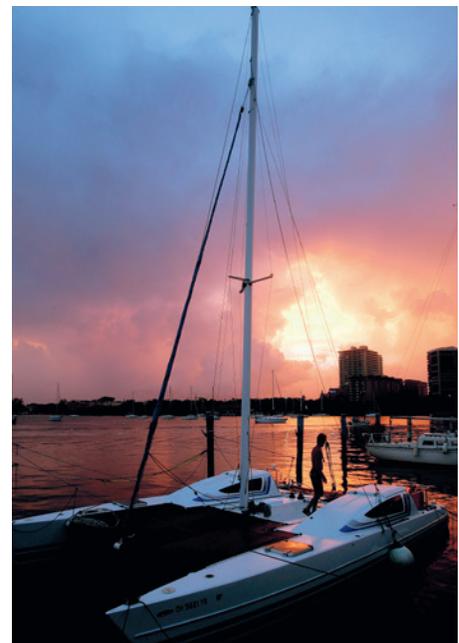
As aventuras patrióticas de ancestrais há muito tempo ateuva um amor permanente pela história.

Minha avó rejeitou seu noivo bem de vida para se casar com o meu avô, filho de um fabricante de embarcações à vela alemãs. Ela esperou pelo meu avô, um professor pobre, enquanto ele lutava na França durante a Primeira Guerra. Ele morreu quando a minha mãe, sua única filha, tinha 12 anos.

Quatro anos mais tarde minha mãe e meu pai fugiram de casa. Ela tinha 17 anos e era uma pessoa obstinada quando eu nasci. Depois que meu pai foi embora, ela cortou todos os laços familiares e nós nos mudávamos frequentemente. Sempre a nova garota na escola, eu era a mais alta da minha classe, míope, desajeitada e terrível nos esportes. Envergonhada e desajeitada eu usava as roupas de segunda mão que os colegas de trabalho davam para a minha mãe. Eu achava que todos riam de mim, com bons motivos. Uma aluna sem esperança, recalcitrante, sem nenhuma perspectiva, eu odiava a escola.

Livros, jornais e a minha professora de inglês da sétima série, a sra. Tunis, eram os únicos pontos altos da minha infância. Ela uma vez me perguntou, na frente de toda a classe, se eu dedicaria um livro a ela, algum dia. A crença dela de que eu poderia escrever me fez acreditar nisso também. Eu mostrei a ela a minha primeira rejeição formal do jornal *Saturday Evening Post*.

Uma cena típica ao longo da praia de Miami



Um marinheiro cuidadoso prende seu barco em preparação para os ventos fortes que sopram na costa de Miami

“Você receberá muitas rejeições como essa”, ela disse, “mas jamais desista porque algum dia você escreverá e venderá livros.” Elas se tornaram palavras segundo as quais eu viveria, remoendo na cabeça de uma garota de 11 anos de idade.

Décadas mais tarde eu dediquei um livro a sra. Tunis; ela nunca soube. Ele morreu aos 48 anos quando eu ainda estava na oitava série. Se ainda estivesse viva, ela provavelmente não se lembraria de mim, mas eu sempre me lembrarei dela, prova de que, nesta grande tapeçaria que chamamos vida, alguns pequenos atos ou algumas palavras ditas, podem ressonar por anos a fio e até mesmo mudar vidas anos mais tarde.

Todos podemos ser um pouco como a sra. Tunis.

Minha mãe cada dia mais problemática me encorajou a sair da escola e a trabalhar em tempo integral. Eu agradei. Nada mudou. Eu continuei a me sentir uma pessoa deslocada, à deriva sem leme ou destino após a batalha da minha infância e os invernos cinzentos, longos e frios. Fevereiro era o pior; parecia que a primavera nunca chegaria. Os sonhos da minha infância de escrever pareciam igualmente impossíveis.

Minhas primeiras férias de verão, uma semana na praia de Jersey, foram tão tristes quanto a minha vida. A chuva forte caiu durante todo o tempo e as algas cobriram a praia, que cheiravam a peixe podre. Nunca mais. Da próxima vez, eu jurei, encontrarei uma praia ensolarada sob um brilhante céu azul.

Aonde mais, senão Miami e Miami Beach, a cidade mágica e o playground do mundo?

Eu pensei em céu azul e sol, mas encontrei muito mais. Minha primeira visão de Miami do banco de trás de um táxi um ano mais tarde se transformou em uma experiência emocional surpreendente. Lágrimas escorreram dos meus olhos. Não eram férias; mas um retorno para casa. Eu nunca havia estado em Miami, mas a reconheci imediatamente. Eu estava em casa finalmente. Eu havia deixado o noticiário em preto-e-branco para trás e entrado no Technicolor, CinemaScope e na vida real. Devido a algum acidente cósmico eu havia nascido no lugar errado, mas, graças a Deus eu tinha encontrado meu caminho para casa.

O pulsar robusto dessa cidade essencialmente americana, prestes a se transformar em uma capital estrangeira exótica — e a nova ilha nacional de Ellis — tocaram a minha alma. Até mesmo o céu era tão diferente. Nuvens brancas vagavam feito navios de piratas sobre Miami à noite e em nenhum outro lugar do país a lua crescente surge como uma tigela virada para baixo, em um céu repleto de estrelas riscado de rosa, roxo e dourado. Quando eu vi as cinco estrelas do Cruzeiro do Sul, que não pode ser visto ao norte de Miami, eu esqueci Nova Jersey.

Miami pôs em movimento a minha criatividade e eu comecei a escrever sem parar. As histórias enchiam a minha cabeça, os personagens imploravam para ser ouvidos e as palavras fluíam como rios de fogo apressados. Em uma aula de escrita criativa, eu conheci espíritos semelhantes, incluindo um homem que trabalhava para um pequeno jornal diário de Miami Beach que precisava de um repórter.

Eu me candidatei, fiz um teste escrito e, para a minha surpresa, fui



Hotéis de luxo, condomínios e quilômetros de praias com areias brancas atraem turistas para a beira do mar em Miami. Acima: Amigos conversam no parque de frente para a baía Biscayne na área de Coconut Grove de Miami

imediatamente contratada, apesar da minha falta de experiência.

“Parabéns”, meu novo editor disse, apertando a minha mão. “Você agora é jornalista.”

Eu suspeitei que tinha de haver mais do que isso para ser jornalista.

Mas eu sempre amei jornais. Os títulos mais memoráveis tinham sido sobre os príncipes soturnos da minha infância: Willie (o Ator) Sutton, o Babe Ruth dos ladrões de banco; George Metesky, o bombeiro maluco de Nova York; e Lucky Luciano, o homem que organizou a máfia.

Eu serei repórter de jornal durante o dia, enquanto escrevo o Grande Romance Americano à noite, eu pensei, feliz. Quanta ingenuidade. O que eu não sabia sobre o turbilhão do jornalismo diário é que ele não deixa tempo de sobra para ler um livro, quanto mais para escrever um.

Estimulada pela energia e a exuberância da juventude, eu aprendia enquanto trabalhava seis ou sete dias por semana e eu adorava. A razão era



Superior: As palmeiras ornamentam os hotéis e condomínios de luxo de Miami. Acima: Os hotéis em estilo art déco são banhados com luz de neon na Ocean Drive, uma das ruas mais famosas de Miami. Parte inferior: A seção de South Beach de Miami Beach ainda é um monumento vibrante aos designs art déco das décadas de 1920 e 1930





que após a minha primeira respirada do ar quente do verão, à medida que as ondas de calor deslizavam pelo chão fervendo e as palmeiras se esvoaçavam contra o céu azul, eu era uma pessoa diferente, no tempo certo e no lugar certo finalmente. Eu podia pensar e até mesmo ver com mais clareza sob a incrível noite de Miami.

Eu entrevistei celebridades; cobri política, crimes, os tribunais; escrevi uma coluna, matérias especiais e óbitos; escolhi as manchetes para o departamento de esportes; tornei-me fotojornalista; aprendi a diagramar as páginas, ler de cabeça para baixo, colocar os tipos quentes e comecei a ganhar prêmios por reportagens e fotografias.

Então fui contratada pelo jornal Miami Herald. A primeira história que esta refugiada de Jersey escreveu para o Herald foi sobre um refugiado cubano cujos pais russos haviam fugido dos bolchevistas para se estabelecer em Havana em 1918. Agora o filho, sua esposa e os filhos deles tinham fugido de Cuba, se estabelecido em Miami e, graças a um prêmio de Administração de Pequenos Negócios, montou uma loja e se tornou o único fabricante da bandeira americana no sul dos Estados Unidos.

Eu rapidamente me mudei para acompanhar as batidas policiais, provavelmente por influência dos príncipes obscuros. O trabalho me surpreendia todos os dias. Que mina de ouro. As batidas policiais são Shakespeare em estado bruto. Todos os dias eu encontrava Hamlet, Otelo, Romeu e Julieta, ou o Rei Lear nas ruas de Miami. Em dias ruins, eu os encontrava todos em um só dia.

Canto superior esquerdo: A entrada da Feira Internacional do Livro de Miami. Canto superior direito: no bairro de Little Havana de Miami, as pessoas fazem fila para comprar as delícias da cozinha hispânica. Canto superior esquerdo: Dançarinos comemoram o Dia da Comunidade de Porto Rico no bairro de Wynwood em Miami. Acima: Uma jovem assiste aos festivais no Festival de Arte de Miccosukee em Everglades, na Flórida



Esses monges budistas cantam durante as preces matinais em um templo em Miami

Muitos buscam o perigo e alguns perdem suas vidas perseguindo o sonho de Miami. A maioria é de refugiados fugindo de guerras, ditadores, pobreza — e seus próprios demônios pessoais. Então o nascer do sol faz o mar ficar vermelho sangue, uma lua cheia gigante se levanta sobre Miami, a temperatura sobe, a pressão barométrica desce e se abrem as portas do inferno.

É um excelente lugar para ser repórter. Acima de tudo eu adoro escrever sobre heróis porque, é claro, os melhores e os mais corajosos dentre nós não são super tiras ou bombeiros, mas pessoas comuns que reagem à ocasião e fazem coisas extraordinárias quando precisam.

Você não ter que ser Rambo para ser herói. Alguns dos heróis sobre os quais escrevo eram donas de casa míopes e motoristas de caminhão acima do peso, crianças corajosas e viúvas mais velhas.

Algumas vezes, apenas sobreviver é heroico.

Muitos não sobrevivem. A primeira de muitas visitas ao necrotério de Miami me deixou indignada. A consciência de um escritor é provocada pela situação dos oprimidos, o pequeno garoto empurrado, a vítima da injustiça. A morte prematura, em qualquer idade, é uma injustiça. Eu me dediquei a investigar e a escrever as histórias de cada um e de todos eles. O que aconteceu? O que deu errado? Por que eles não puderam ser salvos?

Que excelente cidade para os escritores, que se reúnem de todos os lugares no outono para comemorar a sua diversidade na Feira Internacional do Livro de Miami. Centenas de milhares de leitores se aglomeram para o evento de uma semana para ouvir centenas de escritores de todo o mundo. A dificuldade solitária dos romancistas é que, algumas vezes, é difícil escrever ficção em uma cidade onde a verdade é mais estranha.

Miami é cheia de surpresas.

Assim como as pítons gigantes da Birmânia, as anacondas verdes, as pítons do norte da África e as jiboias, todos os animais que crescem muito — que chegam a mais de 6 metros de comprimento e 180 quilos — então ou elas escaparam, foram abandonados ou foram libertadas por seus donos em Miami. Dezenas de milhares de répteis gigantes agora habitam o Parque Nacional de Everglades, se multiplicando e rapidamente alarmando as autoridades quando se deparam com os jacarés nativos.

Areias vermelhas, trazidas pelos ventos do deserto selvagem da África são apanhadas nas correntes de ar que rumam para oeste. Enormes tempestades de areia, nuvens monstruosas de poeira vermelha, de 500 até mil milhas de largura, giram pelo Atlântico e chegam até o sul da Flórida. Os cidadãos de Miami acordam e encontram seus carros cobertos de poeira. O céu fica leitoso com uma névoa esbranquiçada e, à noite, a lua fica gorda e baixa, uma moeda prata sinistra, manchada pela poeira do Saara.

Após as tempestades de areia e dos incêndios anuais de Everglades diminuírem, o céu noturno vasto parece perto o suficiente para se tocar, tão claro e brilhante que o controlador de tráfego aéreo do Aeroporto Internacional de Miami dá a permissão para pousar.

E quem imaginaria que a aluna recalitrante, a pessoa desajustada iria escrever centenas de histórias novas, 17 livros e ganhar um prêmio Pulitzer.



Superior: Em Little Havana, enroladoras de charuto aplicam invólucros exteriores ao seu produto. Centro: Frutas e vegetais são vendidos no porta-malas por um dos muitos imigrantes de Miami nascidos em Cuba. Acima: No parque Domino na Little Havana de Miami, um jogo tradicional ajuda a passar o tempo



Ninguém que a tivesse conhecido em New Jersey jamais imaginaria isso.

Nada disso teria acontecido, poderia ter acontecido em qualquer outro lugar. Miami possui memória curta. De onde você vem, as suas conquistas anteriores ou a falta delas, nada disso importa.

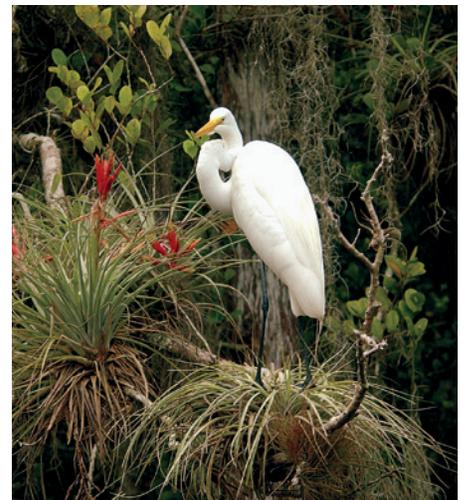
Miami é um lugar onde qualquer coisa é possível.

Algumas vezes, eu flutuo em minha piscina no começo da noite suave, úmida e sorrio quando olho para as nuvens rosas e douradas em formato de montanhas, como naqueles quadros pintados pelos mestres antigos, à deriva em um céu safira como um neon rosado de South Beach brilhando sedutoramente ao longo da baía.

Meu caso de amor mais duradouro é com Miami e todos os seus moradores e com os moradores futuros, vivendo e morrendo, desde os valentes pioneiros que passaram por sofrimentos e desgostos para se assentar nessa fronteira semitropical selvagem na parte mais inferior do mapa até os cidadãos obstinados, diversificados e resilientes de Miami de hoje que persistentemente ignoram os sinais vermelhos e o fato de que eles vivem no final de uma península ao nível do mar que se projeta em um trecho turbulento e perigoso do conhecido Corredor dos Furacões.

A mãe Natureza nos abençoou de muitas formas, mas também pode ser homicida, com furações, tornados, trombas d'água e incidência de raios maior do que em qualquer outro lugar do país.

Você sempre pode tentar sair de Miami, mas ela nunca sairá de você. Ela se liga a você pela vida toda.



Superior: Um jacaré desliza pelas águas do Parque Nacional de Everglades. Acima: A estrada Loop de 41 quilômetros (26 milhas) atravessa a Área de Preservação Nacional Cypress onde pássaros e plantas nativos podem ser vistos

NOVA ORTHOVS



ENXERGANDO NOVA ORLEANS

Hoje, é mais difícil do que antes capturar a essência de Nova Orleans. Não que a tarefa tenha sido fácil. Na verdade, isso sempre foi parte do seu encanto tanto para pessoas de fora como para seus próprios habitantes. Nova Orleans tem o poder, mesmo que efêmero, de ser o lugar idílico que queremos ver e de evitar expor (com graus variados de sucesso), os aspectos discordantes. Era a uma cidade de conveniência, de acomodação privada, em mutação — das superfícies — abaixo ou ao lado deles havia diferentes versões para as quais não precisávamos prestar atenção, mas que, não obstante, eram parte daquilo que a cidade era. O todo é sempre difícil de acolher.

Eu estive em outras cidades — maiores, mais esplêndidas, mais poderosas e centrais nos mapas dos seus países e culturas. Mas, Nova Orleans supera todas por ser o tópico constante dos assuntos e da atenção diária dos seus cidadãos. Para os visitantes também. As pessoas simplesmente não se cansam de Nova Orleans, que é outro modo de dizer que ela nos ilude. Se fôssemos ouvir tudo o que lá se falava durante um único ano, as palavras “Nova Orleans” superariam todas as outras palavras por um múltiplo de cem. Nova Orleans fascina. Aqueles que se preocupam sempre a procuram, cavam suas superfícies, levantam suas bordas, se aventuram por perto, inclinam para ver mais, ouvir mais, saber mais, enquanto recusam o menos que podemos. Nova Orleans é um fetiche com o qual temos que lidar de um anseio que não conseguimos explicar.

É claro, as generalizações sobre o caráter de qualquer cidade nunca a descreverá muito bem. Apelidos e temas podem ser destruídos pelas exceções. “Cidade de Ombros Largos”, “Uma Cidade que Não o Decepciona”, “A Cidade dos Anjos”, “A Cidade do Amor Fraternal.” Tudo isso tem a ver com as necessidades do observador mais do que com a verdadeira natureza e capacidade de avaliação da cidade. Ah, sim, em Nova Orleans, há uma leniência geral que seduz os de fora para fazer o que eles nunca fariam em casa. Nesse sentido ela é “A cidade que o Cuidado Esqueceu.” Mas nos Estados Unidos, as cidades sempre prometeram leniência — para os caipiras e ou membros de convenções frequentadores de igrejas e solitários rumando em direção às metrópoles do império do interior. O mesmo ocorre na Europa — provavelmente na China e no Quênia também. A cidade sempre fervilhou.

Ainda assim, eu posso simplesmente, com clarividência, detalhar exatamente o que eu mais gosto sobre Nova Orleans. Gosto da impertinência única do seu ar esnobe e meio europeu ao insípido protótipo urbano-americano (Kansas City, Omaha, Saint Louis, Dallas, Atlanta). Gosto da sua localização dramática e improvável na superfície da Terra, um terreno sem

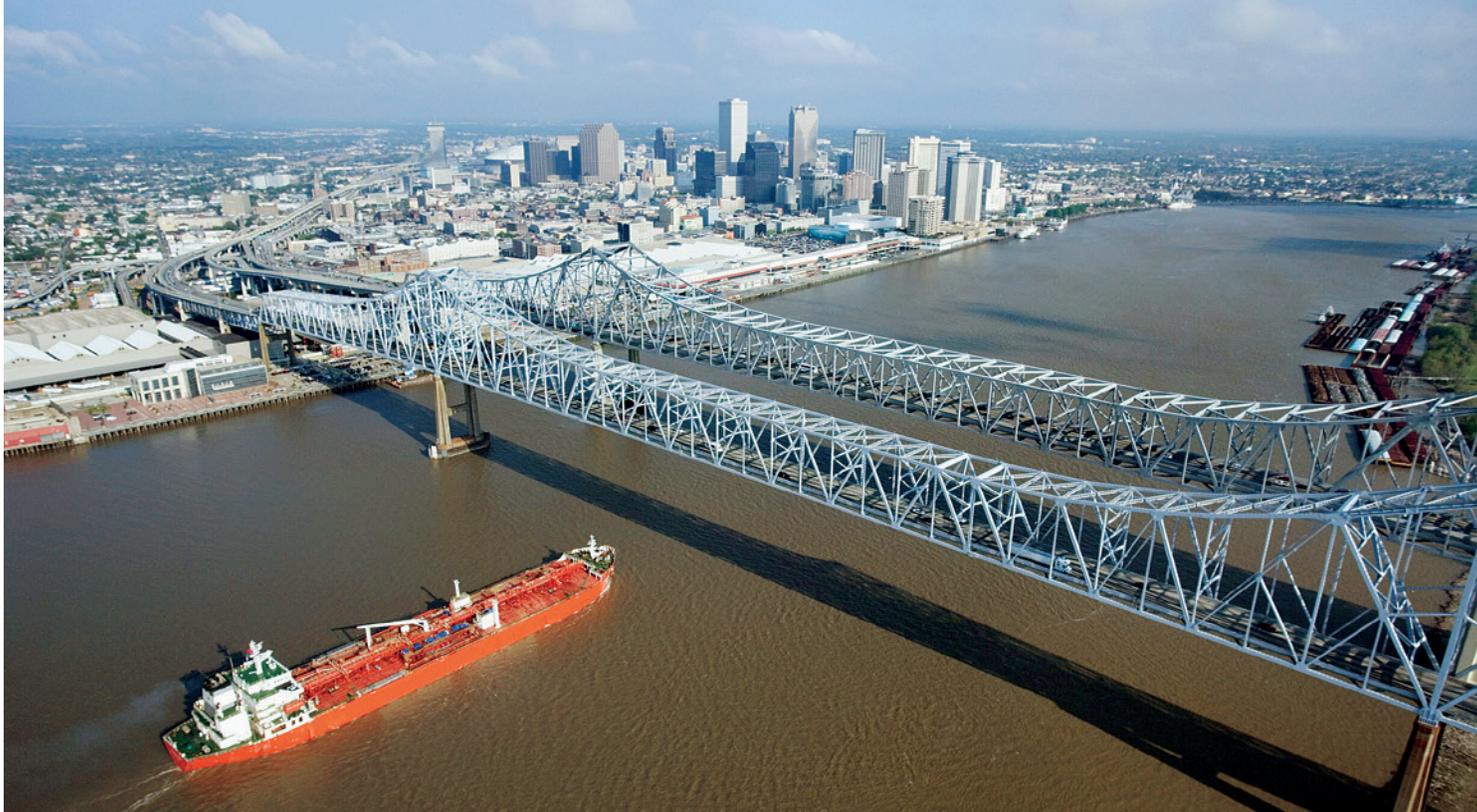
por Richard Ford & Kristina Ford



Kristina Ford é chefe de Gabinete de Instalações, Infraestrutura e Desenvolvimento Comunitário da cidade de Nova Orleans e ex-diretora de planejamento da cidade. Ela é autora do recém-publicado *O Problema com o Planejamento Urbano* (Yale). Richard Ford é romancista, escritor e ensaísta. Seu trabalho foi traduzido em 28 idiomas. Ele ganhou o Prêmio Pulitzer de 1996 para *Ficção por Independência*.



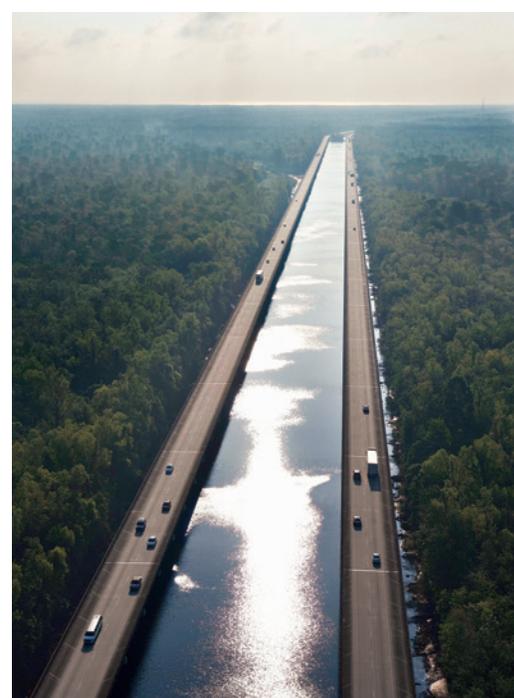
Turistas desfrutam de um passeio de carroça no bairro francês. Página oposta: Catedral St. Louis domina a Praça Jackson



esperança rebaixado entre um rio e um lago, onde se vive no fio da navalha, mas feliz. Eu gosto da sua localização no nosso mapa americano – como uma pia onde escoam todos os tipos de elementos da herança cultural americana revelando sua essência. Eu gosto da salada de culturas, onde é agradável se sentir despercebido. Eu gosto da sensação de torpor e indolência característica dessas latitudes, e que, inexplicavelmente dá ânimo para tomar iniciativa – pelo menos em mim. Gosto da percepção complicada que a cidade tem do próprio passado, que tem o efeito de me libertar da história. Eu até gosto da sua sufocante autoestima, que não chega a ditar como eu devo ver a cidade, mas me faz sentir (não tão seriamente ou por muito tempo) um renegado. E do fato de que ao pensar em Nova Orleans – a minha busca obstinada de sua essência ao olhar, examinar, bisbilhotar a cidade – acaba ampliando meu pensamento para todo o país, levando-me a identificar suas diferenças e similaridades, e por quê. É parecido com o modo mais vívido de como os turistas veem os Estados Unidos quando estão no exterior. Nova Orleans é o nosso país estrangeiro privado, onde falamos a língua.

E, obviamente, o que aconteceu e tornou tudo mais difícil de se ver agora é Katrina – mais de cinco anos se passaram, mas está numinosamente, implacavelmente no presente do indicativo. “Que ópio é instilado em todo o desastre”, Emerson escreveu. “Isso parece formidável à medida que nos aproximamos dele, mas não há afinal uma fricção de atrito áspera, mas a mais escorregadia das superfícies.” O que Emerson quis dizer é que aquele desastre nos tranquilizou, nos fez pensar que entendemos e vemos claramente o que não vemos. O desastre cumpriu seu objetivo e até mesmo ele é ilusório. É o desastre que tornou Nova Orleans mais difícil de ver.

No pós-Katrina, o próprio idioma tornou-se uma coisa básica que ficou turva. (Frequentemente enxergamos com palavras.) Nova Orleans, especialmente para quem é de fora — (embora os de lá também se



Superior: Vista aérea da Ponte Greater New Orleans. Acima: Em uma longa extensão da estrada no perímetro de Nova Orleans, o Rio Mississippi está canalizado entre faixas de tráfego



esforcem) — agora passou a *significar* Katrina, sendo que antes Nova Orleans significava outras coisas — todas aquelas qualidades que eu descrevi. Do mesmo modo que “Detroit” significa uma indústria esgotada ou “Washington” denota um governo fora de sintonia. É a nossa metonímia triste. Katrina – por agora, pelo menos – tornou-se uma marca subversiva que mancha tudo sobre a cidade: palavras, pensamentos, possibilidades, o passado, o futuro. Quando dizemos “Nova Orleans” — sempre uma expressão rica com complexidades e nuances e verdades parciais de olhos piscando — nos agora queiramos ou não, evocamos um conjunto maior, mais granulado, mais confuso de imagens mentais: o furacão, todas aquelas pessoas nos tetos das suas casas — ou boiando; casas esmagadas, ruas expostas, a mancha de água tóxica brilhando, políticos com sorrisos falsos, pessoas patrulhando suas próprias casas com armas, pessoas resgatando outras pessoas. O que foi perdido ou mal sobrevive ou persiste contra todas as adversidades, agora precisa se adequar a tudo o que costumava ser para reconstruir o seu presente. Se Nova Orleans uma vez foi uma cidade de sorrisos largos, tapinhas nas costas, bebedeiras inadequadas e provocante dissonância (ela era rica, ela era pobre, ela era o sul — só que não era, de verdade; ela era negra, ela era branca, ela era bege; ela era francesa, espanhola, cajun, crioula, índia, americana); agora é uma cidade destruída e o todo ao mesmo tempo! É difícil encontrar um tema ou apelido para fazer essa

Canto superior esquerdo: Na Nova Orleans pré-Katrina, o trânsito do fim da tarde trafega pelo estádio Superdome Louisiana. Canto superior direito: Filigrana em ferro forjado enfeita as varandas de bairro francês de Nova Orleans. Acima, à esquerda: Uma vista aérea de terras pantanosas no Rio Mississippi fora de Nova Orleans. Acima: Um bonde tradicional serve a Avenida St. Charles, em Nova Orleans



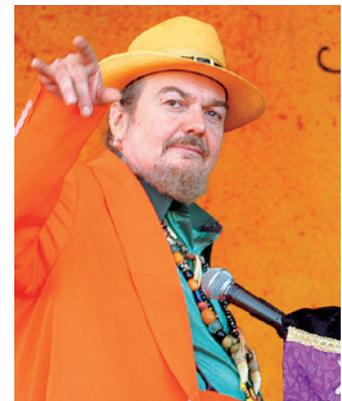
imagem como um todo se tornar mais clara.

Neste outono, na brisa quente que percorre a rua Royal e vai até Prytania, e o bairro de Saint Claude, passando pelo limite da paróquia, e através dos Campos Elíseos até o lago, ouve-se um eco de esperança e desespero: “Estamos voltando”. “Estamos quase de volta”. “Será que *algum* dia estaremos de volta?” “Será que Nova Orleans poderá ser como antes?” Essas podem ser palavras que poderíamos esperar dos cidadãos de Nova Orleans — cidadãos apaixonados por sua cidade, acostumados a olhar para ela maravilhados, através da neblina. Nova Orleans é uma cidade conservadora. Ela abraça e pede um abraço, se segura o quanto pode, assim como ela segura seu solo instável na terra que está cedendo. “Voltando” é apenas um modo de registrar a perda e a perda redentora. O que significa, em termos práticos, que mesmo os moradores de Nova Orleans que detestam suas circunstâncias preferiram detestar suas circunstâncias em Nova Orleans do que em qualquer outro lugar. Fatalismos à parte, não é o pior personagem que uma cidade poderia possuir.

Mesmo assim, nós prestamos a Nova Orleans um desserviço ao dizer de

Canto superior, à esquerda: Trabalhadores reconstruem uma casa estilo crioulo do século 19 no Nono Baixo Distrito de Nova Orleans, uma área duramente atingida pelo furacão de 2005, Katrina. Acima, ao centro: O chefe indígena carnavalesco Walter Cook, adornado com penas e contas, participa de um funeral de jazz. Acima: Um jovem em traje de toureiro espanhol posa no bairro francês de Nova Orleans

Grandes músicos se apresentam no Festival de Jazz e Patrimônio de Nova Orleans. Da esquerda para a direita: Wareen Prejean Sr., Keb'Mo', Roger Lewis e Dr. John

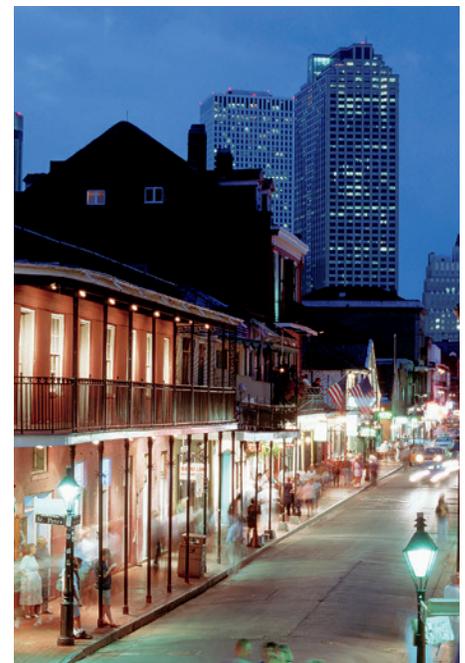




modo contundente que nós a *conhecemos* ou até mesmo que compartilhamos uns com os outros certo grau de caráter único. É uma cidade pequena (menor agora com tanta perda e tanta gente indo embora). Pode ser apenas que as nossas declarações sobre a sua natureza se sobreponham e sejam agrupadas e vistas de modo mais verdadeiro do que são. O desastre, no entanto, tem por resultado nos fazer olhar mais de perto e nos fazer perguntar o que a cidade real é. Quais usos reais ela tem. Que bem ela faz. Qual mal. As cidades oferecem diferentes vocabulários para seus investimentos na vida dos seus cidadãos. Mas a mística vai acabando. E o investimento é praticamente o mesmo, de cidade em cidade: queremos fazer futuro melhor do que o passado.

Somente um político com alguma coisa a ganhar ousaria dar conselhos a uma cidade inteira — especialmente uma cidade famosa por nunca seguir bons conselhos, uma cidade onde o desastre (a lembrança dele, sorrir para ele, bajular seus favores) sempre soou familiar. Então, dar conselhos não é a minha intenção. Mas eu aposto que o vocabulário cívico em Nova Orleans mudará em breve — se já não mudou. “Going on” (avançar) deverá tomar o lugar de “coming back” (voltar), já que não há volta de qualquer maneira. Ninguém consegue concordar sobre a definição do passado, ou como era, ou quem se beneficiava. O passado se torna apenas outra ilusão adaptada às nossas necessidades individuais. O caminho adiante um dia será visto como uma versão do que teria ou poderia ter acontecido de qualquer maneira, mesmo se uma terrível tempestade não tivesse acontecido.

Quando olhamos para Nova Orleans, em sua incongruências, quando ouvimos as suas dissonâncias, o nosso anseio é entender, fazer com que todas as suas peças soltas se encaixem. Fazemos isso quase tanto quanto revelamos as suas esquisitices, a sua intransigência. No fundo, estamos tentando entender o que é normal. Isso é normal? Isso está bom? Estou me sentindo normal? Estou bem? É assim que qualquer cidadão mede a sua vida em qualquer cidade. Em Nova Orleans um dia a resposta será sim.



Canto superior à esquerda: serviços funerários para as vítimas do furacão Katrina são acompanhados por uma banda de jazz tradicional. Canto superior à direita: Multidões enchem as ruas do bairro francês de Nova Orleans durante a celebração do carnaval de 2009. Acima: a Rua Bourbon à noite no Bairro Francês, em Nova Orleans

NOVA
YORK



FILHO DO BROOKLYN

Cada escritor começa como leitor e eu tenho a grande sorte de ser um leitor desde a mais tenra idade. Não houve epifania em sala de aula, nenhum momento de ruptura quando eu consegui decodificar esses pequenos símbolos chamados de letras e os transformei em palavras e essas palavras se transformaram em figuras em minha mente. Isso significou, quase certamente, que a minha mãe me ensinou a ler.

Minha mãe e meu pai eram imigrantes em Nova York da Irlanda do Norte, católicos da cidade industrial escura e inóspita de Belfast. Eles vieram separados e se instalaram no enorme e lindo bairro do Brooklyn. Naquele tempo, o Brooklyn era um lugar de trabalhadores operários, imigrantes e seus filhos que trabalhavam do comércio portuário. O metrô permitiu que eles trabalhassem em um lugar e vivessem em outro, e o Brooklyn era especial: imbuído daquilo que posteriormente chamei de luz de Vermeer. Mesmo os cortiços pareciam bonitos em algumas horas da manhã ou ao anoitecer. Na cidade de Nova York, o Sol nasce no Brooklyn, anunciando o dia. Não é à toa que os holandeses amavam o lugar.

A vida não era fácil para Billy Hamill e a sua esposa Anne Devlin. Em seu país de origem, meu pai havia terminado a oitava série. Minha mãe tinha completado o equivalente ao segundo grau, mas quando ela veio para os Estados Unidos aos 19 anos e órfã, ela chegou em 1929 com a perfeita pontualidade irlandesa no exato dia da quebra da Bolsa de Valores. Em 1927, meu pai estava jogando em um domingo, no futebol semiprofissional quando ele foi chutado maldosamente, levado para o hospital, passou a noite sedado e, pela manhã com a gangrena se alastrando pela sua perna arruinada (e a penicilina ainda não tinha sido inventada), ele perdeu a perna acima do joelho. Minha mãe trabalhava em uma loja de departamentos e também como empregada doméstica, cuidando dos filhos pequenos de uma família abastada do Brooklyn. Eles se conheceram em um baile em 1934. Um fato que fez meu pai rir anos mais tarde, uma vez que ninguém podia dançar muito com uma perna de madeira. Eu fui o primeiro filho americano deles e éramos sete ao todo quando a família estava completa. Isso certamente significou que Anne Devlin Hamill tinha tempo de se sentar comigo sozinha e me mostrar um livro e lê-lo comigo enquanto um dos seus dedos desenhava as palavras.

Um dos meus favoritos era “Jardim de Versos de uma Criança” de Robert Louis Stevenson e eu devo ter adorado as rimas das palavras e as ilustrações e o modo como elas combinavam para tornar o mundo infantil luminoso. De algum modo os versos lembravam as músicas da Irlanda que meu pai cantava com os amigos ou vizinhos que chegavam em nosso apartamento. Músicas com histórias. Algumas delas cheias de heróis martirizados. A maioria delas

por Pete Hamill

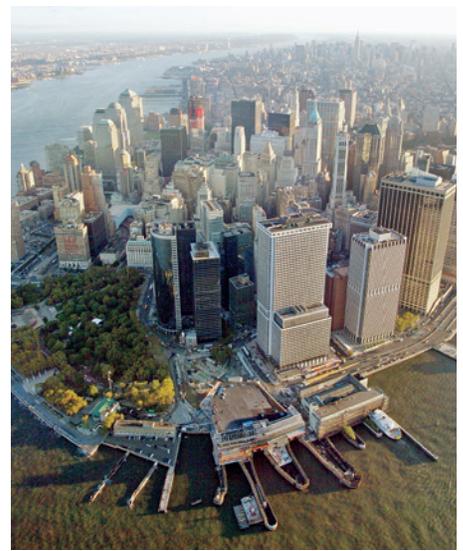


Pete Hamill é romancista, jornalista e ensaísta. Autor de 10 romances, além de biografias, memória e coleções de contos e jornalismo, ele é escritor ilustre residente na Universidade de Nova York. Suas matérias jornalistas têm sido publicadas no *New Yorker*, *New York Times*, *Esquire* e *Vanity Fair*, e ele foi por muitos anos colunista do *New York Daily News* e do *New York Post*. Também trabalhou como editor-chefe do *News* e do *Post*. Vive com sua esposa na cidade de Nova York



Uma vista longitudinal da Ponte de Manhattan, que conecta o Baixo Manhattan com Brooklyn. Na página oposta: A Estátua da Liberdade é algo inspirador para os viajantes que chegam na cidade de Nova York





À esquerda: O Empire State domina a silhoueta dos prédios de Nova York neste ângulo voltado para o sul. Acima: Olhando em direção à parte central da ilha, esta vista aérea mostra Lower Manhattan



Superior: Cerca de 16 milhões de pessoas passaram pela Ilha de Ellis de 1892 a 1954 quando ondas de imigrantes eram entrevistados para obter permissão para entrar nos Estados Unidos. Acima: Ilha de Ellis, atualmente um monumento nacional, é visitada por turistas que chegam de ferryboat



cheias de riso desafiador.

Por muitos anos durante a minha infância, vivemos em um cortiço do Brooklyn, em um apartamento da estrada de ferro com água fria. Eu nasci em 1935, no auge da Grande Depressão, mas não me lembro de dificuldades brutais. Havia sempre comida na mesa. Eu tinha muitos amigos no quarteirão ou na escola. Eu aprendi um jogo de rua, o *stickball*, que se joga com um cabo de vassoura e uma bola de borracha cor de rosa chamada spaldeen (uma corruptela do nome do fabricante que era Spalding). Nas manhãs de sábado, nós começávamos a jogar às oito horas e o Sol começa a nascer sobre nós do Parque Prospect e nós ainda estávamos jogando ao anoitecer. Não havia televisão, mas nos dias de chuva havia outras diversões. Nas manhãs de sábado as entradas do cinema custavam 12 centavos até o meio-dia e nós torcíamos para os cowboys e nos maravilhávamos com a vista do Oeste Americano. No meio da guerra eu descobri as histórias em quadrinhos e amava o “Batman” porque a sua Gotham era parecida com o meu Brooklyn, com as suas sombras profundas, armazéns assustadores, becos de paralelepípedos sinistros. Mas ainda melhor, eu amava um imenso palácio (aos meus olhos) de pedras a incríveis três quarteirões da minha casa: a unidade Prospect da Biblioteca Pública do Brooklyn.

Novamente, a minha mãe me levou lá pela primeira e uma segunda vez e, provavelmente, uma décima vez. Ela me mostrou a sala das crianças com sua imensa lareira esculpida, assegurou-se de que eu tivesse um cartão da biblioteca, explicou a ordem alfabética e me iniciou na vida como escritor. Eu fiquei maravilhado quando descobri que podia trazer para casa os livros que estavam naqueles estantes baixas. Eu devorei meus livros do Babar, desejando poder encontrar um elefante em um terno verde e ir com ele para uma cidade chamada Paris. Uma cidade que não se parecia em nada com o Brooklyn.

Na terceira série eu estava visitando a biblioteca por minha conta (era considerado vergonhoso precisar da mãe para levar você a qualquer lugar,



Superior: Vista do centro de Brooklyn com prédios altos à distância. Acima: Emoldurados pela Ponte de Brooklyn, uma jovem mãe leva seu filho para a escola em um trenó após uma nevasca recorde

especialmente até a escola). Eu não soube até décadas mais tarde que ela havia sido colocada lá pelo meu cara rico favorito, Andrew Carnegie. Ao mesmo tempo, uma professora da minha escola primária (o nome dela era senhorita Smith) mandou copiar os mapas da guerra das páginas do *New York Daily News* (que custava na época dois centavos o exemplar). Eu aprendi com aquela tarefa onde ficavam o norte da África, a França, a Alemanha, a Inglaterra e a Itália e, é claro a Irlanda. Eu percebi o quão imenso era o Pacífico e onde ficavam as ilhas de Guadalcanal e Midway e também o Japão. A professora nos lembrou que muitos jovens da nossa vizinhança estavam naqueles lugares e que, quando víssemos uma estrela dourada em uma janela, isso significava que um deles havia sido morto. Ao final da guerra, havia estrelas douradas por toda a vizinhança e muitas mais em todo o país.

Quando terminamos de fazer os mapas, ela nos disse para começar a ler as histórias também. E então perguntar aos nossos vizinhos e obter os endereços dos homens que estavam ausentes na guerra. Então escrevemos cartas para eles, mesmo sem os conhecer, agradecendo a eles por tudo o que estavam fazendo para nos manter livres.

A palavra “livre” estava no ar. Eu ouvi os amigos do meu pai discutindo sobre alguma coisa e mesmo o rapaz que discordou dizia: “Ei, este é um país livre.” Parecia significar muito para eles e, depois de um tempo, eu entendi que maioria deles tinha vindo de países em que não havia liberdade. Lugares onde eles sofriam por causa da religião. Lugares onde eles não podiam expressar a sua opinião, conforme eles diziam, sem ouvir uma batida na porta à meia-noite. Minha mãe e meu pai sempre expressavam a opinião deles. Na intolerante Belfast isso era impossível. Nos Estados Unidos, meu pai nunca falou alto. O estilo masculino do irlandês do norte foi definido para mim décadas mais tarde por um título de um poema do ganhador do Prêmio Nobel, Seamus Heaney: “Seja o que for que você diga, não diga nada.” Nos Estados Unidos, eles poderiam falar o que bem quisessem. Eles não precisavam gritar.

Todos aqueles espíritos livres, aqueles operários de fábrica, bombeiros, metalúrgicos, operadores das docas, me ensinaram muitas coisas, a maioria deles sobreviveu aos meus escritos. Você pode ser forte, sem ser mau. Se você procurar encrenca, com certeza irá encontrá-la. A coisa mais importante da vida era o trabalho. E um pecado imperdoável (depois da crueldade) era a autopiedade. Meu pai viveu até os 80 anos e eu somente só o ouvi reclamar a perda da perna uma única vez. Minha mãe trabalhava também. Ela tinha que trabalhar para criar uma família grande durante tempos difíceis. Nenhum deles tinha tempo para autopiedade. Eles eram muito ocupados. Os dois trabalharam até o momento em que não puderam mais trabalhar.

Durante esse período, antes do final da guerra, eu estava lendo as páginas de esporte dos jornais também e as histórias em quadrinhos com excelente narrativa do momento: “Dick Tracy”, “Aventuras de Chico Viramundo”, e acima de tudo “Terry e os Piratas.” O último era o favorito da minha mãe e eu recortei cada uma das tirinhas e as colei no caderno de anotações dela. Eu não entendi totalmente a tirinha, porque seu magnífico criador, Milton Caniff, escreveu e desenhou “para o rapaz que comprou o papel.” Eu comecei a absorver alguns princípios básicos da narrativa: isso



Superior: Prédios de tijolos coloridos ao longo do passeio de Brooklyn em Nova York dão ao bairro a sensação de cidade pequena. Acima: Visitantes do parque de diversões Astroland desfrutaram de um giro na montanha russa Cyclone na Ilha de Coney, em Brooklyn, em Nova York



Um casal desfruta de um passeio de carroça puxado por cavalo através do Central Park de Nova York, o primeiro parque paisagístico dos Estados Unidos



acontece e isso acontece, e como resultado ISSO acontece.

Eu sabia desenhar bem o suficiente para copiar os excelentes vilões de “Dick Tracy”, e o esquema de uma versão razoável do cozinheiro Fat Stuff de “Aventuras de Chico Viramundo”. Eu nunca consegui desenhar a Dragon Lady. Quase na mesma época, outro evento importante aconteceu. Eu li um livro que era somente texto e cheguei até o final. O livro não era da biblioteca, mas da prateleira de uma loja de revistas em quadrinhos usadas a alguns blocos de onde eu morava. Ele se chamava “Bomba o Garoto da Selva e a Catarata Gigante” e ele me levou até a floresta Amazônica onde um garoto da minha idade, sobrevivente de um desastre aéreo estava em busca de seu pai desaparecido. Nos anos depois da guerra eu comecei a comprar todas as cópias dessa série, geralmente por 10 centavos, fazendo a minha imaginação viajar para lugares exóticos e enfrentando perigos imensos. Uma dúzia de livros da série Bomba estão empilhados em minhas prateleiras até hoje. A escrita é algumas vezes racista (“Bomba sabia que sangue branco corria em suas veias”), mas eu não percebia naquela época. Eu queria saber o que ia acontecer em seguida.

E na biblioteca eu já tinha lido todos os livros de Babar. Eu descobri os “Livros de Piratas” de Howard Pyle, cheios de belas ilustrações, tesouros roubados, lutas de espadas nos convés dos galeões — e lá na frente estavam Robert Louis Stevenson e Alexander Dumas. Nunca havia dinheiro suficiente em nossa casa, mas eu vivi uma infância e adolescência riquíssimas. Afinal de contas, eu naveguei para a Ilha do Tesouro com Jim Hawkins. Eu lutei com agentes de Milady ao lado de D’Artagnan. Passei um verão inteiro como o Conde de Monte Cristo. As histórias em quadrinhos clássicas eram meus *Cliff Notes*, exceto pelo fato de elas servirem mais como guia de leitura do que um roteiro, resultando em pesquisas na biblioteca pelos livros reais. Eu não apenas olhava para aqueles livros; eu penetrei neles; eu vivia no mundo deles.

Anos mais tarde eu li um ensaio de Stevenson no qual ele pedia que os aspirantes a escritor lessem como predadores. Eu percebi que, muito antes de me dar conta da minha ambição de ser escritor, eu já fazia isso. E eu não estava sozinho. Para os aspirantes a escritor, bem como para os leitores sérios, a



Superior à esquerda: Na Times Square de Nova York, outdoors exibem shows da Broadway. Superior: O desfile do Dia de São Patrício apresenta jovens dançarinos trajando vestimentas irlandesas. Centro: Estudantes de Taiwan vibram durante a celebração do réveillon de Nova York na Times Squares. Acima: Um confeitiro em uma loja de rosas em Brooklyn prepara uma leva de rosas

literatura de boa qualidade é como alimento. Ela nutre a imaginação, provoca a curiosidade sobre a vida dos outros, torna claro que existe um mundo vasto além da nossa paróquia. Os livros bons também implicam dúvidas do leitor que somente o leitor pode responder. As dúvidas sobre o significado das suas próprias vidas. Sobre escolhas morais que cada um de nós pode enfrentar. Sobre as consequências de escolha e ações. Quando tinha 12 anos, queria ser um comediante. Quanto mais eu lia os excelentes trabalhos de história e literatura, mais essa ambição desaparecia.

Agora que estou velho, eu imagino algumas vezes que, se eu teria me tornado escritor se tivesse sido criado nas fantásticas paisagens do Oeste americano ou na escura Belfast. É uma pergunta que eu nunca poderei responder. Eu talvez tivesse os mesmos pais, talvez. Mas eu tive a sorte geográfica de atingir a idade da razão no mundo densamente estratificado do Brooklyn, com sua variedade de religiões, etnias e idiomas, seus códigos de conduta. No teto da minha casa, eu podia ver as torres de Manhattan, arranhando o céu. Minha própria versão de Oz. Eu ainda vejo isso como filho do Brooklyn. Havia pontos santos naquelas ruas do Brooklyn e muitos pecadores, mas como sempre, o pecado é sempre uma história melhor. Também era uma época antes da televisão a qual, por sua natureza, é uma mídia passiva. Você pode se sentar na frente da tela e não imaginar o mundo. A música diz a você o que sentir. As trilhas de risadas guiam as suas risadas. A leitura é ativa. Ela exige atenção àqueles pequenos contornos das letras, formando palavras e a experiência é complementada pela imaginação do próprio leitor. Elas podem fazer você ver as ruas da própria parte do mundo ou levar você para uma catarata gigante. Elas nos lembram sempre de que primeiro nós imaginamos, depois vivemos.

Isso estava claro para mim há mais de 20 anos. Como repórter, eu cobri a queda do regime comunista em Praga, uma emocionante revolta liderada por um escritor. Quando uma história extraordinária atingiu seu clímax e Vaclav Havel entrou no Castelo, minha esposa e eu fomos para Berlim. Era uma manhã chuvosa, desagradável. Eu consegui um motorista que nos levou até a Berlim do Leste Comunista e passamos através do Portão de Brandemburgo para entrar em uma das cidades mais feias da Europa. Eu havia estado lá 15 anos antes e ela estava agora ainda pior. A arquitetura da paranoia imposta estava por toda a parte.

Nós entramos por uma rua principal larga e, após alguns quarteirões, vimos à nossa esquerda, uma longa fila de pessoas em casacos pesados, quatro ou cinco atravessando na calçada, muitas com sombrinhas.

“O que é isso?”, perguntei ao motorista. “Eles estão esperando por comida ou algo assim?”

“Não”, ele disse em uma voz baixa, emocionada. “Hoje é o primeiro dia em que chegarão livros da parte Oeste.”

E eu tive que conter as lágrimas.



Foto superior: Dois dançarinos do balé da cidade de Nova York executam coreografia do emigrante russo e coreógrafo George Balanchine, que fundou a Escola de Balé Americano de Nova York. Acima: Um ônibus de turismo passa pelo Teatro Apollo e vira na interseção conhecida como African Square no bairro nova-iorquino do Harlem

WASHINGTON, DC



A CAPITAL DO ESCRITOR

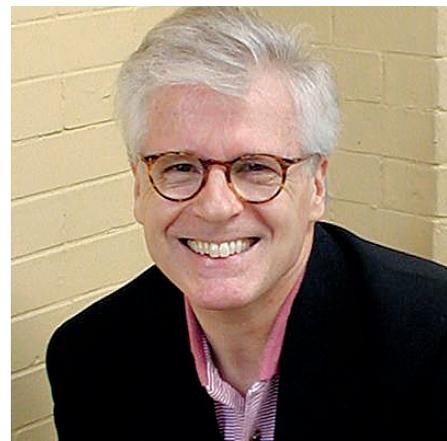
Os escritores americanos têm uma longa, se não intermitente história de “fazer parte do governo” por um período. Franklin Pierce, o 14o presidente americano não muito bem-sucedido, indicou seu amigo Nathaniel Hawthorne para ser cônsul dos EUA em Liverpool, um prêmio por Hawthorne ter escrito a biografia da campanha de Pierce. O poeta Archibald MacLeish foi bibliotecário do Congresso durante o Novo Acordo de Roosevelt e a Segunda Guerra Mundial, e Arthur M. Schlesinger Jr. foi de Harvard para a Casa Branca como conselheiro de John F. Kennedy.

Eu nunca operei em grande escala como esses cavalheiros, mas como escritor que vive na cidade empresarial de Washington, DC, não posso dizer que fiquei surpreso quando, por um curto período de tempo, eu me encontrei trabalhando para o governo. Durante meu tempo como vice-presidente da Fundação Nacional para as Humanidades, eu saía de casa todas as manhãs para ir até a Avenida Pensilvânia 1100, o antigo prédio dos Correios de Washington, construído em 1890 e que agora abriga a NEH e a Fundação Nacional das Artes.

O antigo prédio dos Correios é uma estrutura grandiosa com arcos romanescos e uma torre do relógio romântica que poder ser visto do outro lado do Rio Potomac. Tenho a impressão de que eu gostava mais do prédio do que do meu trabalho e, mesmo agora eu, ocasionalmente, sinto falta do meu escritório de grande estilo do final da era Vitoriana no quinto andar. Painéis de madeira se estendiam até a metade das paredes; uma janela de vidro fosco estilo antigo e maçanetas de latão pesadas enfeitavam a porta de madeira; uma bandeira grande atrás da mesa dava um toque cômico-lírico às minhas responsabilidades nunca terrivelmente estressantes. Fiquei lá pouco mais de um ano, tempo suficiente para aprender que o primeiro ocupante dessa imensa sala havia sido superintendente de aumentos de preços para o Serviço Postal dos EUA sob o presidente William McKinley. Pelo que sei, ele ia para casa todas as noites, como eu fazia, para trabalhar em seu romance.

Washington tem sido, para mim, mais um parque de diversões da imaginação do que a simples rotina do dia a dia. Vários dos meus romances foram situados nas ruas da cidade e com base na sua história, que é sempre uma questão local e nacional. O assassinato de Abraham Lincoln foi uma tragédia americana, mas também uma tragédia pessoal para o major Henry Rathbone e a senhorita Clara Harris, os noivos que compartilhavam o camarote do Teatro Ford com o presidente e Mary Lincoln em 14 de abril de 1865. A presença de Henry e Clara no assassinato perseguiu toda a vida de casados subsequente, que terminou em 1883 com outro assassinato — o

por Thomas Mallon



Os sete romances de Thomas Mallon incluem *Henry e Clara*, *Bandbox* e *Fellow Travelers* (Viajantes Companheiros, em tradução literal). Ele também é autor de livros de não ficção sobre diários, plágios e cartas. Seu trabalho aparece no *New Yorker*, no *Atlantic Monthly*, *New York Times Book Review* e em outras publicações, e ele é, atualmente, diretor do programa de Escrita Criativa na Universidade George Washington.



O Capitólio dos Estados Unidos em Washington, DC, é marcado por uma abóbada central acima de uma rotunda e duas asas. Página oposta: A Casa Branca, que foi o lar de 42 presidentes americanos e suas famílias.

de Clara, pelo marido. A maioria dos anos infelizes juntos foram passados na Praça Lafayette, próxima a um trecho do que seria, no final do século 19, também a residência de Henry Adams, um dos observadores mais ácidos da cidade e John Hay, outro homem com a mente voltada à literatura que entrou e saiu do governo, sendo certa vez secretário pessoal de Lincoln e, muito mais tarde, de Theodore Roosevelt.

Minha parceira e eu jantamos todos os anos na noite de Natal no Hotel Hay-Adams, construído no final dos anos 20 no lugar das casas desses dois homens famosos. No caminho de ida ou de volta do nosso jantar, geralmente damos uma olhada na árvore de Natal nos jardins da Casa Branca, uma mansão que fica no centro da cidade, do mesmo modo que as casas dos proprietários das fábricas costumavam ficar nas colinas de outras cidades empresariais. Em algum momento durante o passeio, meus olhos se voltarão para o lugar onde ficava a velha casa dos Rathbones e pense naquelas vidas sombrias que eu tentei reconstruir em um dos meus romances há cerca de 15 anos.

A Praça Lafayette e o local onde eu moro em Foggy Bottom são separados por cerca de 10 quarteirões — quase nem longe o suficiente para gastar as calorias do jantar de Natal numa caminhada. Minha casa fica no “Distrito Histórico” do bairro, um trecho de casas feitas com tijolos minúsculos construídas nos anos de 1890, quando armazéns, instalações de fornecimento de gás e cervejarias preenchiam a área ao redor. Hoje em dia as casas foram substituídas por apartamentos, prédios da universidade e o Centro John F. Kennedy para Artes Cênicas, que à noite brilha com a mesma



Acima: A lua cheia surge sobre três marcos de Washington, DC. No primeiro plano é o Memorial Lincoln, o Monumento a Washington ao centro, e o Capitólio dos EUA está em segundo plano. Abaixo: Uma vista aérea mostra o Memorial Lincoln e parque ao redor





luz branca que banha o Memorial de Lincoln, também ali perto.

A estrutura mais improvável de Foggy Bottom — e sobrevivente — é o antigo Observatório Naval dos Estados Unidos, um sonho do presidente John Quincy Adams que se tornou realidade de modo insensato nas margens pantanosas e envoltas em névoa do Rio Potomac nos anos de 1840. Praticar astronomia lá era como cultivar orquídeas no Ártico ou fazer esculturas de neve nas margens do Rio Amazonas: os observadores de estrelas frequentemente tinham que ir para casa mais cedo porque seus telescópios não conseguiam furar o nevoeiro. E graças aos mosquitos que prosperaram no rio, eles eram vítimas da malária e até mesmo, com mais frequência, de outras doenças que atacavam os moradores de Washington. E ainda, no verão de 1877, os astrônomos foram bem-sucedidos ao fazer a descoberta sensacional de que Marte possui duas luas.

Essa conquista foi auxiliada pelo uso de “computadores” pelo Observatório — mulheres que faziam os cálculos matemáticos que, de outro modo, teriam sido muito penosos para os próprios astrônomos. Foi um desses computadores — ou pelo menos um corpo ficcional deles que decidiu se chamar Cynthia May — que se tornou o principal personagem de um romance meu chamado Duas Luas. Eu imaginei Cynthia vivendo em uma casa de pensão na Rua F e logo após ter chegado lá, parte do novo exército de escriturários que depois da Guerra Civil encheram as fileiras do governo e do Distrito — o suficiente, na verdade, para transformar Washington em alguma coisa parecida com uma cidade real pela primeira vez.

Após a sua descoberta, os cidadãos de Washington vieram se aglomerar no telescópio do Observatório para dar uma espiada nas luas de Marte, uma vista que fornecia um alívio celestial do clima de verão brutal costumeiro. Abraham Lincoln tinha procurado um conforto cósmico mais profundo ao visitar o domo do Observatório para dar uma olhada na estrela Arcturus, um mês depois dos massacres em Gettysburg, e eu mesmo ainda posso ver a luz



Canto superior à esquerda: Explorando tesouros históricos através da tecnologia interativa, estes alunos desfrutam de uma exposição na Biblioteca do Congresso. Superior: Preservacionistas salvaram a antiga agência de correios de Washington da demolição. Centro: Crianças espreitam para fora do elevador de vidro depois de visitar a torre do relógio da antiga agência de correios. Acima: Escultura e colunas clássicas adornam o frontão do edifício do Capitólio dos EUA

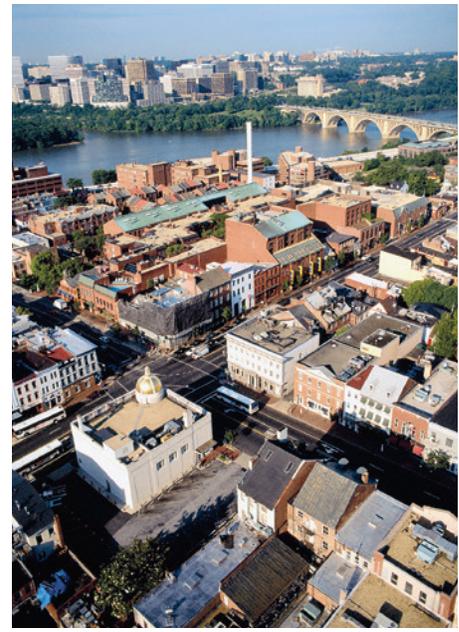


do Sol passando pelo domo (agora desprovido de telescópio) quando passo de bicicleta ao longo do Potomac no lado da Virgínia, para exercitar meus pulmões. Os moradores de Washington não sofrem mais com a malária, mas a asma é comum aqui e eu sofri o suficiente com ela para me sentir como um nativo em vez de um forasteiro. Uma alta incidência de sofrimentos talvez seja o preço que pagamos por uma cidade espetacularmente florida; em abril, quando é o pico do florescimento das cerejeiras, a população de turistas fica mais espessa do que a dos lobistas.

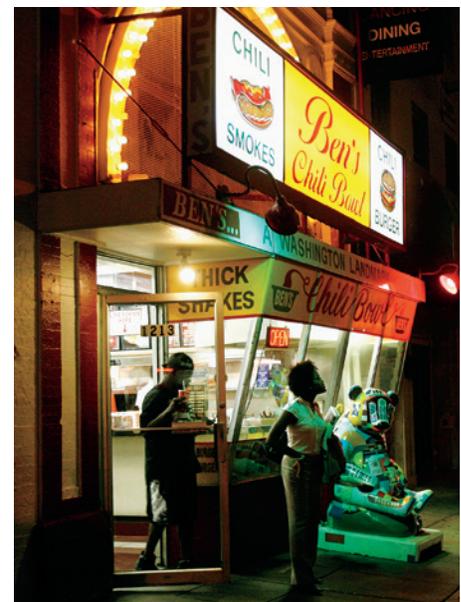
Sem ter planejado isso, tenho escrito uma tetralogia de ficção sobre Washington, algumas cujos locais são visíveis, outras nem tanto, a partir de meu pequeno jardim. Se você deixar o Observatório e cruzar a Rua 23, chegará ao Departamento de Estado, mais ou menos o que eu fiz quando terminei *Duas Luas* e comecei a escrever *Fellow Travelers* (Viajantes Companheiros, em tradução literal), um livro ambientado nos recintos do governo durante os anos 1950. A minha preocupação atual — os prédios curvos do complexo de Watergate — podem ser visto da janela do meu estúdio no andar de cima. De volta a 1972, o escritório do Comitê Nacional do Partido Democrata foi invadido lá e o restante, como dizem, é história — ou, no meu caso, ficção histórica.

Os contornos extremamente modernos do complexo estão parecendo ligeiramente desvalorizados e antigos nos dias de hoje, assim como na era digital atual as fitas de áudio no coração do escândalo de Watergate agora vistas como tão pitorescas quanto o pergaminho. Mas os prédios permanecem, como o Capitólio e o Monumento a Washington, um ímã para os olhos dos turistas. Pode-se ver visitantes posando para fotografias na frente deles, braços levantados e dedos imitando o velho gesto de vitória do presidente Nixon. Os moradores de Foggy Bottom frequentam o complexo para comprar no supermercado ou na farmácia em seu piso térreo; eles, pelo contrário, dão tanta atenção a ele quanto os moradores de Nova York dão à Estátua da Liberdade ou ao edifício Empire State.

Eu ainda sou um pouco nova-iorquino. Eu passo alguns dias todos os meses no apartamento no lugar que agora chamo de “a cidade”, um mundo urbano completamente diferente — comprimido e sem árvores — daquele



Canto superior à esquerda: O edifício Harry S. Truman abrigou o Departamento de Estado dos Estados Unidos no final dos anos 1940. Acima: Uma vista aérea da orla de Georgetown captura a variedade de arquitetura nesta parte antiga de Washington, DC



Ben's Chili Bowl se tornou conhecido mundialmente como um restaurante “imperdível” ao visitar Washington



que temos em Washington. Em Manhattan, os romancistas são tão comuns quando os garçons lutando para se tornar atores; em Washington, somos ligeiramente exóticos. Aqui, se você for apresentado a alguém como escritor, presume-se que você é um jornalista político.

As duas cidades são diferentes em muitos aspectos, nos pequenos e nos grandes detalhes. Em Nova York, os hotéis têm sido convertidos em prédios de apartamentos, sendo que em Washington as mudanças parecem mais frequentemente ir em outra direção. Alguém chegando de avião a Manhattan a vê se erguendo dentro do anel dos seus subúrbios com construções baixas como o surpreendente Everest, mas alguém voando para Washington teria a sensação de estar dentro do campo de um estádio. Com construções baixas, a capital está sendo sufocada pelos condomínios ao redor e fora dela. O aeroporto nacional Reagan é muito próximo do centro da cidade, mas mesmo assim ele fica no estado da Virgínia. Washington pode ser o centro do governo do país e a “capital do mundo livre”, mas quase fica fora da lista das grandes cidades dos EUA. Em número de habitantes, ela está em 27º lugar, logo acima de Las Vegas (outra cidade empresarial).

O menosprezo a Washington foi sempre exprimido de forma retórica. John F. Kennedy ridicularizava a “eficiência do Sul e o charme do Norte” da cidade, comentário lembrado até hoje, e políticos contemporâneos faziam questão de lembrar os eleitores de que sentiam falta de estar “fora do anel viário” [que rodeia a cidade], onde acreditava-se que a clareza de pensamento



Canto superior esquerdo: prédio da administração do Instituto Smithsonian, chamado de “O Castelo”, está localizado no National Mall de Washington. Canto superior direito: O Museu de História Natural, um dos museus mais populares do Smithsonian, marcou seu 100º aniversário em 2004. Acima: O espaçoso Museu Nacional do Ar e do Espaço tem muitas recordações históricas de aviões e de voos. Abaixo: O Centro de Artes Performativas John F. Kennedy brilha na luz da noite ao se preparar para sediar produções de música, ballet e teatro, programas culturais e eventos especiais.





e valores mais sólidos prevaleciam. Mas os moradores da cidade, acostumados a ver os presidentes e líderes do Congresso entrando e saindo, hoje em dia têm uma boa impressão sobre o lugar. O próprio governo do Distrito se tornou significativamente menos corrupto nos últimos anos, e as cicatrizes da revolta de 1968 após o assassinato de Martin Luther King em geral não são mais visíveis no centro da cidade. Mesmo no meio da recessão, o horizonte está adornado com guindastes de construção.

O trecho da Avenida Pensilvânia que passa pela Casa Branca havia sido fechado para carros mesmo antes de 11 de setembro e o trânsito — já caótico o suficiente na cidade — foi desviado em uma teia de diagonais e círculos — e nunca se recuperou totalmente. E ainda, o calçadão para pedestres agora na fronteira da Casa Branca fez aquele prédio se sentir ainda mais perto do que costumava ser para os transeuntes. Quando os turistas visitam Washington, querem ver não só a Casa Branca, mas também os gabinetes dos seus senadores e deputados — cada um desses lugares sendo uma espécie de *pied à terre*, ou uma segunda residência. Os cidadãos que viajam a Washington podem dizer, como dizem sobre Nova York, que “é um lugar agradável para visitar, mas eu não moraria lá”, e mesmo assim dizem isso com um certo orgulho pois sabem que, por representação democrática e graças à Constituição, aqui estão em casa.



Superior: Flores de cerejeira cercam o Memorial Jefferson e vários visitantes passeiam de pedalinho, um passatempo favorito em Washington na primavera. Acima: Como parte do evento do Dia dos Pais, todo mês de junho, um homem coloca rosas no Memorial aos Veteranos do Vietnã, em homenagem aos pais que morreram servindo nas guerras do Vietnã e do Iraque

Créditos das fotos:

Todas as imagens são creditadas a © AP Images, exceto as seguintes:

Capa frente e verso: © Fotosearch. Página 2 superior: © Derek Shapton. 3 esquerda e centro-esquerda: © 2000-2010 PhotoSpin, Inc., centro-direita: Kenny Braun/TxDOT, direita: © 2010 Thinkstock. 4 esquerda: Biblioteca de Imagens Memphis, centro-esquerda e centro-direita: © 2010 Thinkstock. 5 ambas: © 2010 Thinkstock. 8 esquerda: © 2010 Thinkstock. 9 esquerda: © Franz-Marc Frei/CORBIS. 13 superior (close): © Marie Arana. 15 centro: Baltimore Area Convention e Visitors Association. 16 superior: © 2010 Thinkstock, inferior: Baltimore Area Convention e Visitors Association. 17 tudo: Baltimore Area Convention e Visitors Association. 18: © 2000-2010 PhotoSpin, Inc. 19 superior (close): © Tina Klein. 20 superior: © 2010 Thinkstock, inferior: Greater Boston Convention e Visitors Center. 22 esquerda: © Amanda Hall/Robert Harding World Imagery/Corbis. 24: © 2000-2010 PhotoSpin, Inc. 25 superior (close): © Jon Randolph, inferior: © 2000-2010 PhotoSpin, Inc. 26 inferior: © 2000-2010 PhotoSpin, Inc. 27 superior: © 2000-2010 PhotoSpin, Inc. 30: Kenny Braun/TxDOT. 31 superior (close): © Kellye Sanford. 32 inferior: © 2010 Thinkstock. 36: © 2010 Thinkstock. 37 superior (close): Cortesia de Blake Little Photography. 38 inferior: © Robert Landau/Corbis. 40 superior: © David Peevers/Lonely Planet, inferior: © 2010 Thinkstock. 41 superior à direita: © 2010 Thinkstock, inferior: © Lee Foster/Lonely Planet. 43 superior: © David Peevers/Lonely Planet, centro: © Jerry Alexander/Lonely Planet. 44: Memphis Image Library. 45 superior (close): © Sabrina Jones, inferior: Memphis Image Library. 46 superior: © 2010 Thinkstock, inferior: Memphis Image Library. 47 superior à esquerda, superior à direita & inferior

à direita: Memphis Image Library. 48 superior both: Memphis Image Library, inferior: © Lee Foster/Lonely Planet. 50: © 2010 Thinkstock. 51 superior (close): © Jim Virga. 52 superior: © 2000-2010 PhotoSpin, Inc. 53 superior: © 2010 Thinkstock. 54 superior: © 2010 Thinkstock. 55 superior à esquerda: © Getty Images. 56 centro: © Getty Images. 58: © 2010 Thinkstock. 59 superior (close): Fred R. Conrad/The New York Times/Redux. 60 both: © 2010 Thinkstock. 61 superior à direita & inferior à esquerda: © 2010 Thinkstock, inferior à direita: Cortesia de New Orleans Convention e Visitors Bureau, Jack Edwards. 63 inferior: Cortesia de New Orleans Convention e Visitors Bureau, Richard Nowitz. 65 inferior: © 2000-2010 PhotoSpin, Inc. 72: © 2010 Thinkstock. 73 superior (close): © Mary Randlett, inferior: © 2010 Thinkstock. 75 inferior à direita: © Atlantide Phototravel/Corbis. 76 superior: © 2010 Thinkstock. 77 inferior à direita: © Peter Ptschelinzew/Lonely Planet. 78: © 2010 Thinkstock. 79 superior (close): © William Bodenschatz, inferior: © 2010 Thinkstock. 80 inferior: Destination DC/Jason Hawkes. 81 inferior: © 2010 Thinkstock. 82 superior à direita: Destination DC/Jason Hawkes. 83 inferior: Destination DC/Carol Pratt.

Editor executivo: Michael Jay Friedman
Direção editorial: Mary Chunko
Editor-chefe: Chandley McDonald
Direção de design: Min-Chih Yao
Editores consultores: Anthony Crews
Michael J. Bandler
Pesquisa fotográfica: Ann Monroe Jacobs



Bureau de Programas de Informações Internacionais
DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA
<http://www.america.gov/publications/books.html>



MINHA CIDADE: ESCRITORES FALAM SOBRE CIDADES AMERICANAS

MINHA CIDADE

ESCRITORES FALAM
SOBRE CIDADES
AMERICANAS

Bureau de Programas de Informações Internacionais
DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS
<http://www.america.gov/publications/books.html>

Créditos das fotos:

Todas as imagens são creditadas a © AP Images, exceto as seguintes:

Capa frente e verso: © Fotosearch. Página 2 superior: © Derek Shapton. 3 esquerda e centro-esquerda: © 2000-2010 PhotoSpin, Inc., centro-direita: Kenny Braun/TxDOT, direita: © 2010 Thinkstock. 4 esquerda: Biblioteca de Imagens Memphis, centro-esquerda e centro-direita: © 2010 Thinkstock. 5 ambas: © 2010 Thinkstock. 8 esquerda: © 2010 Thinkstock. 9 esquerda: © Franz-Marc Frei/CORBIS. 13 superior (close): © Marie Arana. 15 centro: Baltimore Area Convention e Visitors Association. 16 superior: © 2010 Thinkstock, inferior: Baltimore Area Convention e Visitors Association. 17 tudo: Baltimore Area Convention e Visitors Association. 18: © 2000-2010 PhotoSpin, Inc. 19 superior (close): © Tina Klein. 20 superior: © 2010 Thinkstock, inferior: Greater Boston Convention e Visitors Center. 22 esquerda: © Amanda Hall/Robert Harding World Imagery/Corbis. 24: © 2000-2010 PhotoSpin, Inc. 25 superior (close): © Jon Randolph, inferior: © 2000-2010 PhotoSpin, Inc. 26 inferior: © 2000-2010 PhotoSpin, Inc. 27 superior: © 2000-2010 PhotoSpin, Inc. 30: Kenny Braun/TxDOT. 31 superior (close): © Kellye Sanford. 32 inferior: © 2010 Thinkstock. 36: © 2010 Thinkstock. 37 superior (close): Cortesia de Blake Little Photography. 38 inferior: © Robert Landau/Corbis. 40 superior: © David Peevers/Lonely Planet, inferior: © 2010 Thinkstock. 41 superior à direita: © 2010 Thinkstock, inferior: © Lee Foster/Lonely Planet. 43 superior: © David Peevers/Lonely Planet, centro: © Jerry Alexander/Lonely Planet. 44: Memphis Image Library. 45 superior (close): © Sabrina Jones, inferior: Memphis Image Library. 46 superior: © 2010 Thinkstock, inferior: Memphis Image Library. 47 superior à esquerda, superior à direita & inferior

à direita: Memphis Image Library. 48 superior both: Memphis Image Library, inferior: © Lee Foster/Lonely Planet. 50: © 2010 Thinkstock. 51 superior (close): © Jim Virga. 52 superior: © 2000-2010 PhotoSpin, Inc. 53 superior: © 2010 Thinkstock. 54 superior: © 2010 Thinkstock. 55 superior à esquerda: © Getty Images. 56 centro: © Getty Images. 58: © 2010 Thinkstock. 59 superior (close): Fred R. Conrad/The New York Times/Redux. 60 both: © 2010 Thinkstock. 61 superior à direita & inferior à esquerda: © 2010 Thinkstock, inferior à direita: Cortesia de New Orleans Convention e Visitors Bureau, Jack Edwards. 63 inferior: Cortesia de New Orleans Convention e Visitors Bureau, Richard Nowitz. 65 inferior: © 2000-2010 PhotoSpin, Inc. 72: © 2010 Thinkstock. 73 superior (close): © Mary Randlett, inferior: © 2010 Thinkstock. 75 inferior à direita: © Atlantide Phototravel/Corbis. 76 superior: © 2010 Thinkstock. 77 inferior à direita: © Peter Ptschelinzew/Lonely Planet. 78: © 2010 Thinkstock. 79 superior (close): © William Bodenschatz, inferior: © 2010 Thinkstock. 80 inferior: Destination DC/Jason Hawkes. 81 inferior: © 2010 Thinkstock. 82 superior à direita: Destination DC/Jason Hawkes. 83 inferior: Destination DC/Carol Pratt.

Editor executivo: Michael Jay Friedman
Direção editorial: Mary Chunko
Editor-chefe: Chandley McDonald
Direção de design: Min-Chih Yao
Editores consultores: Anthony Crews
Michael J. Bandler
Pesquisa fotográfica: Ann Monroe Jacobs